



UNIVERSIDADE FEDERAL DOS VALES DO JEQUITINHONHA E MUCURI

Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas

Ingrid Priscila Alves de Moraes

Sentidos da Festa de Sant'Ana do Inhaí (MG): uma análise fenomenológica

Diamantina

2021

Ingrid Priscila Alves de Moraes

Sentidos da Festa de Sant'Ana do Inhaí (MG): uma análise fenomenológica

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, como requisito para obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Roberta Vasconcelos Leite

**Diamantina
2021**

Catálogo na fonte - Sisbi/UFVJM

M827s Morais, Ingrid Priscila Alves
2021 Sentidos da Festa de Sant'Ana do Inhaí (MG) [manuscrito] :
Uma análise fenomenológica / Ingrid Priscila Alves Morais. --
Diamantina, 2021.
90 p. : il.

Orientador: Prof. Roberta Vasconcelos Leite.

Dissertação (Mestrado Profissional em Ciências Humanas) --
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri,
Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas, Diamantina,
2021.

1. Festa Religiosa. 2. Comunidade. 3. Fenomenologia. I.
Leite, Roberta Vasconcelos. II. Universidade Federal dos
Vales do Jequitinhonha e Mucuri. III. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFVJM
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Bibliotecário Rodrigo Martins Cruz / CRB6-2886
Técnico em T.I. Thales Francisco Mota Carvalho



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DOS VALES DO JEQUITINHONHA E MUCURI

INGRID PRISCILA ALVES DE MORAIS

SENTIDOS DA FESTA DE SANTA'ANA DO INHAÍ (MG): UMA ANÁLISE FENOMENOLÓGICA

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em CIÊNCIAS HUMANAS da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, nível de Mestrado, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em CIÊNCIAS HUMANAS.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Roberta Vasconcelos Leite

Data de aprovação: 17/05/2021

ROBERTA VASCONCELOS LEITE

(Doutor - UFVJM) - Orientadora

YURI ELIAS GASPAR

(Doutor - UFVJM)

VIRGINIA DE LIMA PALHARES

(Doutor – UFMG)

LETICIA CAROLINA TEIXEIRA PÁDUA

(Doutor - UFVJM)



Documento assinado eletronicamente por **Roberta Vasconcelos Leite, Servidor**, em 17/05/2021, às 16:37, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Yuri Elias Gaspar, Servidor**, em 17/05/2021, às 16:39, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).

Documento assinado eletronicamente por **Leticia Carolina Teixeira Padua, Servidor**, em 17/05/2021,



às 16:42, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **virginia de lima palhares, Usuário Externo**, em 17/05/2021, às 16:43, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufvjm.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0355527** e o código CRC **F4384BA7**.

Dedico este trabalho a Comunidade do Inhaí Minas Gerais.

AGRADECIMENTOS

Um momento de parar, pensar e refletir. Uma trajetória de muitos aprendizados, de muita conquista, de muita luta e também de algumas decepções. Assim é a vida.

Com as mãos geladas e o coração apertado tento descrever em palavras a minha gratidão a todas as pessoas que fizeram parte desta caminhada junto a mim.

Sou mulher, negra e pobre. A primeira da família a se formar em uma Universidade pública, gratuita e de qualidade. Agradeço imensamente as Políticas Públicas de governo que tornou esse momento possível. Que tornou a Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri uma realidade.

Agradeço a Deus, por me dar força para seguir em frente todos os dias. Agradeço a minha Família, os meus tios, em especial a meu tio Lalu que decidiu me acompanhar do céu, a minha tia Mara, a meus primos, a minha avó Vera, ao meu padrasto Wilson e principalmente a minha musa e influenciadora de toda essa conquista a minha mãe, Eliana.

Agradeço a UFVJM/FIH por me acolher. A todos os meus professores do Bacharelado em Humanidades, da Licenciatura em Geografia e do Mestrado.

Agradeço ao Felipe que me auxiliou na elaboração do meu projeto para o Mestrado. Agradeço a Letícia, a minha inspiradora para todo este processo. Agradeço a Virgínia que faz parte deste trabalho lá de Belo Horizonte. Agradeço ao Yuri por tornar os dias de aula mais leve e confortável. Sou eternamente grata ao Humberto, a Ana Cristina e ao Carlos, professores estes, que iluminaram o meu caminho.

Agradeço a todos os meus colegas do Mestrado, em especial a linha da Educação.

Agradeço ao Grupo de Pesquisa Geografia Humanista, Arte e Psicologia Fenomenológica (GHUAPO).

Agradeço infinitamente a Roberta, uma pessoa iluminada, que sabe exatamente como me incentivar. Uma pessoa que se preocupa que dá apoio, força, e inspiração. Um ser de luz que energiza meu coração. Obrigada por me escolher!

Agradeço com o coração quentinho aos Preciosos da Geografia, amigos estes, que compartilham da mesma trajetória, da mesma luta, das mesmas conquistas, dos mesmos medos e angústias. Amigos estes que me apoiam em todos os meus momentos difíceis e que estão lá para me parabenizar nos momentos de alegria.

Agradeço a comunidade do Inhaí, a todas as pessoas que partilharam experiências comigo, a todas as famílias. Agradeço pelo teto, pela comida, pelo apoio de vocês, Lúcia Maria, Paula, Ihara, Dona Alice, Tuca, Dona Mercês, Jandivison, Dona Jaci, Ivani, Ivania, Léia e Ana Tereza.

Obrigada a todos!

RESUMO

Estudos que abordam a cultura e a religiosidade popular de comunidades rurais podem desvelar como tais fenômenos entrelaçam-se de modo único e potente, permitindo compreender melhor como parte da população brasileira vive. Neste trabalho, objetivamos investigar os sentidos da festa de Sant'Ana do Inhaí (Distrito de Diamantina/MG) para sujeitos da experiência. Na atenção a diferentes modalidades de sentido (de pertencimento, relacionais, religiosos, econômicos), o intuito é delimitar elementos essenciais da festa para essa comunidade rural. De modo a aprender nuances das múltiplas vivências implicadas na festa enquanto fenômeno, adotamos a Fenomenologia Clássica (Husserl, Stein e Ales Bello) como referencial teórico-metodológico. Temas fundamentais para a pesquisa são desenvolvidos no referencial adotado: elementos essenciais das festas tradicionais; as relações entre tempo sagrado e tempo profano, espaço sagrado e espaço profano; as vinculações entre experiência religiosa e devoção a santos no catolicismo popular brasileiro; as especificidades das vivências comunitárias e das comunidades religiosas. Para a coleta de dados, realizamos pesquisa de campo no Inhaí durante e após as celebrações em homenagem a Sant'Ana no ano de 2019. Seleccionamos intencionalmente sete sujeitos que compartilharam conosco suas vivências em relação à festa, alguns de forma presencial e outros de forma virtual. Colhemos relatos que foram transcritos, textualizados e analisados fenomenologicamente segundo as diretrizes de Van der Leeuw. Com esse método de análise, buscamos identificar especificidades das elaborações pessoais e captar elementos compartilhados, tendo como meta delinear como a comunidade do Inhaí vive a festa de Sant'Ana de modo típico. Sendo a pesquisa focada nas elaborações dos sujeitos da experiência, optamos, neste trabalho, por apresentá-las antes dos diálogos teóricos, de modo a valorizar os resultados da pesquisa. Essas elaborações versam sobre sentidos da festa que indicam especificidades de vivências temporais, espaciais, religiosas, comunitárias e de pertencimento. A festa suscita a vivência de um tempo forte e a elaboração sobre as distinções entre o antigamente e o agora, entre o espaço sagrado da fé e o espaço profano da rua. Alguns exaltam a expansão das atrações profanas atraem um público maior de jovens e movimentam a economia local. Outros lamentam o esvaziamento do espaço sagrado e temem pela continuidade da festa se ela perder seu ponto maior. Mesmo divergindo diante dessa tensão em relação ao modo como a festa se divide, devotos e não devotos reconhecem a centralidade de Sant'Ana na constituição da festa, bem como enfatizam o quanto festejar é ocasião de encontros e reencontros. Nos diversos modos de elaborar sentidos da festa, aparece como participar dela se enraíza em participar da comunidade. Na discussão dos resultados com produções sobre outras festas religiosas mineiras, observamos como as relações das múltiplas vivências implicadas em celebrações populares se mostram semelhantes, com um aspecto de resistência enquanto manifestação cultural. Conclui-se que os vários sentidos apreendidos apontam para a festa como vivência de re-união comunitária. Nas diferentes compreensões que diferentes miradas sobre a festa nos permitiram alcançar, colhemos um fio que perpassa, entrelaça, agrega: re-unir em festa é afirmar a comum-idade.

Palavras-chave: Festa Religiosa. Fenomenologia. Comunidade.

ABSTRACT

Studies that address popular culture and religiosity of rural communities can reveal how these phenomena intertwine in a unique and powerful way, allowing a better understanding of how part of the Brazilian population lives. In this research, we aimed to investigate the senses of the Sant'Ana do Inhaí religious festival (Diamantina District / Minas Gerais) in the perspectives of the subjects of the experience. In attention to different modalities of meaning (such as belonging, relational, religious, economic), the aim is to delimit essential elements of the party for this rural community. In order to learn nuances of the multiple experiences involved in the festivity as a phenomenon, we adopted Classical Phenomenology (Husserl, Stein and Ales Bello) as a theoretical-methodological framework. Fundamental themes for research are developed in the framework adopted: essential elements of traditional festivals; the relationship between sacred time and profane time, sacred space and profane space; the links between religious experience and devotion to saints in Brazilian popular Catholicism; the community experiences and religious communities specificities. For data collection, we conducted a field research in Inhaí during and after the celebrations in honor of Sant'Ana in 2019. We intentionally selected seven subjects who shared their experiences with us regarding the party, some in person and others in a virtual way. We collected reports that were transcribed, textualized and analyzed phenomenologically according to the guidelines of Van der Leeuw. With this method of analysis, we sought to identify specifics of personal elaborations and capture shared elements, with the goal of outlining how the community of Inhaí experiences the Sant'Ana festival in a typical way. Since the research is focused on the elaborations of the subjects' experience, we chose, in this research, to present them before the theoretical dialogues, in order to increase the value of research results. These elaborations deal with the meanings of the festivity that indicate specificities of temporal, spatial, religious, community and belonging experiences. The festivities elicit the experience of a strong time and the elaboration on the distinctions between the old and the now, between faith sacred space and the street profane space. Some extol the expansion of profane attractions that gather a larger audience of young people and boost the local economy. Others regret the emptying of the sacred space and fear for the continuity of the party if it loses its main point. Even though they diverge in the face of this tension in relation to the way the party is divided, devotees and non-devotees recognize the centrality of Sant'Ana in the festivity constitution, as well as emphasize how much celebrating is an occasion for meetings and reunions. In the different ways of elaborating the senses of the festival, it appears as participating in it and takes root in participating in the community. In the discussion of the results with productions about other religious festivals in Minas Gerais, we observed how the relationships between the multiple experiences involved in popular celebrations are similar, with an aspect of resistance as a cultural manifestation. It was concluded that the various senses apprehended point to the party as an experience of community re-union. In the different understandings that different perspectives on the party have allowed us to achieve, we have collected a thread that runs through, interweaves, aggregates: to re-unite in a party is to affirm common unity (community).

Keywords: Religious festivals. Phenomenology. Community

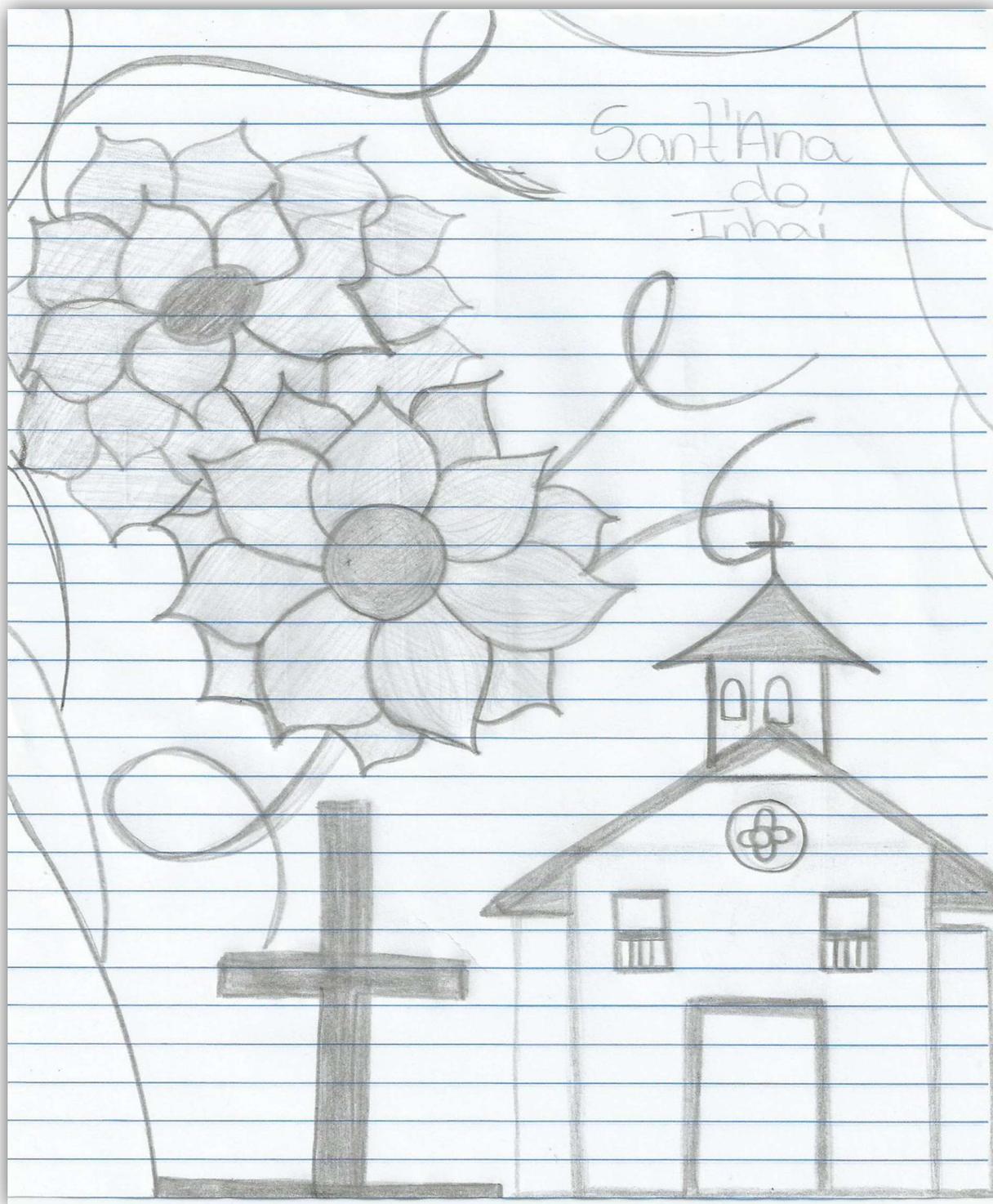
LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Desenho da Igrejinha de Sant’Ana. Ingrid Morais.....	100
Figura 2 – Ponte da Amizade (Maria Nunes – Boa Vista – Inhaí).....	177
Figura 3 – Comunidade do Inhaí distrito de Diamantina/MG.....	19
Figura 4 – Imagem de Sant’Ana do Inhaí/ MG.	266
Figura 5 – Altar da Igreja de Sant’Ana do Inhaí/ MG.....	277
Figura 6 – Família Festeira da Festa de Sant’Ana do Inhaí, 2019.	288
Figura 7 – Levantamento da Bandeira ao Mastro, Festa de Sant’Ana do Inhaí 2019.....	28
Figura 8 – Bandeira ao Mastro.	29
Figura 9 – Festa de Rua de Sant’Ana do Inhaí/ MG, 2019.	334
Figura 10 – Banda de Música Sant’Ana do Inhaí/MG. Festa de Sant’Ana de 2019.....	411
Figura 11 – Celebração da Santa Missa em comemoração a Sant’Ana do Inhaí/MG em 2019.	455
Figura 12 - Praça do Largo do Inhaí	54

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
PARTE I	15
1.1. <i>Menina! Você é filha de quem?</i>	16
1.2. <i>Um momento muito especial, a melhor época do ano</i>	25
1.3. <i>Hoje em dia o pessoal vem pra festa com o intuito de aproveitar mais a rua</i>	31
1.4 <i>A devoção como ponto maior</i>	37
1.5 <i>Um ponto de encontros e reencontros</i>	45
1.6 <i>Eu gosto muito do meu lugar</i>	51
PARTE II	59
2. Diálogos teóricos	60
2.1. A centralidade da experiência	60
2.2. Reunir para festejar	62
2.3. Dois tempos	64
2.4. Dois espaços	66
2.5. O motivo da festa	68
2.6. Festejar para re-unir	70
3. O caminho trilhado rumo à experiência-tipo	77
4. Discussões: outros espaços, outros momentos	81
5. Novas aberturas, outras possibilidades	85
REFERÊNCIAS	87

Figura 1 – Desenho da Igrejinha de Sant'Ana. Ingrid Moraes



Fonte: Arquivo pessoal.

INTRODUÇÃO

Quando pensamos em comunidades rurais, imaginamos, às vezes com um olhar pre(conceituoso), o atraso ou a falta de algo. Quando pensamos em comunidades rurais, imaginamos vários aspectos que poderiam desenhar suas formas, pequenas casinhas, com duas janelas à frente e uma porta azul. Na janela à esquerda, uma senhora com um braço se apoiando e uma mão no rosto com lenço cobrindo os cabelos. O entardecer se inicia.

Quando pensamos em comunidades rurais, imaginamos uma casa de pau a pique, um quintal com muitas árvores frutíferas, uma horta! Tomate, chuchu, maracujá, couve, cebolinha... E se for de Minas, o ora-pro-nóbis, a feira está feita! O angu na panela de barro, a janta está posta.

Quando pensamos em comunidades rurais, imaginamos naquele quintal, um forno ao fundo, um galinheiro, talvez um chiqueiro, shows de galos já cantando o nascer do sol. A dona se prepara, mais um dia feito. As graças são dadas, o Senhor abençoa.

Quando pensamos em comunidades rurais, nos enganamos! Lá, não é somente isso, e muito menos o que pre(conceituamos). A comunidade pode ser roça, um lugar, um lar, pode ser um abrigo. Ela tem várias e muitas formas, as ruas podem ser só de terra, pode ser de asfalto. Pode ter aquela vendinha daquele Senhor que tá lá a mais de 30 anos onde você encontra tudo. Pode ter uma pracinha que agrupa uma mocidade, pode ter uma igreja que está sempre presente. Caso esteja perdido no mundo, aí, ache uma igreja.

A vida é uma caixinha recheada de surpresas. Às vezes planejamos algo por um longo período de tempo, seguimos um roteiro, o primeiro passo a ser dado, uma ordem lógica para a execução das nossas atividades, uma divisão do que pode, e do que não pode ser feito, mas, quando tudo isso sai do controle e acontece exatamente o ao contrário?

No munda-da-vida, seguimos o que é ditado pelas gerações anteriores. Quando passamos a questionar o que está posto, mudamos a nossa atitude natural, e buscamos compreender somente o fenômeno, fenômeno este, que devemos deixar aparecer, deixar que nos mostre. Quando conseguimos suspender nossas (pre)concepções é quando podemos nos dar conta do verdadeiro sentido da coisa. É o máximo sentir que você tenha atingido a suspensão, mas é um caminho difícil, onde seguimos em frente e muitas vezes voltamos para trás. A suspensão de nossos preconceitos é um processo de reconstrução de nossas ideias já aprendidas e talvez perdidas, tudo é um processo longo onde buscamos nos permitir. A Festa de Sant'Ana do Inhaí surge para mim, neste sentido.

Na estrada de terra, estreita e com muita poeira, seguimos ao Inhaí, terra de Sant'Ana, distrito de Diamantina, Minas Gerais. No meio do cerrado com árvores que se encontram formando um lindo túnel natural, com suas plantas nativas, pequi, araticum, mangaba e também cagaita, contornando todo o caminho até a chegada do pequeno distrito. É impossível falar da chegada ao Inhaí sem mencionar a Ponte da Amizade, sobre o Rio Jequitinhonha, uma ponte de madeira extensa que une os distritos de Maria Nunes, Boa Vista e Inhaí, que marca a passagem de todos que vão a esse lugar. Essa ponte tem significado, histórias e emoção, quem é da região conhece e é capaz de passar por ela vendado e saber exatamente qual lugar é.

Chegando lá, tantas pessoas! Uma grande movimentação me chama atenção, esse final de semana seria então a Festa de Sant'Ana, padroeira local. Pessoas dispostas na arrumação da igreja, pessoas na organização das barraquinhas, jovens testando o som, todos envolvidos num mesmo propósito: a Festa de Sant'Ana. Sigo caminhando por toda a comunidade, todas as casas estão de portas abertas e gente por toda a parte. Próximo à igreja avisto uma senhora de braços na janela, com um olhar de gratidão ao ver os netos descalços correndo pelas ruas. Carros e mais carros com placas de várias localidades chegando: Diamantina, Belo Horizonte, São Paulo.

Mais ao entardecer, começo a me perguntar sobre os significados de toda aquela movimentação para a comunidade. Final de semana de Festa. Quais seriam os sentidos de tudo aquilo? Não fazia muita ideia. Sigo para a missa, acompanho o cortejo, vejo a Santa envolta em flores, ladeada por estandartes e a bandeira para ser erguida ao mastro. Logo atrás vem a banda de música Sant'Ana do Inhaí, todos vestidos de azul num mesmo ritmo seguindo a Santa. As pessoas se aproximando, todos com os olhares seguindo a Santa.

Num piscar de olhos, uma multidão estava no cortejo. Pessoas de todas as idades: velhos, jovens e crianças, um misto de histórias. Seguindo em orações, cantos, fogos, o sino tocando, muito barulho, fogos, muitos gritos: Viva Sant'Ana! Uma festa religiosa católica “comum”, mas que de repente despertou em mim um sentimento inexplicável que me fez arrepiar dos pés à cabeça. Parei e respirei fundo, fechei os olhos e me permiti sentir a energia que estava ali. Neste momento percebi que o meu objeto de estudo seria a Festa.

Via pessoas sorrindo, pessoas chorando emocionadas por graças atendidas, pessoas agradecidas por estarem ali com suas famílias. Tudo isso me permitiu intuir sentidos. Era sim um momento de festa, mas não era somente isso. Havia uma tradição e um significado em cada momento de experiência.

Assim que a festa na igreja “acabava”, as pessoas seguiam nas ruas com cantos, músicas e uma diversidade de coisas. As barraquinhas davam início às suas vendas, comidas e bebidas

típicas, quentão, canjica, caldo, pinga... Momento de grande significado para a comunidade. Momento também para começar a pensar sobre a festa do ano seguinte.

A festa continua na rua, nos becos e na praça. Segue por toda a madrugada, até a alvorada, onde os mais velhos perpetuam a tradição de irem cantando e tocando até a igreja antes do amanhecer. Já no dia seguinte, com a festa a todo vapor, as pessoas agradecidas vão até a casa do festeiro do ano, para compartilhar o almoço. Um momento de união, de comunhão. Há relatos de que a festa se encerrava a partir do momento em que se distribuía um doce. E a partir disso, logo a comunidade se juntava para o sorteio do novo festeiro.

A festa é envolta de algumas polêmicas tradicionais de festas em comunidades rurais. Sobre a escolha do festeiro que por muito tempo ficou sob o domínio de uma única família. E também sobre o crescimento da festa de rua, em detrimento das celebrações religiosas, o que é visto por alguns como um problema.

Através de minha experiência adquirida na comunidade, o tema de estudo surge. O objetivo do presente trabalho é compreender os sentidos da festa de Sant'Ana do Inhaí para membros da comunidade. Na atenção a diferentes modalidades de sentido (de pertencimento, relacionais, religiosos, econômicos), o intuito é chegar a delimitar elementos essenciais da festa para essa comunidade rural.

Entender sentidos de pertencimento, relacionais, religiosos, econômicos nesses locais é contribuição para compreender como parte da população brasileira vive, posto que características da ruralidade ainda são encontradas com frequência no interior e, mesmo quem hoje reside nas cidades, muitas vezes ainda se considera membro da comunidade de origem e atualiza esse pertencimento principalmente durante as festas que reúnem os “filhos da terra” que migram (MAHFOUD; RIBEIRO, 1999).

Reconhecendo que a cultura está intrinsecamente ligada ao modo com que cada pessoa vê o mundo e que também em comunidades rurais tradicionais cada pessoa vê o mundo de uma maneira única (COELHO JÚNIOR; MAHFOUD, 2006), entendemos que as elaborações de cada pessoa sobre a festa de Sant'Ana têm forma singular e precisam ser estudadas com atenção às experiências.

Essas colocações dialogam com a discussão de Leite (2016) sobre como a tradição pode se manter viva no mundo moderno a partir da afirmação de alguns valores centrais somada à abertura à novidade instaurada por cada geração. Por isso é importante que cada vez mais pesquisas reconheçam e valorizem a complexidade da cultura, da religiosidade popular e rural, explicitando a pertinência de estudar esses fenômenos a partir de como as pessoas elaboram sua

participação em festas tradicionais, em que diferentes vivências entrelaçam-se de modo único e potente.

Esta pesquisa coloca-se no âmbito da fenomenologia enquanto caminho de pesquisa, pois ela prioriza a experiência para compreender os fenômenos. A fenomenologia se volta àquilo que se apresenta ou que se mostra, trata-se de uma corrente filosófica que afirma a importância dos fenômenos da consciência. Esta corrente explicita a crise das ciências formais (positivistas) que, em busca de uma suposta neutralidade científica, acabam por afastar-se do mundo-da-vida, do cotidiano, baseando a ciência em abstrações e alçando seu saber como único e/ou mais importante (PÁDUA, 2016).

Seguindo o percurso de apresentação de uma pesquisa fenomenológica, este trabalho se baseia nas obras de Mahfoud (2003) e Leite (2016), desenvolvendo inicialmente a experiência dos sujeitos da pesquisa, e na segunda parte discorrendo sobre nosso referencial teórico. “Com tal ordenação é possível privilegiar a força daquilo que encontramos, de modo que o leitor possa melhor acompanhar o percurso de análise que se constitui como o coração da pesquisa” (LEITE, 2016, p. 35).

A Parte I apresenta seis subtítulos, com os resultados de nossa pesquisa. Todos os subtítulos são falas das pessoas que participaram deste trabalho. Esta parte tem um caráter mais narrativo, onde os depoimentos das sete pessoas envolvidas são apresentados segundo a ordenação de vivências que emergiu na análise. Na Parte II é explicitado nosso referencial teórico, justificando o aporte na fenomenologia e trazendo outros autores que podem nos auxiliar no desenvolvimento da temática. Apresentamos o caminho metodológico até a delimitação da experiência típica da festa. Posteriormente realizamos uma breve discussão com algumas pesquisas sobre a temática de Festas, Festas religiosas e Festas em Comunidade. Por fim, as considerações finais.

PARTE I

1.1. Menina! Você é filha de quem?

Em uma tarde de sol, pego minha bolsa e vou para o ponto de ônibus. O meu destino seria mais uma vez a comunidade do Inhaí. Lembro-me exatamente de cada passo dado naquele dia, meu diário de campo era minha companhia. No percurso, sacolejando dentro do ônibus, uma diversidade de pessoas. Homens, mulheres, crianças, idosos.

Paradas para embarcar, uma volta por alguns bairros dentro de Diamantina, antes de seguir o rumo. Paradas para receber encomendas: “Oh Senhor Geraldo, leva essa caixa aqui para mim, entrega lá na mercearia da Dona Maria, ela vai estar esperando”.

Seguimos, passando por último entre a Serra dos Cristais, ali por trás da Igrejinha da Serra de Nossa Senhora Aparecida. Todos embarcados, o trocador passa de poltrona a poltrona, recebendo o dinheiro da passagem e entregando um bilhete, vinte reais e uns quebrados. Descemos o famoso Gombô e aquela leve pressão nos ouvidos e um borbulhar na barriga, um misto de medo e alegria.

Ao chegar a Mendanha, uma parada para o lanche, 10 minutinhos, no posto de combustível. Ali a estrada de asfalto termina, a BR acaba e o caminho por terra é o nosso destino. Muita poeira, árvores dos todos os lados. Cercas de arame farpado. Porteiras de madeira. Muita conversa dentro do ônibus. Todos ali se conheciam. Algumas pessoas estavam voltando de consultas médicas, outras estavam na cidade para fazer compras e outras a passeio mesmo.

Estava sentada na primeira poltrona do lado direito, sozinha, observando cada detalhe da estrada, a conversa paralela dentro do ônibus e as pessoas que estavam ali. Uma senhora que estava do lado esquerdo, atrás do motorista, também sozinha, conversava o tempo inteiro. Com todo mundo que estava dentro do ônibus ela interagia, perguntava constantemente: “Conseguiu resolver o negócio lá? Como está isso? Como está aquilo?”. Até com quem passava ao nosso lado, fora do ônibus, ela conversava: “Já lá vai ‘ocê de novo né? De bicicleta, vai com Deus!” “Esse menino é animado vai e volta de bicicleta pra Diamantina”. Eu achando aquilo incrível.

Percebi que a todo o momento que ela conversava com alguém, ela me olhava. Seu olhar dizia: você sabe quem é aquela menina? Quem é essa menina? Ela estava visivelmente incomodada de não saber quem eu era, a única pessoa que ela não conhecia e com que não tinha conversado.

“Menina! Você é filha de quem?” Eu com um sorriso no rosto, com um olhar de: sabia que você ia conversar comigo! No fundo estava achando tudo muito engraçado, e tinha certeza

de que ela não desceria do ônibus sem trocar uma palavra comigo. Eu respondo. Ela diz não conhecer. Ela me pergunta com as seguintes palavras, “vai ficar na casa de quem?” Explico a ela. Ela exclama: “ah, na casa do povo de Ivani, você é parente deles?” Respondo que sou amiga da família.

Ela espantada em não saber Ingrid de quem. Continuávamos a conversar. Contei a ela toda a minha história, a minha infância na comunidade, as famílias que eu conhecia dali. Eu era então Ingrid de Ivani. Fui referenciada. Uma característica de locais pequenos, e que eu já conhecia. Em Diamantina sou Ingrid de Vera.

Dentro do ônibus já pude perceber algumas questões que me pareceram importantes para aquelas pessoas da comunidade: o conhecer todo mundo e saber as suas origens. Em pouco tempo algumas pessoas que estavam mais próximas de nós duas já estavam participando da conversa e me fazendo novas perguntas. Desci do ônibus enturmada.

Figura 2 – Ponte da Amizade (Maria Nunes – Boa Vista – Inhaí).



Fonte: SILVA, Ihara.

Na descida, Ivania de Ivani me esperava para seguirmos até asua casa. Entrei no ônibus às 15 horas, sai por volta das 18 horas. Com várias voltas por outras comunidades, Boa Vista, Maria Nunes e algumas que nem sei o nome. Entregas de muitas encomendas, as pessoas já nas portas no exato momento do ônibus passar por ali, todos os dias. Foram três horas que eu nem percebi, retirando a parte da passagem pela ponte da Amizade. A hora que eu tive vontade de descer do ônibus e seguir a pé, mas nem coragem de ir andando por ela eu tinha. Deste a minha infância esse sentimento de medo por passar ali, me consome e é um momento dos mais marcantes do caminho.

Depois da chegada, fui tomar um café. Ajeitando as minhas coisas no quarto, me vi com o diário na mão, pronta para escrever. Fui levada à minha infância de uma maneira que eu não imaginava. Eu já conhecia a comunidade do Inhaí, cresci indo frequentemente em algumas casas por lá.

Meu padrasto era garimpeiro na época, o Inhaí era a sua morada. Todos os finais de semana ele nos buscava, minha mãe e eu, na caminhonete café com leite com a carroceria de madeira, uma D10. Eu amava e odiava ao mesmo tempo. Amava ir passear mais odiava estar com adultos. Tinha uma amiga, minha única esperança era ela, Ana Tereza. Até que enfim eu poderia brincar, correr na rua tranquila e sem grande movimento de carros, ir no rio, nadar (molhar os pés na verdade, pois não aprendi a nadar), ir na casa de Dona Alice e comer biscoitos, daquele forno de barro gigante (cabíamos Ana Tereza e eu lá dentro). Eu gostava muito de estar ali.

Neste momento ia lembrando também do garimpo, atividade forte da região. Vinha à minha mente o momento em que eu brincava na beira d'água, e os amigos de meu padrasto batendo peneira, ensinando minha mãe como deveria ser feito. Num desses momentos, meu padrasto achou ouro, e foi um instante de muita alegria. Depois de todo o processo necessário, a preparação, ele mandou para uma joalheria em Diamantina e pediu para fazer dois anéis, um para minha mãe, e um para mim. Anelzinho miúdo, com uma pedrinha em forma de coração.

Parecia que estava revivendo aqueles momentos. Foram minutos de distração até que ouvi uma voz me chamando: “Vamos?” Ivania me chamava para fazermos uma visita. Já havíamos conversado anteriormente, ela sabia da minha pesquisa, e ela foi o meu guia pelas visitas em algumas casas. Deixei acontecer, dei espaço para que as pessoas dali pudessem desenhar o caminho que eu deveria seguir.

Figura 3 – Comunidade do Inhaí distrito de Diamantina/MG

Fonte: Arquivo Pessoal

No mesmo dia em que cheguei ao início da noite, a primeira casa que visitei (além da casa de Ivani, mãe de Ihara e Ivania) era da Dona Mercês. Andamos dois minutinhos e chegamos. Vizinha das meninas. Ela estava na janela, com lenço na cabeça, uma senhorinha negra e pequena.

O que estou fazendo aqui? E agora Senhor? O que eu devo fazer? Uma angústia enorme me consumia. Não sabia como deveria seguir. Lembrei-me de um momento, em uma das aulas de Geografia Humanista em que deveríamos conversar com pessoas aleatórias no centro de Diamantina, o assunto era o que aparecesse, de forma com que a pessoa se sentisse a vontade de estar ali compartilhando histórias comigo. A dica era contar sobre nós para que a pessoa pudesse se abrir. Momentos de enorme angústia que as aulas de Geografia Humanista sempre proporcionavam, mas que funcionavam. Num desses momentos conversei com uma desconhecida no banheiro do Mercado Velho sobre a sua família e seus filhos que eram estudantes da Universidade e que por coincidência um deles foi meu colega de turma em algum momento.

Respirei. A festa de Sant’Ana tinha recém acontecido. Aproximei-me junto de Ivania, ela cumprimentou, Dona Mercês respondeu. Uma Senhora com aproximadamente 70 anos de idade. Começamos a conversar sobre a festa, ela nos chamou para entrar em sua casa, entramos.

Sua casa é na rua de frente à entrada da igreja, ela estava na janela observando a sua neta brincar. Uma casa simples, branca com janelas verdes. Dona Mercês se mostra uma senhora tímida, que sempre me dizia não saber de muita coisa, talvez por eu ser uma forasteira ela buscava formas de se justificar, mas de forma rápida me contou sobre a sua história de vida e de seu relacionamento com a padroeira Sant’Ana.

De início, ela contava sua história, e abaixava a cabeça, mexendo sempre com as mãos. Conversamos até sobre o clima, foi quando ela se mostrou mais a vontade e apresentou sua visão sobre a festa de Sant’Ana. Foi uma conversa rápida, mas de grande valor.

Sai de sua casa com um entusiasmo maior ainda. Andando sem destino certo, ao longo do Largo do Inhaí, por uma praça, e ao lado a Igreja de Sant’Ana, passo observando rapidamente. Uma calmaria.

Seguimos. Ivania me leva até a casa de Lúcia Maria. Andamos pouco, até porque a comunidade é pequena. Subindo a rua principal, viramos uma rua à direita e andamos alguns poucos metros. Uma casa aparentemente grande. Sons de pessoas conversando e dando risadas.

“Lúcia Maria!” Chamamos. Ninguém responde. As risadas continuam. “Lúcia Maria!” Desta vez chamamos mais alto, uma mulher atende pela janela. Era a irmã de Lúcia Maria, Rosa. Ela convida para entrar, entramos.

A conversa rende rápido, parece que nos conhecíamos há anos. Uma família de professoras, com muitas histórias. Lúcia Maria participa ativamente das atividades da igreja, ela organiza as pastorinhas¹, faz parte do coral, faz parte da AMAI – Associação dos Moradores e Amigos de Inhaí. É uma pessoa muito conhecida na comunidade, ativa religiosamente e politicamente.

Lúcia Maria é uma mãe com filhos já adultos. Ela se apresenta como uma pessoa muito agitada. Com seus 47 anos de idade, ela tem muitas ideias, questionamentos e ações. Conversamos sobre tudo, todos os assuntos possíveis. As risadas continuaram, mesmo após a nossa chegada. Sua irmã coava café, e Lúcia Maria distribuía bombons para adoçar nosso paladar.

¹ As pastorinhas são personagens que representam tradições da cultura popular brasileira em festas populares. São formadas por crianças que realizam apresentações, danças e cantos.

O tempo foi passando e quando notamos já estava na hora da janta, não queríamos atrapalhar. Ivania e eu decidimos ir embora e voltar talvez num outro dia, para continuar com a nossa conversa.

Fomos para casa. Pensamos em fazer outra visita, mas o horário não convinha. Ao chegar à casa de Ivani, ela já nos esperava para jantar. Durante a refeição conversamos um pouco sobre o desenrolar do dia. Ela sugeriu muitos nomes que quem poderia conversar comigo sobre a festa de Sant'Ana.

Sem ao menos perceber, ela discorria sobre a sua interpretação da Festa de Sant'Ana. Suas insatisfações e sobre a sua fé. Devota da padroeira, Ivani, 41 anos de idade, é uma mulher forte, de personalidade incrível, que me acolheu em sua casa, sem ao menos me conhecer profundamente. Preparou café, almoço, janta, me deu um teto, uma cama, ela me deu um lar. Foram dois dias em sua casa me tratando como se eu fosse uma de suas filhas.

Ela é ministra nas missas que ocorrem todos os domingos, participa ativamente das atividades dentro igreja. Ao entrar na Igreja, ela se apresenta à Santa, como forma de respeito e admiração. Como se ela pedisse a benção.

No dia seguinte, quando levantei cedo, a mesa do café da manhã já estava posta, Ivani havia ido trabalhar, Ivania tinha ido para escola, estava sozinha na casa enorme, com dois gatos seguindo meus passos (inclusive um deles dividiu a cama comigo).

Levantei, tomei o café e em seguida um banho, eram oito e meia da manhã. Decidi sair e andar pela comunidade. As portas estavam cerradas, não havia chaves. Fiquei com receio de sair e deixar tudo aberto, mas estava tudo muito tranquilo e os vizinhos me viram sair.

Lembrei-me de Dona Jaci, uma senhora que já conhecia há alguns anos. Um amor de pessoa, com seus 70 e poucos anos. Segui até a sua casa, que é mais afastada das outras, saindo do caminho de asfalto e entrando no caminho de terra. Ao chegar lá, chamei somente uma vez, ela veio assustada por me ver voltar, me abraçou e me mandou entrar. Dona Jaci me acolheu em sua casa no final de semana que aconteceu a festa de Sant'Ana, uns 15 dias antes. Com ela fui à missa principal do levantamento da bandeira ao mastro e nos emocionamos juntas.

Dona Jaci também foi uma mãe comigo. Ficou muito agradecida por eu ter voltado e retornado à sua casa. Na mesma hora fez café, me serviu biscoitos feitos por ela mesma. Andamos pelo seu quintal, até porque ela não ficava quieta em lugar nenhum e eu a seguia para todos os cantos, me levou até onde seu marido torrava farinha. Conversamos durante parte da manhã. Despedi-me e segui.

Subi por todo o Largo, andava para um lado, retornava para outro lado. Vi de longe Ana Tereza (minha amiga de infância). Resolvi ir até a sua casa. Ao chegar lá, elas estavam

preparando o almoço. Quando assustei já estava na cozinha, tomando café mais uma vez. Conversamos por um pouco mais de uma hora, eu, Ana Tereza e Léia a sua mãe. Relembramos o tempo de minha infância, permitimos num momento de nostalgia, apenas sentir saudade. Saudade da inocência, da pureza, da tranquilidade em apenas viver bem. Sentimos algumas perdas e não nos permitimos abalar. Elas não quiseram ser gravadas, e eu respeitei essa vontade.

No desenvolver de muitas lembranças, almoçamos. Não podia ir embora sem almoçar, seria uma desfeita. Fui para a casa de Ivani, e ao chegar lá, ela estava terminando o almoço, lavei minhas mãos, e ela só me questionou, você gosta de omelete? Meu prato já estava no jeito, ela me aguardava para comer. Almocei novamente. Caso recusasse, a desfeita seria maior ainda.

Ivania chegou da escola, ela estava nos preparativos para o desfile de sete de setembro. Último ano na escola, prestes a se formar no ensino médio. À tarde andamos mais um pouco, ela aproveitou para irmos a algumas casas buscar e levar para experimentar roupas que seriam usadas no desfile.

No meio da tarde passamos na casa de Dona Alice. Dona Alice é uma senhora de 60 e poucos anos, viúva, mãe de Léia, avó de Ana Tereza. Seu quintal fez parte da minha infância. Brincávamos em meio a suas plantas e aos pássaros. Por sinal, continuava do mesmo jeitinho.

Ela nos convidou para entrar, entramos e ficamos na sua varanda, conversamos bastante. Em seguida entramos casa a fora, cômodo por cômodo, até o quintal. Ela nos serviu água, depois refrigerante, depois doce e depois bombons. A minha visita foi algo inesperado e alegre, relembramos muitos fatos, alguns puxões de orelha e conversamos muito sobre lembranças e memórias.

No meio de tanto assunto, seu neto liga e diz que retornaria para Diamantina às 18 horas. Ela conta que eu estava lá, na sua casa, ele me convida para retornar com ele, de carona. Eu iria embora ao outro dia às seis da manhã, teria que pagar a passagem e levantar muito cedo, desta forma, aceitei a carona sem hesitar. Estava satisfeita com a recepção de todos que tive a oportunidade de conversar, feliz e animada com todas as histórias que eles compartilharam comigo. Senti que estava pronta para desenvolver a pesquisa a partir dessas conversas.

Numa animação em fazer algo novo, o tema de festa religiosa sempre me entusiasmava, queria participar de todas, estar em todas, mas meu foco era o Inhaí. Aos poucos íamos desenvolvendo conversas, tendo ideias e momentos de angústia.

O final do ano de 2019 já estava próximo. Por mais que eu estivesse feliz com o desenvolvimento, os primeiros passos dados do trabalho, meu desejo era que o ano acabasse logo. Foi um ano difícil para a minha família, um ano de perda de alguém muito querido. Exatamente no momento em que passávamos por essa perda, que a Festa de Sant'Ana surgiu.

Eu decidi ir para a comunidade ficar um final de semana por lá, para aliviar o coração. E de fato esse alívio veio.

Chegamos ao Ano Novo. Muita expectativa, muita coisa para fazer, muitas idas pensadas ao Inhaí. Não imaginávamos as proporções do que aconteceria em 2020. Inicia-se uma pandemia, algo só visto por mim em filmes ou nos livros de história e geografia. Nunca pensei que viveríamos algo parecido.

O novo Coronavírus ou SARS-Covid-19 surgiu e vem devastando a população mundial, em todos os aspectos. Uma calamidade pública na saúde, milhares e milhares de mortes, números inimagináveis e que nem sei dizer ao certo. Várias famílias, tantas perdas, nossa saúde mental não dá conta. É uma devastação física e mental.

Em março de 2020, o isolamento domiciliar se inicia, era algo assustador. A ordem era: “fique em casa!” Em caso de necessidade para sair, mantenha distanciamento, use máscara e álcool em gel. Algumas pessoas respeitavam muitas não.

Minhas ideias foram reestruturadas. Tínhamos que pensar em uma forma de continuar a pesquisa sem prejudicar o nosso trabalho. O distanciamento social era necessário, não podíamos mais tomar cafés na mesa pequena ao fundo da cozinha, não podíamos mais visitar várias casas num só dia. As conversas eram agora via aplicativo de mensagem ou por vídeo-chamada.

Tivemos que nos adaptar para que a vida pudesse continuar. As aulas agora eram por chamada de vídeo, cada um em sua casa. As vendas online dispararam, junto dos novos casos, das mortes, do número de desempregados, do número de pessoas com problemas com a saúde mental. Mas era preciso continuar de alguma forma, sempre nos adaptando às novas necessidades. Na espera ansiosa de uma vacina.

As minhas idas ao Inhaí passaram a ser através das redes sociais. As transmissões online faziam parte do meu cotidiano para acompanhar as celebrações das missas na igreja de Sant’Ana. Passamos pela Semana Santa, nos preparávamos para a festa de Sant’Ana. Como ela seria? O seu novo jeito seria de fato uma festa?

Conversava sempre que possível com alguém de lá. Mantive contato com a Dona Ivani e com Lúcia Maria por mais vezes. Iniciei novas conversas com pessoas que não tive a oportunidade de conhecer pessoalmente. É neste momento meu contato com Ihara em relação à pesquisa se fortifica.

Dentre todas as pessoas com quem conversei, Ihara (27 anos) é a responsável por me direcionar. Por me indicar junto de sua irmã Ivania, cada casa que colocaria os pés, cada contato para conversarmos um pouco sobre a Festa de Sant’Ana. Ela é o meu centro.

Ihara é uma amiga que a faculdade me proporcionou, nos conhecemos no Bacharelado em Humanidades em 2013. Mas talvez já houvéssemos nos conhecido antes, pelas minhas andanças e brincadeiras nas ruas do Inhaí. Quando criança tínhamos uma amiga em comum, Ana Tereza, por isso a minha dúvida em saber se Ihara é minha amiga deste sempre.

Fizemos coincidentemente o mesmo percurso no Bacharelado e escolhemos igualmente a Geografia. Conheci a fenomenologia através de seu Trabalho de Conclusão de Curso que ela desenvolveu com Diana, também vinda da comunidade do Inhaí e amante da Geografia Humanista. Através do trabalho das duas, conheci a Geografia vivida e sentida de outra forma.

A partir do dia em que conversamos e eu lhe contei que gostaria de estudar a Festa de Sant'Ana, ela sempre me auxiliou e sempre conversamos a respeito. Ihara é uma pessoa que cresceu envolta das práticas religiosas voltadas a Sant'Ana. Sua mãe é uma mulher devota. Ihara fez parte da banda de música da comunidade. Conheci o famoso Bombardino com ela e Diana. Ela foi coroinha. Participava ativamente de várias atividades dentro da igreja.

Até hoje ela está sempre que possível presente nas celebrações no dia da padroeira. A festa de Sant'Ana, para ela, tem muitos significados. E foi com a abertura a esses significados que ela me indicou outros três membros da comunidade, que aceitaram participar da pesquisa.

Tuca é uma jovem comerciante indicada por Ihara justamente por ser uma pessoa envolvida na área comercial da comunidade e que é afetada diretamente pela festa. Ela é uma mulher jovem de 32 anos, batalhadora. Se mantém na comunidade com a agricultura familiar e, quando há movimento no Inhaí, abre a sua lanchonete.

Jandívison, único homem com quem conversei, 28 anos, hoje reside em outro Estado. Ele é um jovem músico, um verdadeiro artista que a comunidade do Inhaí criou. Pude conhecer seu trabalho através das redes sociais e através da Ihara, que me apresentou um artista local para falar a festa.

Paula, 30 anos, é uma jovem extremamente religiosa e devota a Sant'Ana. Ela trabalha na paróquia da comunidade e conta seguir fielmente todos os passos, os ensinamentos religiosos da igreja católica. Seu contato também foi por indicação da Ihara.

Todas as pessoas que participam deste trabalho foram escolhidas de maneira intencional. As conversas que tive durante a pandemia foram através de ligações, mensagens de voz, depoimentos e trocas de textos. O encontro presencial tem o seu valor, e seria de grande importância para o desenvolvimento do trabalho, mas não sendo viável, adaptamos ao possível. As emoções parecem estar sempre à flor-da-pele durante esses meses: a cada palavra digitada meu coração se agita, a cada áudio trocado, a pessoa fica mais próxima. Dá para perceber a intensidade e as emoções que são despertadas também do outro lado da rede.

1.2. *Um momento muito especial, a melhor época do ano*

Às vezes quando conversamos com pessoas que possuem uma boa energia nem sentimos o tempo passar, ou quando fazemos algo que gostamos. Tempo é algo complexo. Há o tempo de hoje, agora, o tempo de ontem, passado, e o tempo de amanhã, futuro. A nossa relação com o tempo é subjetiva, cada pessoa o percebe de uma forma e dá diferentes significados para suas várias dimensões.

Quando tratamos de festas religiosas, como é o caso da Festa de Sant’Ana do Inhaí, sabemos que elas ocorrem quase sempre anualmente e que muito da vida da comunidade gira em torno de seus preparativos, realização e elaboração dos acontecimentos logo após seu término. Este tempo, que no Inhaí começa antes e termina depois dos dias da festa propriamente dita em fins de julho, é um momento de orações, agradecimentos e de pedidos. Tempo de fé, marcado por diversas atividades que a igreja desenvolve somente naquela época.

Como preparativos, a Festa de Sant’Ana do Inhaí e grande parte das festas religiosas possui o tempo das novenas (novenário). As novenas acontecem geralmente durante nove dias que antecedem o dia principal da festa, ou o dia do padroeiro. De forma tradicional, cada dia da novena acontece em uma casa das famílias participantes. No Inhaí, é importante destacar que o primeiro dia da novena acontece na Escola, como forma de promover o envolvimento das várias instituições da comunidade e também podendo ter como meta o envolvimento dos mais jovens. São nove dias e nove lugares diferentes, por onde passam várias pessoas realizando orações.

***Ihara:** Sempre, o primeiro dia da novena à escola ficava responsável.*

***Paula:** São nove dias de novena e o dia da festa propriamente, então neste dia a gente praticamente, os nossos olhares estão voltados para esse momento, é um momento de profunda devoção. Essa festa nos levam pra ficar mais próximos de Deus, esses dias que nós reunimos em preparação para a festa, louvor e agradecimento, eles nos levam a ficar unidos em Deus, com a comunidade. Então, assim, essa festa pra gente é um momento muito especial mesmo.*

Para além das atividades desenvolvidas pela igreja para comemorar o dia da Santa, a comunidade se reúne organizando diversas outras atividades voltadas para o comércio, como as barraquinhas que vendem as quitandas, a pousada e o supermercado. O tempo da festa é também um tempo para a geração de renda.

Tuca: Eu acredito que todos que você perguntar aqui, quem mexe com comércio vai te falar que Festa de Sant'Ana é a época que tem mais venda. Começa mais ou menos no dia dez, doze de julho que tem as novenas, tem essas partes todas e vai até dia 26, 27 de julho, que é o dia da festa mesmo.

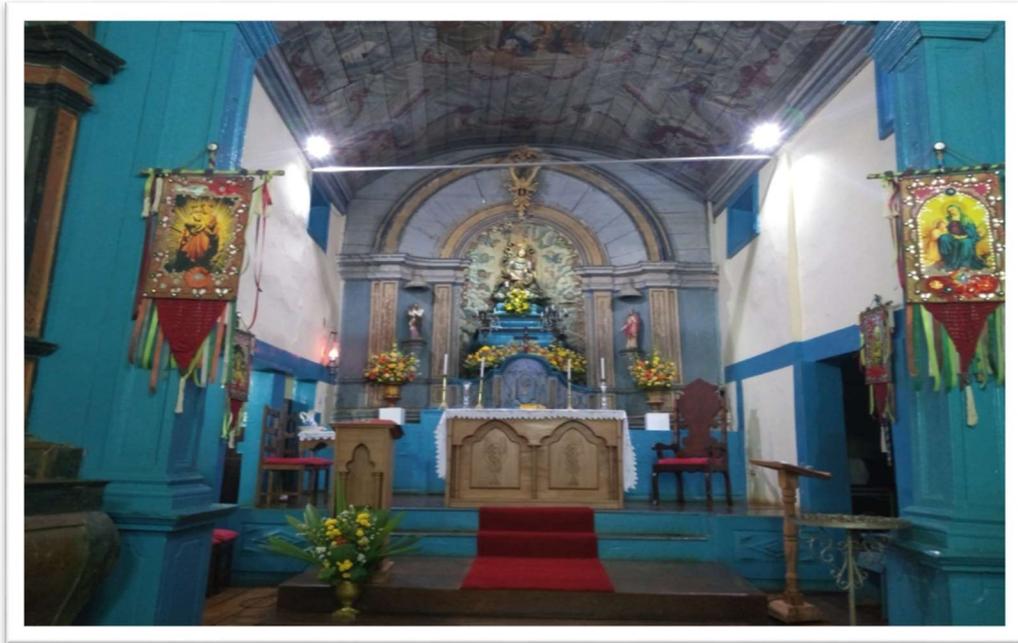
O mês da festa é um tempo de grande movimentação de pessoas que seguem para o Inhaí, com diferentes motivações: na intenção da fé, na intenção de reunir com a família, na intenção de descansar e aproveitar.

Figura 4 – Imagem de Sant'Ana do Inhaí/ MG.



Fonte: Arquivo Pessoal.

Figura 5 – Altar da Igreja de Sant’Ana do Inhaí/ MG.



Fonte: Arquivo Pessoal

Ihara: *Eu participo de tudo, de algumas coisas que acontecem na comunidade. Dos momentos que eu mais gosto de participar, lá na comunidade, é da festa de Sant’Ana. A festa de Sant’Ana do Inhaí se divide em dois momentos, ao meu ver. Primeiramente na parte religiosa, que é a parte da religiosidade, da devoção, dos devotos de Sant’Ana que tem todos os ritos religiosos, como as missas, as novenas e procissões, o mastro. É frequentado por pessoas mais da comunidade, por pessoas que já moram aqui, e que sempre fazem parte das missas. No dia do mastro, que é o dia final, quando tem a procissão, sempre tem mais pessoas frequentando, que são as pessoas de fora, que são na maioria inhanhenses ausentes.*

Das festividades religiosas, eu lembro que a igreja estava sempre muito cheia e que a festa de Sant’Ana pra mim era assim, nossa, a melhor época do ano (...) então a gente ficava aguardando a ano inteirinho, ficava aguardando chegar, chegar a data né, em julho, pra gente estar reunindo a família para as festividades.

Jandívison: *A festa de Sant’Ana de Inhaí me traz muitas recordações doces da minha infância e adolescência!*

E nessas celebrações, tanto o jeito inhanhense de fazer música se impunha naturalmente, as características simplistas da música tradicional sertaneja, quanto as mudanças naturais pelas simbiose de informações artísticas possibilitada pela facilidade de acesso a elas... Tudo isso fica impregnado nas celebrações, e são 10 dias de celebrações... A tradição da novena, do levantamento do mastro com a bandeira, se mantém forte e já se tornou uma marca da cultura local! Para efeito de comparação, aqui no Rio [de Janeiro] é mais comum tríduo ao invés de jovens, e não são comuns igrejas com o mastro; a única coisa que se mantém igual aqui é a procissão no dia do

padroeiro, porém a estrutura dela é diferente! Aqui não se fazem as filas... Coisas que ocorrem naturalmente em Inhaí e redondezas! Por fim! A festa de Sant'Ana é um celeiro da Cultura inhainhense.

Figura 6 – Família Festeira da Festa de Sant'Ana do Inhaí, 2019.



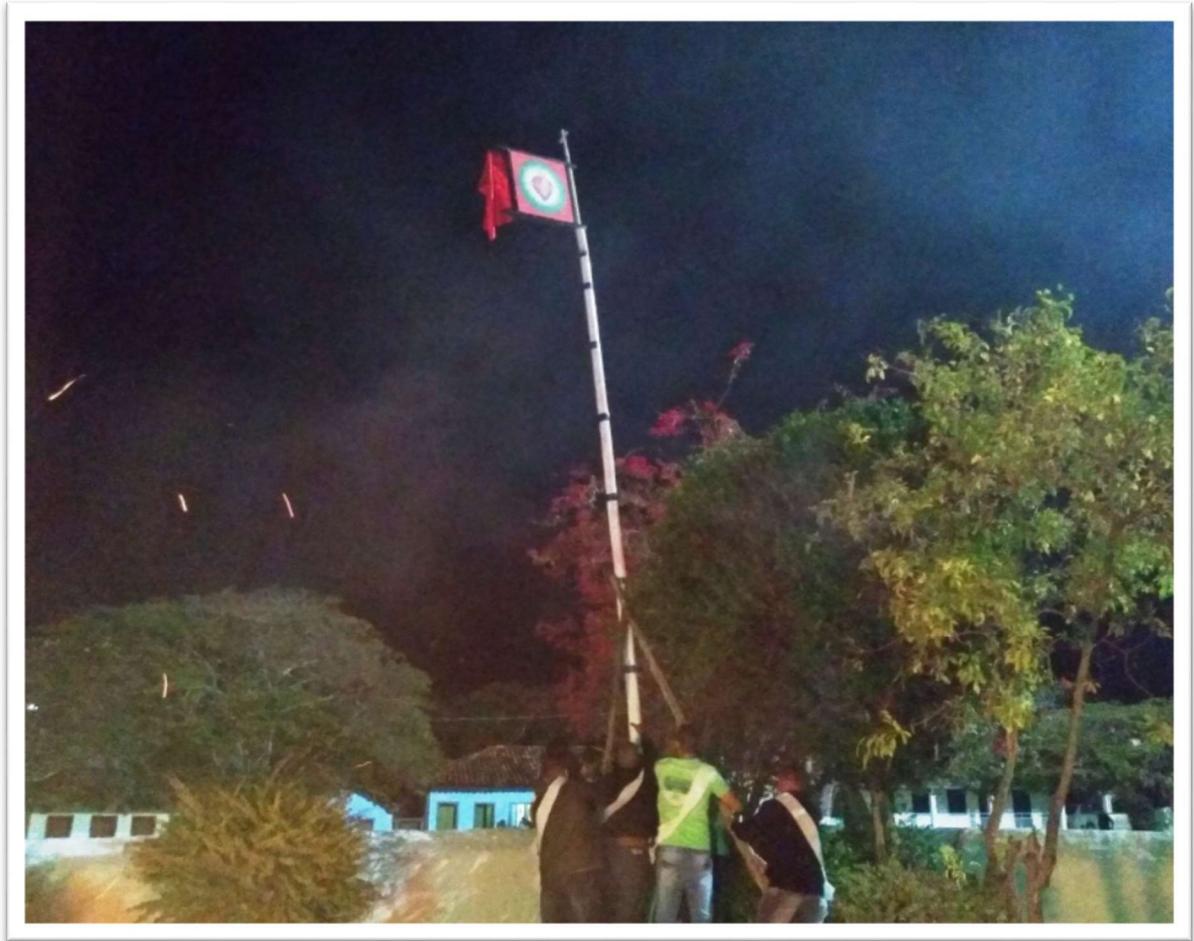
Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 7 – Levantamento da Bandeira ao Mastro, Festa de Sant'Ana do Inhaí 2019



Fonte: Arquivo Pessoal.

Figura 8 – Bandeira ao Mastro.



Fonte: Arquivo Pessoal.

As pessoas relatam como são os momentos em que a festa acontece na comunidade com muito carinho: a festa evoca lembranças. Confrontando o antes com o agora, levantam questões relativas às mudanças, às vezes vistas como um problema, às vezes entendidas como naturais ou necessárias. Nos momentos em que são discutidas as mudanças ocorridas na festa, o tempo passado, o “antigamente” surge como critério de comparação.

***Lúcia Maria:** Aqui no Inhaí na época da festa de Sant’Ana na Associação tinha um forró, antes da festa, aí vinha muita gente, mas os trem muda. As reinvenções das festas vem vindo mudando pensamento, você sabe, né? Tudo muda. A festa de Sant’Ana é importante pra ver gente bonita [risos] e antigamente tinha a festa de Sant’Ana e não era só a festa de Sant’Ana. Tinha uma outra festa, antigamente a festa era no início de julho e eram duas festas simultâneas, não lembro qual era a outra festa, mas era isso. Hoje ela é importante, mas antigamente ela era mais, eu tenho saudade de antigamente, era uma outra visão, todo mundo esperava, contava o ano inteiro e vinha gente de longe. Mas só que vem se perdendo, o pessoal não perdia uma festa.*

D. Alice: *Tem 23 anos, e era essas coisa antiga né?! Hoje é tudo moderno, né? As festas, tudo diferente do tempo nosso, é muito diferente.*

Ali agora nós não precisamos mais da bandinha que vem, porque antigamente vinha a banda de fora, vinha lá de São João da Chapada, outra hora era a banda de Zé nobre, muitos, cês nem sabe [risos] que vinha aqui. Muita da hora era o batalhão, né? E assim por diante. Os padres, não tinha, o padre não era, assim, todo dia não. Vinha, abria, começava o novenário e ia embora e a gente mesmo que ia fazendo. Mas agora, da minha fé, 23 anos aí atrás que começou a vir os padres, todo dia um padre pra celebrar a missa e fazer os novenários, né? E aí continuando, ganhava, como cê viu aí, isso tudo, é.

Nas conversas com Dona Alice, ela sempre destacava as mudanças e sempre se remetia ao tempo de antigamente. Ela conta do ano em que ela foi a responsável pela organização da festa, na década de 90, e que existe uma gravação em vídeo, da qual ela nem sabia, das celebrações na igreja e na rua. Ela considera que essa gravação é de grande importância para que as pessoas possam rever aquele momento.

D. Alice: *Ana falou assim: “ai mãe! É uma relíquia vó, oh vó é uma relíquia vó!” Ela ficou doidinha, tirou um ‘cado desse trem lá no computador, mandou pros meninos lá em Belo Horizonte, aí sai até aquele menino, filho... Com ’é que ele chama? Eu não sei se é Adeilton... Ana: “é relíquia”, que as coisas muito antiga de como era antigamente. Com ’é que começou a filmar esse negócio lá... Mas eu nem tô sabendo, Bernadim (...), ele que fez essa filmagem e me entregou. No dia que passou a festa ele falou: “aqui Dona Alice, oh, que eu tirei de lembrança”. Nem tava pensando né, aí eu agradei ele muito. Aí eu falei: “oh gente e eu vou mandar fazer CD”. Porque vai indo ele vai ficando velho a gente não tem mais esses aparelhos velho nem nada (...). E os meninos ainda levou ela lá na escola pra poder mostrar os meninos, é. Aí eu mandei passar pro CD lá em Diamantina, foi o mesmo que vê (...). Aí muita gente já pegou ela aqui na minha mão pra poder, é, pra poder olhar. Aí cê pode olhar, aí cê pode procurar na minha mão, aí cê vai ver muita coisa lá, que cê vai gostar, né? Quanto mais as coisas mais velhas, mais jóia é. Elas falam assim, né, muito bom.*

Ingrid: *Senhora gosta de como a festa acontece hoje?*

D. Alice: *Eu mais ou menos, o que eu... Antigamente, eu achava melhor, hoje tá tudo diferente, porque tudo é diferente mesmo, vai mudando as coisas, vai mudando, eu acho como era antigamente bem melhor, no meu tempo.*

Ingrid: *Acaba que vai mudando mesmo.*

D. Alice: *Vai mudando e tem que mudar também né. Que as coisas não podem continuar assim, como era antigamente, tudo mudou, não é mais como era, né? Antes tinham sim famílias que pegavam a festa para estar fazendo, principalmente para a festa de rua, para tomar conta da festa de rua e tá levando as atrações, e as atrações como shows, durante a semana, durante essa semana de festa. Sempre são essas famílias né, essas famílias de festeiros que arrecadam dinheiro para estar arcando com isso.*

Ingrid: *Aí tem a festa de Sant’Anna também, a dimensão que ela teve, ela também cresceu.*

D. Alice: CRESCEU, porque antigamente era assim: a festa de Sant'Anna vinha, igual eu falei com cê, vinha os músicos. Aí era, sabe? Tinha a missa, e a novena que era a gente mesmo que fazia, o novenário, o pessoal mesmo. Aí no dia de Sant'Anna, no sábado, vinha o padre, no sábado e no domingo, e no domingo às vezes que era o dia de Sant'Anna. Era porque o dia mudava, até como é hoje. A procissão era de dia, tinha a missa 10 horas da manhã e as pastorinhas. Depois tinha o almoço pra todo mundo, tinha o doce que o povo fazia e dava pra todo mundo, não pagava nada não, era tudo de graça. Hoje tem a festa da rua que eles vende as coisas.

Como em muitas comunidades rurais, a época das festividades possui um tempo diferente do tempo “normal”. No decorrer de todo o ano, a vida acontece de forma natural, as crianças e os jovens vão para a escola, os adultos vão trabalhar alguns em atividades domésticas ou no campo. Já às vésperas de alguma comemoração, o tempo é outro, possui um diferencial.

No Inhaí, existem três tempos diferenciados para a comunidade. No finalzinho do ano até o dia de Santos Reis (06/01) é realizada a Folia de Reis. Após alguns meses é comemorada a Semana Santa e por fim, o mês de julho é comemorado o dia de Sant'Ana.

O tempo da Festa de Sant'Ana é o tempo de maior importância para a comunidade, é o tempo de celebrar a padroeira, de viver a fé e devoção. O momento da festa marca um tempo que se destaca do correr dos dias no ano, que evoca lembranças e convida às comparações entre a festa de antigamente e a festa do tempo presente.

Acompanhando Dona Alice e Lúcia Maria, entendemos mais sobre essas marcas temporais e mantemos vivo o questionamento: o que diferencia a festa de antes e a festa de hoje?

1.3. Hoje em dia o pessoal vem pra festa com o intuito de aproveitar mais a rua

A festa de Sant'Ana do Inhaí acontece há décadas, ou talvez séculos, e as mudanças que ocorrem vão sendo elaboradas pelos membros da comunidade. Segundo relatos, antes a festa era mais simples e havia maior devoção.

Eles contam que a estrutura da festa, por muitos anos, era de responsabilidade de uma família. Uma única família organizava as comemorações para a festa que acontecia na rua, mandava confeccionar a bandeira do mastro, dos estandartes e preparava os fogos. A festa de rua era caracterizada pelas barraquinhas, pelas músicas e estruturas de sons, pelo churrasco, pela comida, pela bebida e pela distribuição do doce.

***Paula:** Tinha dois momentos mesmo, o momento religioso, que é a festa propriamente dita; e a festa, o momento social, que geralmente era logo após quando terminavam as atividades religiosas. Tinha esse momento social, que era as barraquinhas, né, tinha alguns shows, essas coisas que é comum né, de ter na maioria.*

Por algum tempo, a comunidade organizava as celebrações da Igreja. Posteriormente, a Igreja passou a ser responsável pela realização das missas e procissões. Isto se deu em meados de 2000, quando a igreja de Sant’Ana virou paróquia, tendo assim, um pároco responsável por todas as atividades desenvolvidas dentro da igreja e pela Igreja.

Mais recentemente, também a organização da festa da rua começou a ser realizada em conjunto com a paróquia. No domingo, dia final da festa, passou a ser realizado um sorteio com nomes de famílias interessadas, de modo que a família sorteada ficasse responsável pela comemoração seguinte. Com essas mudanças, algumas atividades tradicionais da festa acabaram perdendo espaço. Como exemplo os leilões que as famílias festeiras realizavam para arrecadação de dinheiro, o almoço no dia final da festa gratuito e a distribuição do doce.

***Lúcia Maria:** Tinha leilão, as barraquinhas ficavam cheias, e foi acabando tudo. Aí acabou isso tudo depois que inventou de vir cantor de fora. O que também é bom, vem cantores para os palcos. Eu acredito que seja um ponto positivo, considerando que o Inhaí é um canto. O que mais foca mesmo é a questão da falta de devoção, porque hoje em dia o pessoal vem pra festa com o intuito de aproveitar mais a rua. Vem como feriado, para descansar. Aí antigamente o pessoal vinha das comunidades locais, das nossas localidades aqui, a igreja ficava cheia, lotava, então acho que o foco maior é a da devoção, e as reinvenções das festas vem vindo mudando pensamento, você sabe né, tudo muda.*

Com a alternância de famílias festeiras, a festa de rua mudou muito, como nos conta Lúcia Maria e ganhou uma proporção maior do que esperado. As festividades de Sant’Ana do Inhaí modernizaram-se, há shows com bandas regionais, carros com som automotivo e bares lotados. O público maior da festa passou a ser de jovens, da comunidade e da redondeza. As famílias encarregadas da organização inovavam a cada ano. Para as atividades da igreja, um cortejo com personagens caracterizados, uma fogueira gigante, um andor cheio de flores, muitos estandartes e faixas para destacar a família “dona” da festa.

***Ingrid:** Esse ano também ‘tava diferente o cortejo, né?*

***D. Alice:** É o cortejo foi diferente, teve as pessoas ao vivo, como você viu, né? Sant’Anna, São José, é a segunda vez que tem assim, ao vivo, São José e São Joaquim, aqueles outros eu não entendi o que que foi. Você sabe o que que foi aqueles outros? Aquela vestimenta.*

***Ingrid:** [sinal com a cabeça de que não sabia]*

D. Alice: *É? Eu também não entendi, porque, só se for algum profeta, mas pra Sant'Anna não teve essa coisa de Jesus, de profeta, porque é da paixão, né?*

Lúcia Maria: *Porque antigamente a devoção era maior, hoje é importante, mas não é igual à devoção de antigamente. Era diferente a festa, o primeiro ponto é a devoção, tinha muita devoção. A gente repara assim, que o povo não vai na igreja, ninguém vai na igreja, vai muito também da forma como que a paróquia é levada, e aqui tem muito isso.*

Ihara: *Eu acredito, também pelo o que eu ouço as pessoas falando, a festa teve muitas mudanças significativas de algumas décadas pra cá, e o que seriam essas mudanças? Mudanças nos aspectos religiosos e também nesse segundo aspecto que é a festa de rua, porque pelo o que eu sempre ouço dos mais velhos, a festa de Sant'Ana era antigamente uma questão de devoção, fé, espiritualidade, e hoje em dia isso tudo vem se perdendo, porque os jovens, não são tão frequentantes, eles não frequentam a parte religiosa, eles querem saber mais da festa de rua.*

De acordo com alguns relatos, antigamente, a devoção era maior e o espaço da igreja era mais frequentado. “*Depois foi crescendo*” explica Dona Alice e, nesse movimento, “*hoje em dia o pessoal vem pra festa com o intuito de aproveitar mais a rua*”, são mais jovens que “*não frequentam a parte religiosa*” afirmam Lúcia Maria e Ihara. Para descreverem as festividades em comemoração à padroeira, é iminente perceber nas falas a separação em dois espaços: em um reina a festa de rua, no outro impera a festa religiosa. Falas que indicam como a diferenciação temporal do que seja a festa hoje em comparação ao que era antigamente pode ser melhor compreendida se analisarmos as nuances das vivências de espacialidade.

D. Mercês: *Ah, minha filha tem tempo que eu vejo daqui a festa, eu fico quieta aqui no meu canto, mexo na minha horta. Do Inhaí aí eu gosto, né? Tem uns filho meu que mora aqui pertin', minha neta aqui com eu. Eu fico aqui na janela, vejo meus vizin' que aqui a gente conhece todo mundo. Às vez dou uma saidinha aí na rua pra conversar um pouco, vou na igreja rezar. No dia da festa eu vou na igreja, né? Vou mais na igreja, por causa de que lá em riba tem a bagunça. Eu fico aqui, daqui eu vejo a igreja. Meu pai trazia pra... antes.*

Jandivison: *Nessa fase eu participava todo ano, seja no âmbito religioso, onde eu participei como coroinha e posteriormente ajudei com a música, seja secular, onde eu me divertia e tinha a oportunidade de encontrar meus amigos fora da igreja ou da escola.*

Paula: *Tinha antes um momento social, mas o principal motivo, o principal foco era de estar ali na igreja rezando, com o tempo isso foi se perdendo mais, e o momento social ficou mais forte do que a tradição.*

Figura 9 – Festa de Rua de Sant’Ana do Inhaí/ MG, 2019.



Fonte: Arquivo Pessoal.

As relações que as pessoas constroem com os espaços no momento da festa são importantes para compreender essa divisão que insiste em reaparecer: rua e igreja não se misturam? Rua é sinônimo de *bagunça*, *social*, *secular*, igreja é lugar de *rezar*? Os espaços onde ocorrem as atividades da Igreja (como a procissão, o levantamento do mastro, as missas) ou que fazem alusão à padroeira (como a Serra onde contam que a imagem de Sant’Ana foi encontrada) são tomados como sagrados, locais para vivências religiosas de *devoção*. Já os espaços destinados para a festa de rua, são elaborados como profanos, lugar de *diversão* e geração de renda.

Ihara: Sempre no dia do mastro que é o dia final, quando tem a procissão, sempre tem mais pessoas frequentando, que são as pessoas de fora, que são na maioria inhanhenses ausentes, pessoas que foram morar fora e que saíram por questões de emprego. É interessante porque, essa parte do mastro, quando tem o mastro, a igreja tá muito cheia e movimentada e é quando frequenta pessoas que são crianças, jovens, adultos, e aqueles que estão sempre frequentes ali na igreja. A segunda parte que eu acredito que essa festa se divide, seria a festa de rua, que até então leva o nome da festa de

Sant'Ana. Se a gente pegar os cartazes, cartazes de divulgações das festas anteriores, tem os shows, o que vai ter na festa, fica tudo junto, o que é também interessante.

Essa parte de rua mesmo, é a parte que movimenta um pouco assim o comércio dentro da cidade, nesse momento é que os comércios começam a vender algumas coisas, alguns barzinhos que vendem cerveja, e durante o final de semana. Acho que se tiver alguma quintandeira, que possa estar fazendo as coisas, também pode tá vendendo. Então ajuda um pouco, querendo ou não, nessa questão de movimentar a economia ali no Inhaí.

Os dois espaços com suas dinâmicas próprias continuam sendo cenário de uma mesma festa, fato *interessante*, como observa Ihara. Até aqui, na divulgação *fica tudo junto*, mas como já vimos, para uns o crescimento da festa de rua é motivo de lamento porque significa esvaziamento do espaço da Igreja. Já outros entendem a importância deste movimento de atrair pessoas mais novas para estarem participando, pois a grande movimentação gerada pela festa afeta positivamente a economia local.

Tuca: *Oh Ingrid, com certeza a época que gera mais renda aqui na comunidade é a época da Festa de Sant'Ana, porque todos os comércios faturam bastante. Eu também tenho um, um barzinho, uma lanchonetezinha, assim, onde eu vendo salgado e essa época é a época que a gente mais vende, né? Apesar de eu não viver com isso, só com isso. Eu vivo, que eu foco muito é na agricultura familiar, sabe?*

Então gera muita renda, né? Eu acredito que então esse ano [2020] mesmo não, não vai ter, sabe? Tá muito perto então eu acho que a gente não vai conseguir. Então é isso aí, festa de Sant'Ana gera renda pra todo mundo.

Jandívison: *Quando o garimpo ainda era permitido eu era muito novo, então não sei dizer sobre o peso econômico que a Festa de Sant'Ana ou mesmo a festa de Reis tinham pra região! A criação do Parque Nacional das Sempre-Vivas, extinguiu o garimpo mas prometia a geração de renda através do turismo ecológico, potencial esse que não fora explorado! A partir daí começou o êxodo... As famílias começaram a se mudar; principalmente para Belo Horizonte, mas a minha família veio para o Rio [de Janeiro], primeiro um irmão, e um veio puxando o outro! Mas pouco antes de chegar minha vez de vir para o Rio, eu pude notar o quanto as duas festas citadas acima se tornaram pilares econômicos; e podia-se notar facilmente pelos bares lotados, as pousadas (ou a pousada - que é a que eu conhecia) cheia, as barraquinhas... as ruas com pessoas circulando...! E daqui do Rio eu pude ver o quanto ela tinha crescido, muito mais gente e estava tendo shows...muito bacana!*

Jandívison amplia o olhar para situar a importância da geração de renda propiciada pela festa, dadas as mudanças históricas nas atividades econômicas mais proeminentes no distrito, especialmente o garimpo, que não é mais permitido. Mas esse motivo parece não ser forte o suficiente para justificar tamanha envergadura que a festa de rua ganhou e, frente ao esvaziamento do espaço religioso, para o ano de 2020, algumas mudanças realizadas pela Igreja

estavam previstas para a festa. O foco da paróquia é retornar a algumas atividades tradicionais, como o leilão. Não teríamos mais uma família festeira, a igreja seria a única responsável por todas as celebrações e comemorações. As barraquinhas aconteceriam com a venda de comidas típicas e de algumas bebidas, mas de forma bem mais simples, buscando maior foco nas celebrações eucarísticas.

***Paula:** Então, a festa esse ano independente se tiver pandemia ou não, ela ia passar mesmo por uma reestruturação, mas ia ter a festa, o momento social, as barraquinhas, mas não seria o momento igual a antes né, mas teria sim, um momento social, porque, como é uma festa religiosa, o principal, o nosso maior objetivo é levar as pessoas a rezar a estar mais próximo de Deus, a participar, evangelizar as famílias principalmente.*

Como Paula, parte da população enxerga tais mudanças como importantes para reforçar a tradição de fé e religiosidade, porém, para outros, a festa focada somente na Igreja afetaria negativamente as possibilidades de geração de renda e diminuiria o número de participantes.

***Lúcia Maria:** Tem a possibilidade de a festa mudar a sua dinâmica, e eu acredito que não seja tão bom assim. Essas mudanças da Mitra favorecem as grandes paróquias, e aqui, igual: é o Inhaí, paróquia pequena, não vai favorecer. Eles não escutam a população, não temos voz ativa. A devoção precisa ser maior, o foco da festa de Sant'Ana precisa mudar para o ponto principal que é a fé e a devoção, mas a festa de rua favorece, então não pode acabar. Tá no processo de que talvez ano que vem [2020] não seja dessa forma. A forma de pensar não cabe aqui, a tomada de decisão referente à festa deveria ser com a população. A população é pequena, e o pessoal que fica aqui não tem voz ativa, aí fica essa divergência e conflito né? Como é que se diz, infelizmente, mas o povo luta. Tem a movimentação do pessoal da Associação que corre atrás pra não deixar se perder a tradição. A festa tem que se fortalecer, e a nova paróquia não trabalha com essa perspectiva. Eu acredito que o desejo da paróquia é de acabar, aí fica uma paróquia a menos, um gasto a menos, aí não fica aqui, com essa paróquia aqui no distrito. Inhaí é capela, no meu ponto de vista, e eu observo isso há anos. Então o pessoal luta e sempre busca resgatar, pra não perder a tradição.*

***Ihara:** Será a primeira vez que a festa acontecerá diferente. Antes mesmo do decreto da quarentena, a festa de Sant'Ana já tinha sido modificada pelo pároco do Inhaí. Ela, a festa de Sant'Ana, seria realizada somente a festa religiosa, então não teria a parte da festa de rua, o que eu acredito que seria muito diferente também, causaria um impacto de pessoas que vem para a festa, os inhainhenses ausentes, eu acho que essa parte das festividades de rua, vai fazer muita falta, e vai ter um impacto muito grande de números de pessoas que vinham para participar da festa.*

A festa de Sant'Ana antes era de um jeito, hoje é de outro, amanhã não se sabe como será. A passagem do tempo é marcada principalmente por mudanças nas fronteiras entre os dois espaços, da igreja e da rua. É importante destacar que os dois espaços sempre existiram.

Entretanto, a festividade de rua ganhou maior destaque com o passar dos anos. Já o espaço da igreja, passou a ser ocupado principalmente por pessoas que moram na comunidade, em sua maioria mais velhas.

É interessante notar que a palavra festa continua sendo a mesma para os dois “momentos” ou espaços: uns parecem entender que ela se aplica mais à rua, outros à devoção. Para nós, é mais um sinal de que a festa é tudo isso, é essa complexidade de vida e pertença.

De qualquer forma, existe uma tensão em relação ao modo como a festa se divide. Isso é entendido por algumas pessoas como um problema e para outras é uma oportunidade para a economia da comunidade e para o retorno anual dos *inhainhenses ausentes*. Há ganhos e perdas, assim como as estratégias para resgatar o dito *maior objetivo* da festa também dividem opiniões. Para avançar na compreensão dos sentidos da festa de Sant’Ana precisamos nos debruçar sobre esse objetivo que distingue tão claramente os espaços da celebração.

1.4. A devoção como ponto maior

Lúcia Maria: Antigamente a festa o pessoal tinha uma devoção maior e um dos anseios que a comunidade tem é poder resgatar essa devoção, sabe, a questão da devoção como ponto maior da festa, e não essa questão da festa em si, essa questão da rua, essa questão... Antigamente a devoção era maior.

Tuca: Olha devota eu não sou não tá, não adianta eu mentir para você, ah eu sou devota, não, não sou devota. Eu conheço muita gente aqui que é, conta as histórias, conta promessas que faz que conseguiu, né? Que ela ajudou, que isso, que aquilo, né? Então eu não crítico e cada um com a sua fé, com a sua fé, com suas crenças.

Como já relatado em vários trechos que destacamos até aqui, as pessoas do Inhaí – mesmo aquelas que não frequentam a igreja – reconhecem que o espaço sagrado da festa se distingue pelo ato de rezar, pela *devoção*, pela *fé*. Naquele espaço impera a Padroeira, a afirmação do relacionamento com Ela, as *crenças* em Sua capacidade de *ajudar*, atender *promessas*.

Essa busca pelo sagrado, por uma divindade potente e ao mesmo tempo próxima é uma característica de sociedades católicas. Suas representações, através de imagens, ocupam lugares consagrados, em geral os templos religiosos, e são vistas como fontes de vitalidade, força, fé e espiritualidade.

Mas as imagens também podem consagrar, tornar sagrados, outros espaços. Em Inhaí há um outro lugar assim. Não era uma curiosidade que havia se despertado, até que um dia ouço o

seguinte: A Serra de Sant'Ana (frente a igreja) está tão linda! Para e observo, e penso: mas por que Serra de Sant'Ana?

Tuca: *Eu conheci a Santa... É que na verdade eu morava em Senador Mourão e vim aqui pro Inhaí eu 'tava bem criancinha, né? Criancinha, né. E sei da história que na época que acharam Ela... Tem a Serra de Sant'Ana aqui, né? A Serra de Sant'Ana. E aí acharam Ela, fizeram a capela, a igreja pra Ela tal, só que Ela não ficava na igreja. Isso aí deste pequenininha eu vou escutando essa história. O que que acontecia? Ela voltava lá pra Serra de novo, sabe? Pegavam Ela de novo e levava pra igreja, quando foi no outro dia, Ela não estava mais na igreja, Ela ia lá pra Serra. Por isso que tem o nome da Serra de Sant'Ana. Achou Ela foi lá, mas só que Ela não queria ficar na igreja, Ela queria ficar lá Serra, Sant'Ana.*

O que eu sei dela aqui na comunidade do Inhaí é isso, a história. Até uns anos atrás a nossa imagem mesmo foi roubada e nunca mais achou, porque, por fato de ser muito valiosa sabe? Diz que tinha muito ouro nela, na peça, na coroa tal, e o interessante é que até hoje ninguém encontrou essa imagem, ninguém. Mas aí tem uma na igreja, mas ela é feita de madeira, de madeira e tal e não é tal igual a outra, né? Que tinha aqui, é isso aí.

Jandivison: *Por se tratar de uma festa religiosa, a Festa de Sant'Ana (bem como a de Reis) tem um grande teor artístico, primeiro pelo próprio ritual litúrgico e todo permeado por música, arranjos de flores.... Segundo pela igreja Matriz de Sant'Ana que é um grande patrimônio artístico - um atenção especial a sua arquitetura barroca e pinturas de Alejadinho, que sempre me encantaram. (...) Por fim! A festa de Sant'Ana é um celeiro da Cultura inhainhense...*

O distrito do Inhaí é uma região de garimpo. O que os membros da comunidade nos contam é que, nas andanças a procura de ouro e diamante, há muitos anos atrás, foi achada na Serra uma imagem. Essa imagem encontrada era Sant'Ana, mão de Maria, avó de Jesus, que foi coroada a padroeira local. *Essa história* da Santa ter sido achada na Serra que hoje leva seu nome é mais um indício de como a comunidade constrói um relacionamento pessoal com Ela, reconhecendo nela vontade própria de onde quer estar. O valor agregado à imagem, que justifica seu roubo e substituição por outra peça, é reconhecido por Jandivison também na construção da igreja, *grande patrimônio artístico*. A cultura que gira em torno da Santa é definida por ele como *celeiro* do Inhaí: a comunidade construiu seus marcos e se construiu em torno dela.

A religião é uma forma de cultura em que os povos adoram uma Potência, prática humana destes seus primórdios. A vivência do sagrado como relação com a Potência que intervém na realidade e a modifica suscita sentimentos de crença, confiança e gratidão na comunidade religiosa. Para os católicos, há um Deus único, mas a devoção se estende para outras santidades. E como modo de consolidar esse relacionamento, os grupos religiosos criam e praticam orações

e ritos ao seu modo. Diante de desafios da vida, pessoas religiosas clamam, realizam promessas e as cumprem quando têm seus pedidos atendidos, reconhecem-se abençoadas. Buscam um sentido, e muitas vezes a fé é responsável pelo entendimento da vida. Não é diferente no Inhaí.

Ingrid: A senhora gosta de Sant'Anna?

D. Mercês: Eu gosto. A gente gosta, né pra abençoar a gente né, a família da gente, mas hoje eu fico daqui quietinha, esse ano ela [a festa] foi grande, teve muita gente.

Ihara: Tem uma coisa que eu lembro bastante assim, na festa de Sant'Ana, a gente sempre ia pra igreja, para as comemorações, para os ritos religiosos, para as missas e sempre a Sant'Ana estava exposta. E eu lembro que minha mãe chegava e fazia... apresentava... mostrava o respeito que ela tem por aquela imagem ali, assim como todos os outros fiéis da igreja. Eles mostravam a devoção e o respeito que eles tinham e faziam pedidos de graças pra sua vida, de amor, de paz. Cada um no seu íntimo conseguia, fazia ali o seu pedido pra Nossa Senhora de Sant'Ana: paz, proteção, saúde.

Na família da Ihara é possível observar um aspecto interessante da relação com a padroeira. Sant'Ana, para eles, deve ser denominada como Nossa Senhora de Sant'Ana. Nossa Senhora impõe mais respeito, mais adoração. Não passava pela minha cabeça a ideia de: por que Sant'Ana? Por que eles comemoravam essa Santa? É Paula quem responde:

Paula: Sant'Ana ela foi casada com Joaquim, também outro santo, e eles eram uma casal muito piedoso, muito caridoso, e durante muito tempo eles esperavam ser abençoados com um filho. Eles já eram casados há muito tempo e não tinham filhos ainda, e eles sofriam muito, né? Uma vez São Joaquim foi oferecer um sacrifício no templo e ele foi, vamos dizer assim, maltratado, mandaram ele embora. Ele chegou no templo para fazer o sacrifício e mandaram ele embora, porque ele não tinha filho. Naquela época quem não tinha filho era uma pessoa que não era abençoada por Deus, porque os filhos são bênçãos de Deus, como é até hoje. Por ter acontecido, isso ele ficou muito triste e magoado, então ele foi para o deserto viver no deserto, e lá ele viveu de uma forma piedosa e caridosa, sempre rezando e pedindo para ter um filho. Depois de 20 anos de matrimônio sem filho, um anjo apareceu pra ela, pra Sant'Ana, e falou que Deus tinha ouvido as preces dela, que ela ia conceber uma criança e a descendência desta criança seria conhecida por todos ao redor do mundo, que aquela criança seria conhecida. Depois esse mesmo anjo apareceu pra São Joaquim e disse: "Olha, Deus ouviu a sua prece, Ana vai conceber uma criança, então volte pra casa, volte pra sua esposa". Então ele voltou pra casa e quando chegou, ela falou: "agora eu sei que Deus ouviu a minha prece". Porque por um tempo ela viveu como viúva sem ser viúva, porque o marido foi embora para o deserto. E assim ela concebeu Nossa Senhora que nasceu deste casamento que os dois eram pessoas religiosas, caridosas, que seguia sempre os caminhos de Deus, procuravam ter uma vida correta, uma vida baseada na fé, na caridade. Nasceu Nossa Senhora e Sant'Ana preparou Maria para no futuro ela ser a mãe de Jesus.

Então Sant'Ana pra mim é um modelo de mulher, eu tenho ela assim como um modelo de mulher, uma mulher caridosa, uma mulher temente a Deus que

confia em Deus. Mesmo com todas as dificuldades que ela teve, as humilhações por conta deste episódio que eu te falei, ela confiou que Deus um dia ouviria a suas preces. Então Sant'Ana pra mim é isso: modelo de santidade, modelo de mulher até mesmo de esposa, apesar de eu não ser casada, mas é um modelo pra mim, né? Ela representa isso, essa mulher forte, temente a Deus, forte, caridosa e que com todo tempo ela educou Maria nesse caminho de Deus. Tanto que para Maria ser a escolhida entre todas as mulheres, ela ser a escolhida para ser a mãe de Jesus, é porque ela foi muito bem preparada por Sant'Ana. A mãe dela educou, a mãe dela fez com que ela fosse essa pessoa, então ela é um exemplo muito grande pra mim. Meu sentimento por ela é de amor, de gratidão pela história dela, tudo o que ela fez, o exemplo que ela deixou pra nós, pra Maria, por preparar Maria,. A gente fala que nós somos devotos de Sant'Ana mais também que ela... Nós somos netos de Sant'Ana. E é muito bonito a gente ver isso, não só na minha família, mas todas as pessoas que têm essa devoção, têm esse sentimento verdadeiro por ela, ter esse carinho, esse sentimento de amor, de gratidão. Apesar de nossa padroeira ser Sant'Ana, dia 26 é também o dia de São Joaquim, dia dos dois, então comemoramos os dois, que foram pais de Maria, e que também são modelos de pais e de casais, para os casais cristãos. Nesse dia também é comemorado o dia dos avós, por causa dos dois, Sant'Ana e São Joaquim. É muito emocionante. Para algumas pessoas não tem sentido nenhum, mas para nós católicos é um momento especial, é um ano de expectativas para este momento.

Articulando as elaborações de Paula a outras que já trouxemos até aqui, podemos analisar o relacionamento da comunidade com a figura de Sant'Ana. Para alguns membros, mesmo quando fazem ressalvas sobre a própria religiosidade, suas falas indicam que a festa existe como sinal da devoção a Sant'Ana. Para outros, o relacionamento com a Santa é central em suas vidas, um vínculo que justifica a festa, mas a ultrapassa. Paula chega mesmo a se afirmar como neta da padroeira e enfatiza:

Paula: *A festa existe por causa de Sant'Ana, a avó de Jesus, então a gente deve ter em mente: o que é a festa? Por que a gente tá comemorando está festa? Quem foi está pessoa? O que ela contribuiu pra nossa história de fé, de cristão? Qual exemplo ela deixou pra mim? Então o intuito da festa, este ano seria esse, e é este! Independente de ter festa social, ter pandemia, ou não, o nosso objetivo, o maior objetivo era esse, resgatar essa cultura que foi um pouco deixada pra trás, e focada mais no social. Então o objetivo na verdade é este, relembrar às pessoas quem foi Sant'Ana, o que ela deixou de modelo para nós cristãos hoje né, então era isso.*

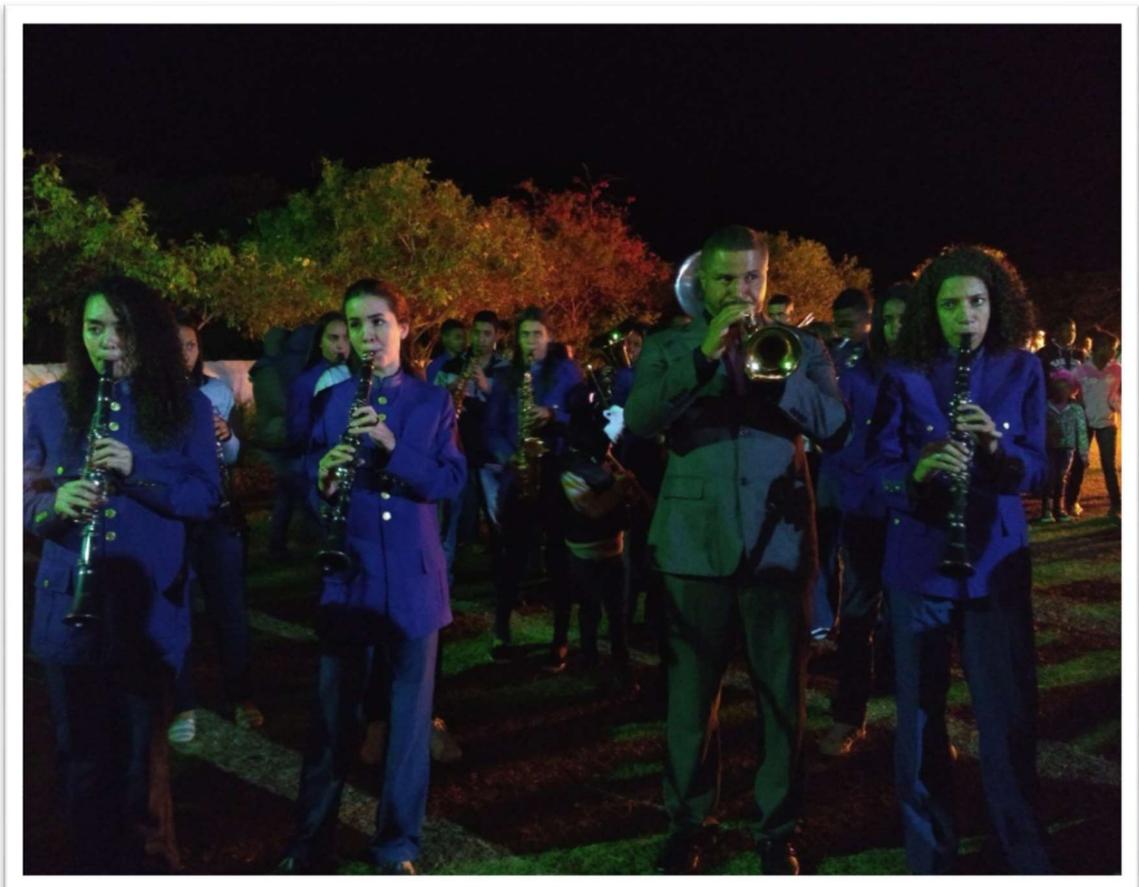
Assim como Ihara destaca a origem da festa como *questão de devoção, fé, espiritualidade*, já vimos que também Lúcia Maria enfatiza a *devoção como ponto maior*, como origem potente, núcleo central da celebração, sem o qual a festa não faz sentido. E se o crescimento das festividades da rua parece ameaçar esse núcleo, as mudanças planejadas são justificadas por quem as defende com esse argumento: o objetivo é *resgatar* a centralidade da padroeira. A festa, nascida da devoção, vai se apresentando como uma ação que re-une (ou

deveria reunir) a comunidade em função de algo que os transcende: busca por celebrar algo que é maior, a fé.

E não apenas no momento da festa Sant'Ana é referência que unifica o Inhaí. A banda de música da comunidade, presente em todas as celebrações religiosas, leva o nome da Santa padroeira. Até no nome das pessoas ela se faz presente: boa parte das famílias da comunidade tem por sobrenome Santana.

Várias podem ser as explicações a cerca deste assunto: pode ser uma forma simples de homenagear a santidade, ou uma promessa por graça alcançada. Ou pode ser que mais fatores estejam em jogo. Inhaí nasceu no ciclo do garimpo, constituindo-se com grande população negra e quilombola, a qual, como em outras localidades do Brasil, teve suas raízes africanas negadas pela escravização. Assim, ao serem batizados ou libertos, muitas vezes os negros buscavam nos santos de devoção a inspiração para definição de seus nomes e sobrenomes.

Figura 10 – Banda de Música Sant'Ana do Inhaí/MG. Festa de Sant'Ana de 2019.



Fonte: Arquivo Pessoal

Ihara: É bem interessante assim essa relação, eu acho que muitas pessoas mesmo no Inhaí têm sim o sobrenome de Santana. Eu não vou saber te dizer se é por causa da representatividade da Nossa Senhora de Sant'Ana, mas que pode ser sim em decorrente da mesma. O Santana no meu caso veio do meu pai, mas talvez os meus avós, pais de meus avós, tenham sim colocado o nome graças à padroeira Sant'Ana, em referência à padroeira Sant'Ana, assim como muitos no Inhaí. Ai tem a família Sant'Ana, o meu pai é José Santana da Cruz Silva, então eu peguei só o sobrenome dele. E a maioria dos inhainhenses que eu conheço, sim, tem Santana no nome: Santana, Cruz... Eu acredito que talvez a geração dos avós do meu pai tenham sim escolhido esse nome Santana pra representar a santa.

Sant'Ana se faz presente nos nomes, marcando quem é da comunidade desde o berço. Se faz presente nas festas que marcam as memórias da infância, como diz Dona Alice: “antigamente eu ia com minha mãe”. Também quem não nasceu ali, como Dona Mercês, conta que “meu pai vinha pra cá todo ano e trazia nós pequeno junto dele pra ver Sant'Ana”. E assim as famílias vão criando formas de apresentar a devoção aos mais jovens.

Existe todo um processo de sacramentos como Batismo, Eucaristia e Crisma na igreja católica. Essas fases são desenvolvidas de acordo com a crença de cada família. Uma das ações propostas para as crianças como meio de as aproximar e ensinar os mandamentos católicos é através da atividade de auxiliar o padre durante a celebração das missas. Ter sido “coroinha” é lembrado por muitos como fase marcante de seu envolvimento nas atividades dentro da Igreja.

Ihara: E muitas vezes eu participei também dentro das missas, das festividades religiosas, porque eu já fui coroinha né? No período de coroinha eu sempre tinha que preparar o altar, ajudar o padre, ajudar o seminarista. Então acaba que a gente fica bem envolvida assim. É uma época muito importante, uma época que eu considero de muita fé, de muita religiosidade que tocava mesmo. Mexia com o emocional, mexia com o espiritual. A parte de cantar também, porque eu participava do coral da igreja. As canções [na época da festa] eram diferentes, voltadas para Sant'Ana, e tinha o cortejo da banda de Sant'Ana, o mastro. Então eram coisas assim, são festividades mesmo que mexiam com a minha cabeça, mexiam com meu emocional, com o meu lado espiritual.

Nossa tudo que você imaginar que tinha na igreja: batismo, primeira eucaristia, crisma... Eu fiz tudo, eu era uma beatinha de igreja, na época (risos). Antes de eu me mudar, eu fazia parte do coral, e antes de fazer parte do coral, eu já tinha sido coroinha, eu participava do grupo de jovens, eu ajudava na organização de muitas coisas que aconteciam dentro da igreja, era leitura, cânticos, enfim. O que eu mais gostava mesmo era do coral.

Assim como relatado por Ihara, nas famílias religiosas do Inhaí essa prática de envolver as crianças e jovens é muito comum. Grande parte dos jovens desenvolvem algum tipo de atividade voltada para a fé. As mesmas pessoas que fazem parte da banda de música, muitas vezes estão no grupo de jovens, ou no coral. Pelos relatos, como se trata de uma comunidade

pequena e um pouco distante da cidade sede, as principais atividades que podem ser desenvolvidas pelos mais novos são estas. Até a chegada do ensino médio, onde estes têm a visão maior para fora de seu ninho.

Sobre esse ponto, ficou muito visível a mim na festa de 2019 que a banda de música era constituída principalmente por jovens que estavam finalizando o Ensino Médio naquele ano. Ou seja, assim como minha anfitriã Ivania, boa parte daquela geração encerraria a sua participação direta na realização da festa naquele dia, pois muitos deles iriam para faculdade em outra cidade.

Parecia que aquele ciclo estava se encerrando para alguns, mas os relatos de outros jovens mostram como os laços com a festa podem continuar, pois em um momento das suas vidas eles fizeram acontecer. Como já vimos, Jandívison também relata que *participava todo ano*, foi coroinha e *ajudei com a música*. Morando em outro Estado há alguns anos, alega que

Jandívison: *Embora questões financeiras e logística me impedissem de estar presente, me deixou muito feliz ver que a festa de Sant'Ana (bem como a de Reis - que eu participei posteriormente) continuava sendo um ambiente de socialização e encontros, quer dizer, reencontros no caso! (...) A festa de Sant'Ana é (...) um ponto de encontros e reencontros que deve ser estudada e preservada!*

Jovens que foram protagonistas na festa falam dela com carinho, desejam que seja *preservada* e podem retornar. Ihara foi uma destas jovens que fez parte de todo o processo e que retorna sempre que possível. A festa de Sant'Ana, para ela, continua sendo um momento importante em sua vida.

Ihara: *Tem uma coisa que me chamava atenção nas missas, deste quando eu era mais nova que eu sempre gostava de ouvir que acontecia assim no finalzinho da missa: era a ladainha de Sant'Ana,. Porque era um momento muito característico, a música, uma ladainha, as bênçãos direcionadas a Sant'Ana. E tinha uma pessoa específica pra cantar e as pessoas, o restante da igreja, respondia. As orações e ladainhas eram feitas sempre no final da missa. Sempre no finalzinho da missa tem esses pedidos, então é bem interessante.*

[Ihara canta a ladainha:] *Senhor tende piedade de nós... Cristo tende piedade de nós... Senhor tende piedade de nós... Jesus Cristo ouvi-nos... Jesus Cristo atendei-nos... Deus pai do céu, tende piedade de nós, Deus filho redentor do mundo, tende piedade de nós... Senhora Sant'Ana rogai a Deus por nós... Senhora Sant'Ana rogai a Deus por nós.*

Sant'Ana avó de Jesus Cristo... Sant'Ana rogai por nós... Sant'Ana a mãe da Virgem Maria, Sant'Ana rogai a Deus por nós...

Era mais ou menos assim que eu me lembro, assim que eu me recordo. Mas eu acho que era bem característico da festa de Sant'Ana, então é bem

interessante colocar a ladainha. A parte que eu mais gostava nas missas era essa parte da ladainha, e eu acho que faz durante todos os dias de celebração, se eu não me engano.

Entretanto, a própria Ihara pondera sobre as mudanças que vêm ocorrendo ao longo dos anos:

Ihara: *Porque os jovens não são tão frequentantes, eles não frequentam a parte religiosa, eles querem saber mais da festa de rua, né? O que é uma coisa preocupante, porque se a igreja, se a festa de Sant'Ana está se envelhecendo de certa forma, está sendo frequentada somente por pessoas mais velhas, como vai se proceder a continuidade dessa festa? É uma questão que eu também fico me perguntando, será que vai continuar? Será que ela vai acabar? Então é uma situação complicada de se entender, de se aceitar na verdade.*

Em sua fala, a tensão entre a festa de rua e a festa religiosa apresenta seus contornos geracionais: é *preocupante* ver os jovens lotando as ruas e não *frequentando* a igreja, pois, se eles não se envolvem na *parte religiosa*, fica a dúvida sobre a possibilidade de continuidade da festa. Entendemos que, para ela, é *complicado entender e aceitar* que, por mais que admirem e tenham carinho pela festa, não parece que aqueles que se mudaram do Inhaí possam garantir sua manutenção. O que não significa que não existam jovens empenhados com o sentido religioso da festa, como vemos com o exemplo de Paula.

Paula: *Estar unido a Deus nestes dez dias, como eu falei, pra meditar, pra ver, pra conhecer a história de nossa padroeira, assim, pra ter ela como modelo e continuar com a tradição da nossa paróquia, voltada principalmente para evangelização e pra Deus. Que o nosso principal objetivo de fazer uma festa, um novenário de um santo, seja de Sant'Ana, seja de qualquer outro santo da igreja, o objetivo é este: estar conectado, estar nos caminhos de Deus. Como a nossa festa era uma festa tradicional, então a tradição aqui, deste quando começou a festa, era dos pais levarem os filhos, os parentes, os visitantes, a participar mesmo deste momento na igreja, deste novenário em preparação da festa, estar ali neste momento. Tinha antes um momento social, mas o principal motivo, o principal foco era de estar ali na igreja rezando. Com o tempo isso foi se perdendo mais, e o momento social, ficou mais forte do que a tradição, que antes era todo mundo junto participar. Então esse ano a gente queria resgatar isso, né? Trazer o povo pra unir mesmo, voltar às raízes, todo mundo junto unidos, em louvor e oração, porque a festa existe por causa de Sant'Ana.*

As vivências religiosas se reapresentam a todo momento nas elaborações de Paula: falar da festa, para ela, é falar da fé. Cada uma das pessoas com quem conversamos tematiza a devoção de um modo distinto, sendo comum a afirmação de que este era o *principal motivo* da festa antigamente e que a devoção vem diminuindo, especialmente entre os jovens. As tensões

entre o sagrado e o profano, a rua e a igreja, as mudanças na festa ao longo do tempo mostram a dinamicidade e complexidade da festa como fenômeno cultural em suas dimensões temporais, espaciais e religiosas. Mas além das constatações sobre as mudanças e as tensões, outras afirmações sobre a festa vão se mostrando comuns: celebrar Sant'Ana é ocasião das pessoas da comunidade estarem juntas, oportunidade daqueles que não estão presentes a todo o momento retornar, e desta forma a comunidade se re-une.

1.5. *Um ponto de encontros e reencontros*

Jandivison: A festa proporciona esses encontros.

Ihara: A festa de Sant'Ana é algo que retrata o reencontro entre as famílias.

Figura 11 – Celebração da Santa Missa em comemoração a Sant'Ana do Inhaí/MG em 2019.



Fonte: Arquivo Pessoal.

Festas em comunidades rurais são ocasião propícia para encontros e reencontros. O momento da Festa é aguardado por muitas pessoas. A ansiedade está à flor da pele. A comemoração a padroeira é um momento em que pessoas que não residem ali enxergam como oportunidade para retornar e reencontrar seus amigos, a sua família. O dia da festa em si, nas casas, é uma conjuntura de: o que eu devo preparar? Que horas eles vão chegar? Onde eles vão dormir? Será que é o suficiente? A preparação não é somente na igreja ou nas ruas para a chegada das pessoas, mas em cada casa.

***Jandívison:** Nessa época a festa ajudava muito nessa socialização, uma vez que não tínhamos os meios digitais de comunicação tão democratizados, então a festa propiciava esses encontros! Meus irmãos chegaram a trabalhar nos garimpos e em outras atividades típicas do campo e para eles também era uma oportunidade de se encontrar em um ambiente diferente do habitual!*

As casas ficam cheias, os netos correndo por toda a parte. É um evento a hora do almoço e outro evento a hora do banho, principalmente se a casa tiver serpentina. Aqueles que residem ficam dias em preparação e planejamento para receber aqueles que chegam.

***Ihara:** Das festividades religiosas eu lembro que a igreja estava sempre muito cheia e que a festa de Sant'Ana pra mim era assim, nossa, a melhor época do ano! Porque eu tenho parentes né, todos os tios, da família do meu pai, eles estão, eles moram em Belo Horizonte, então eu tenho tios e tias que moram em Belo Horizonte. Esse período da festa de Sant'Ana era um período de férias pros meus primos, meus tios, eles conseguiam tirar férias e a gente ficava esperando assim eles virem visitar a gente que era só nesse período do ano, durante a festa. Então a gente ficava aguardando a ano inteirinho, ficava aguardando chegar, chegar a data né, em julho, pra gente estar reunindo a família para as festividades.*

A festa de Sant'Ana do Inhaí acontece durante uma semana, uma vez por ano. Para algumas pessoas da comunidade, esta semana é a mais importante em suas vidas. É um momento em que a comunidade se reúne para celebrar a sua padroeira e também para reencontrar a família, movimentar o comércio e a economia de forma geral, ou simplesmente para festejar.

***Jandívison:** E embora questões financeiras e logística me impedissem de estar presente, me deixou muito feliz ver que a festa de Sant'Ana (bem como a de Reis - que eu participei posteriormente) continuava sendo um ambiente de socialização e encontros, quer dizer, reencontros no caso! O período de comemoração permitia/permite que as pessoas tenham motivos para se reencontrarem; não que se precise de motivo pra isso, mas a vida corrida nos obriga a sermos práticos! A festa de Reis já era esperado ter essa função, pois*

coincidência com as férias escolares e de muitos profissionais; mas a Festa de Sant'Ana ocupa uma importante função de "zona de respiro" em meio a correria do dia urbano!

Lúcia Maria: *E vai mudando com longo dos tempos, a devoção vai perdendo um pouco o sentido e o povo fica mais focado na festa na rua. Mas é bom também, porque vai movimentando o comércio interno, é bom pra fortalecer vínculos. Querendo ou não a festa permite que o pessoal venha pro Inhaí, assim os que não estão residentes voltam no período da festa.*

As mudanças que podem acontecer com o decorrer dos anos entram na história como experiências vividas. Neste caso podemos analisar a mudança brusca no formato da festa para o ano de 2020. Vivemos uma Pandemia. No momento em que foram feitas as entrevistas, todos já sabiam que a festa não aconteceria do modo como é tradicional. O encontro e reencontro não seriam possíveis.

A espera ansiosa pela família que vem não vai acontecer, a grande movimentação de pessoas perambulando na comunidade não vai acontecer. Não haverá igreja cheia nem rua com o som alto. É preciso mudar e criar um novo sentido para que a festa aconteça com as novas necessidades impostas. Que sentido será esse?

Ihara: *E essa festa sendo realizada com transmissão ao vivo é uma coisa que é nova, é uma coisa que infelizmente ninguém 'tava prevendo, né? E tá acontecendo em todas as comunidades, em todas as regiões que tem festa de padroeiros assim, que tem um santo que tem as festas relacionadas ao santo, então elas estão fazendo diferente. Em 26 anos que eu moro, que eu participo da festa de Sant'Ana é a primeira vez. Então, o que será que define a festa? Será que realmente isso pode ser considerada a festa de Sant'Ana? Eu acredito que para além do caráter religioso, das manifestações religiosas, a festa também é um ponto marcante de encontro, encontro dos inhainhenses ausentes, encontro de todo mundo que foi embora, que consegue tirar um tempo pra tá voltando ao Inhaí. Então eu não sei.*

Novos questionamentos surgem. Que seria da festa? As celebrações acontecerão de um modo diferente, ainda poderiam ser denominadas de festa? Quais são os elementos reais que fazem a festa ser festa?

As mudanças fazem parte da experiência. As mudanças fazem parte da história. É um tempo que ficará marcado para sempre nos relatos futuros. Os questionamentos que surgem muitas vezes não são passíveis de resposta. Seria o novo normal, que novo normal é esse?

Ihara: *Pois é, é uma coisa nova, uma nova versão de celebrar, são tempos difíceis, e tempos de aceitar novas mudanças. É interessante, o meu olhar enquanto comunidade, enquanto pessoa que estava dentro daquela festa participando daquelas festividades é diferente, porque o canto pra mim é*

muito importante, sabe? Aquele contato da banda também que quando eu tocava na banda, 'tava sempre presente ali, eu queria estar tocando e ao mesmo tempo tocando com o mastro de Nossa Senhora de Sant'Ana acontecendo. Aquele momento, tinhas as relações de encontro, mas é ... Uma nova forma de pensar a festa de Sant'Ana. As relações são importantes, o contato, mas não deixa de ser festa.

A complexidade das relações sempre existiu e sempre vai existir. As mudanças fazem parte do processo. Criando uma ilusão a respeito da pandemia, se ela nunca existisse, como seria a festa de Sant'Ana de 2020? As mudanças já haviam sido apontadas e desenhadas para os próximos anos. A festa continuaria sendo a festa? Ou algo de essencial seria perdido?

Ihara: *Olha, eu como uma pessoa que morei a minha vida toda praticamente no Inhaí, que eu fiz parte das festividades, participei das festas de rua, participei das festas religiosas, fiz parte do coral, fiz parte da banda... Sempre tem que ter também a questão da banda de Sant'Ana de Inhaí, a banda que é em homenagem a santa. Eu acredito que festa, quando a gente pensa na festa de Sant'Ana, a gente pensa um conjunto, então, a gente não pode tá pensando separado. Eu acho que a festa vai muito além dos ritos que acontecem dentro da igreja, a festa também é um momento de reencontro, momento de relação uns com outros, momento onde a gente deixa um pouquinho de sentir saudade, a gente mata a saudade das pessoas que voltaram ali. É um momento também, de religiosidade, de fé, de devoção, porque a gente consegue sentir, consegue ter esse sentimento, sentir, quando tá acontecendo as procissões, os cânticos que são cânticos específicos. Eu acredito que a festa, é justamente essa reunião, essa união, várias características, características da festa de rua que é um elemento deste quando eu me entendo por gente, e as características religiosas e fora isso todas as relações da comunidade, todo o carinho, toda devoção e esforço em conjunto que foi feito para a realização da festa, entende? Então vai muito além de ser uma coisa só.*

A festa é um fenômeno comunitário, só existe se há união. O que não significa que não existam tensões, como já ficou claro até aqui. O ponto é que sozinho não se faz festa. Por isso é tão importante o retorno dos que migraram. Por isso tantas dúvidas se celebrações transmitidas pela internet são ou não festa. Por isso ter sempre mais pessoas participando pode ser visto como positivo por alguns: mais gente vai, mais gente se reencontra. Mas isso não é consenso. Mais uma vez Paula nos ajuda a contemplar outra perspectiva:

Paula: *A festa de Sant'Ana pra mim é um momento muito especial, porque é um momento que a nossa comunidade paroquial se reúne, pra prestar homenagem e louvor para Sant'Ana (...). A gente se encontra ali pra rezar, pra agradecer as graças que alcança por interseção dEla e também por estar ali reunidos em festa com a comunidade.*

Para Paula não basta qualquer forma de reencontro, é importante que o sentido religioso esteja no centro. O interessante é que, também para ela, *estar reunidos* é motivo de agradecimento. Retomamos um trecho de Lúcia Maria a esse respeito:

Lúcia Maria: Tinha leilão, as barraquinhas ficavam cheias, e foi acabando tudo. Aí acabou isso tudo depois que inventou de vir cantor de fora. O que também é bom, vem cantores para os palcos. Eu acredito que seja um ponto positivo, considerando que o Inhai é um canto. O que mais foca mesmo é a questão da falta de devoção, porque hoje em dia o pessoal vem pra festa com o intuito de aproveitar mais a rua. Vem como feriado, para descansar. Aí antigamente o pessoal vinha das comunidades locais, das nossas localidades aqui, a igreja ficava cheia, lotava, então acho que o foco maior é a da devoção, e as reinvenções das festas vem vindo mudando pensamento, você sabe né, tudo muda.

Lúcia Maria está elaborando: o problema da festa hoje é o cantor que vem de fora? A ampliação ser vinculada a “estrangeiros” seria um desvirtuar do seu propósito original? Mas ela mesma se corrige: isso *também é bom* e afinal, antigamente o *pessoal* de fora também *vinha* para a festa. Dando um passo a mais, ela afirma que diferença é que eles iam por *devoção* e as *reinvenções* não têm conseguido garantir uma igreja cheia. Ou seja, a devoção, para ela, é também uma experiência de união: todos estão ali em função de algo que os transcende e isso os unifica de um modo que os shows não conseguem fazer. Embora, como vimos, alguns jovens vejam o crescimento da festa como positivo, o que salta aos olhos é que a re-união permanece como fator essencial: o mesmo ponto, no fim, é o motivo de crítica e de elogio às mudanças que vêm acontecendo. Ihara reforça essa compreensão ao aprofundar sua experiência da festa como momento de reencontro:

Ihara: A Festa de Sant’Ana sempre foi muito importante aqui na comunidade, e eu acho que na vida de todos os jovens e adolescentes hoje em dia, que são ausentes assim, digamos que não morem mais lá. Era algo que retratava o reencontro entre as famílias para além das festividades religiosas, era uma época pra mim que eu podia rever familiares, pessoas que não moravam mais lá, mas que de certa forma a festa de Sant’Ana reaproximava a gente assim. Muitas pessoas iam visitar a minha casa, então eu acho muito importante assim, essa representação de manter esses laços em decorrência da festa de Sant’Ana. Era uma coisa que me chamava muito atenção, que mexia assim com o emocional, com os sentimentos mesmos. Os inhanhenses ausentes chegavam para a festa: agora gente pode se encontrar. Então eu acho que a festa é como se fosse um reencontro mesmo assim, na minha cabeça, eu vejo a festa como um reencontro entre essas pessoas, entre essas famílias.

Se os mais velhos e mais devotos têm razão em apostar que só a devoção é capaz de consolidar a re-união que se apresenta como elemento essencial da festa enquanto fenômeno,

só o tempo dirá. E, se o futuro parece incerto, talvez olhar para o passado possa ajudar a compreender como a festa se consolidou como esse projeto coletivo que a um só tempo afirma uma Potência transcendente e a importância da união comunitária.

Ingrid: *Como a senhora começou a participar da festa?*

D. Mercês: *Meu pai, né? Meu pai vinha pra cá todo ano e trazia nós pequeno junto dele pra ver Sant'Ana.*

Ingrid: *A senhora é daqui do Inhai?*

D. Mercês: *Sô não, eu vim morar aqui quando casei. Aí eu casei e a gente tá aqui até hoje no mesmo lugar. Eu morava era aqui pertim mesmo, e sempre vinha mais meu pai. (...) Eu fico aqui, daqui eu vejo a igreja, meu pai trazia pra... antes.*

A fé de um é apresentada a outro. O momento de adoração e de agradecimento pela graça alcançada é acompanhado pelos olhos atentos das crianças, oportunidade de seguir aquele mandamento. A experiência de um se torna incentivo de fé para o outro. A experiência de fazer parte daquele momento em uma época da vida. As práticas que são passadas de gerações a gerações. Os fatos narrados. Uma história. Muitas histórias.

Ihara: *Eu lembro que minha mãe chegava e fazia... apresentava... mostrava o respeito que ela tem por aquela imagem ali, assim como todos os outros fiéis da igreja. Eles mostravam a devoção e o respeito que eles tinham.*

Cada família tem uma prática comum, um simples gesto de respeito e adoração. São práticas que acontecem naturalmente e fazem parte da experiência de fé cada um. Se remeter à Santa como Nossa Senhora, apresentar-se diante da imagem abaixando a cabeça como sinal de respeito seguido do sinal da cruz.

A importância de que a fé seja vivida por meio de ritos e momentos festivos indica que a vivência religiosa não se dá de modo desvinculado da experiência comunitária. A devoção convida à união em torno de um projeto que afirma tanto a fé quanto a importância de estarem juntos. Novamente, festa não é algo que se possa fazer sozinho.

D. Alice: *A festa de Sant'Anna né, pois é... A festa é assim que a gente pede, tem os festeiros ali, eles vão fazer os convite, sai procurando as pessoas pra ajudar.*

A festa de Sant'Ana é um momento de planejamento, organização e distribuição de atividades. É um momento de encontro, de reencontro, de paz ou bagunça. É um momento que sempre acontece e se modifica com o tempo. É um momento em que espaços distintos se

encontram, consolidam laços, enriquecem a fé e o comércio. É um momento em que os pilares da comunidade se apresentam, como sintetiza Jandívison:

Jandívison: A festa de Sant'Ana é um celeiro da Cultura inhainhense...mesmo que sem perceber, um pilar econômico e um ponto de encontros e reencontros que deve ser estudada e preservada!

1.6. Eu gosto muito do meu lugar

À medida que se clarificam os vários sentidos da festa de Sant'Ana, também vão sendo delineados os modos como cada um se vincula à comunidade. A festa como vivência comunitária suscita questionamentos: que seria vivência de pertencimento? Quais relações estabelecemos com determinados lugares? Que seria o lugar? O lugar é a comunidade? O lugar é a nossa casa? O lugar é o nosso quintal?

Lúcia Maria, ao falar sobre a comunidade, expressa: “o Inhaí é um canto”, lugar pequeno, que vê seus membros alçarem voo para longe e retornarem na época da festa de Sant'Ana, o que “é bom pra fortalecer vínculos, querendo ou não a festa permite que o pessoal vem pro Inhaí, assim os que não estão residentes voltam no período da festa”.

E para esses filhos da terra que precisam migrar de seus ninhos à procura de melhores condições, seja emprego ou estudo, seu lugar continua sendo a comunidade rural? Muitos voltam para debaixo das asas de sua morada assim que possível. Em comemorações festivas ou nas férias, tudo se torna um motivo para seu retorno. O Inhaí é um grande exemplo disso, as pessoas saem de seu lugar numa busca por melhorias, e voltam sempre que possível para fazer parte do que lhes pertence: a festa de Sant'Ana, a folia de Reis, entre outros. E para quem saiu de lá, que lugar é o Inhaí?

Para Ihara, jovem que migrou da comunidade para estudar em Diamantina:

Ihara: O Inhaí não pode ser cidade, o Inhaí é totalmente dependente de Diamantina, não tem banco, não tem hospital, não tem caixa, só tem um supermercado. Então não tem todas as facilidades que a cidade oferece, acaba que a gente fica à mercê de Diamantina. Então tudo que precisa resolver: se é pagar conta, é Diamantina; se é pra ir ao médico, é Diamantina, Inhaí é uma roça-grande (risos), os habitantes são bem, são bem menores né?

Já vimos como Ihara fala com carinho da festa de Sant'Ana e aqui ela nos apresenta o Inhaí como *roça-grande*, comunidade rural em que faltam estruturas básicas para nossa vida moderna. Por outro lado, para mim, vinda da cidade Diamantina, ali o olhar é diferenciado, o

ritmo do dia é totalmente diferente, é possível parar e respirar, olhar o céu e notar seus encantos. As pessoas estão posicionadas nas janelas, sentadas em suas calçadas, em lugares que fazem parte verdadeiramente de seu cotidiano. É possível ver crianças brincando na rua, idoso nas praças ou na porta da igreja, em grupos conversando sobre coisas simples: será que vai chover?

A horta é tratada todas as manhãs, logo cedo, ou melhor, na madrugada, antes do galo cantar. Pés de manga, chuchu, banana e um canto com folhas, couve, alface e cebolinha, além dos bichos como galinhas, às vezes porcos, cavalos, vacas, tudo num mesmo quintal. A feira pode ser feita em casa. Fatos característicos de suas vidas, com a pureza do ar que alivia a qualquer corpo. É o mundo-da-vida. É a constituição de um lar. O seu lugar.

***Tuca:** Ingrid, eu sou suspeita em falar sabe, eu não sei se você já ouviu falar em um ditado que o povo fala que: “Inhaí é terra que ninguém quer ir, mas quando vem não quer sair”. Eu acho que eu sou suspeita em tá falando, porque eu vivi muito tempo em São Paulo, sabe? E 2003 voltei pra cá, e quando eu voltei pra cá eu pensei: não quero sair daqui mais nunca, eu quero viver aqui pra sempre no Inhaí. Porque, é uma coisa gostosa, sabe? Viver em comunidade, viver em família, o calor humano, todo mundo preocupa com todo mundo. Eu mexo na Associação dos Produtores Rurais que eu sou Presidente, sabe? Aí, né, ali que eu me encontro, sabe? A gente sabe quem é quem, quem que passa dificuldade... Apesar que no Inhaí graças a Deus não tem isso mais, não tem isso mais. Pessoas falam: “ah Inhaí, é, a estrada tá ruim”. Aí eu sempre falo: “gente, tem lugar pior”, né? Muito tempo atrás não tinha luz, a gente vivia com lamparina, não tinha luz. Não tinha telefone fixo em casa, era um orelhão na rua, agora todo mundo, todos podem ter um telefone em casa, temos o celular que chegou, mas todo mundo tem acesso, tem a internet. Gente, quem não quer viver num lugar desse? Nossa é muito tranquilo, dá certas horas você vai dormir e vai dormir com sossego, né? Você vai no quintal ali, você colhe uma verdura pra você comer, não tem a necessidade de ir lá no mercado ficar comprando essas coisas, você tem tudo em casa. E eu defendo muito a minha comunidade, não gosto quando fala que Inhaí não vai pra frente, vai sim! Porque essas pessoas não enxergam as coisas que acontecem. Vai assim, passo de tartaruga, vai acontecendo devagar, um dia faz uma coisa... Agora mesmo, a nossa ponte, né? Graças a Deus tá mexendo nela, não sei quando vai acabar, mas pelo menos já começou. Eu achei que eu ia morrer e não ver esse progresso aqui na comunidade. O povo falando da ponte, que a ponte é isso, que a ponte é aquilo, mas eu... Graças a Deus são coisas que a gente tem que agradecer a Deus por estar aqui, né? Longe de tumulto né, longe de ônibus, pega isso, pega ali... Pra mim o Inhaí é maravilhoso, bom demais graças a Deus.*

O sentido de pertencimento ao lugar Inhaí, para Tuca, engloba a convivência e a tranquilidade. Há pessoas que se sentem parte disso tudo, mas há também pessoas que preferem reclamar dos problemas, como ela nos diz, ou que encontraram um novo lugar, em outra cidade. Neste último caso, como acontece com Ihara, os vínculos afetivos não são encerrados por completo, sempre há resquícios de algum sentimento, tudo faz parte do processo.

Assim como é para Tuca, também para mim o Inhaí é onde encontro tranquilidade. Onde ganho paz. Onde o descanso chega e faz morada! Veja, olha só. Ao chegar neste lugar, logo percebo os olhares sobre a estrangeira: “cê é filho de quem?” Ai se não responder! Logo é visto como mal educado, mas quando respondo, hum... Rende a conversa! “Nossa que bom que você veio! Vai ficar onde?” E quando você assusta, já está na cozinha ou no fundo do quintal, tomando café e comendo quitandas do forno de barro.

A desfeita nunca é bem vinda. Você está no paraíso, ou melhor, no “País das Maravilhas”. Esse lugar é rico na cultura. “Olha só a Folia de Reis. Olha só a musicalidade. Veja, Ah Sant’Ana... Ah festa de Sant’Ana, nossa padroeira, mãe guia e protetora. Ela é nossa! Ela é esse lugar. Ah! Quanta essência! Esse lugar sabe qual é? Esse lugar é nosso lar!”

Agora que há várias definições, posso me perguntar: o que é esse lugar?

***Tuca:** Oh Ingrid, todo dia sabe, que eu levanto de manhã, eu agradeço a Deus tanto por eu estar aqui, ‘tendeu? Eu não sei, eu não vejo outro lugar melhor que o meu não, não vejo mesmo, é. Eu quero estar aqui até quando Deus me der vida, sabe? Me der saúde, porque paz eu já tenho e enquanto eu viver eu quero morar aqui, viver aqui na comunidade.*

Eu acho maravilhoso, quando aparecem pessoas feitas você que tem interesse em saber como a gente tá vivendo, como a gente vive aqui na comunidade, que a gente sabe que não é fácil. Às vezes a pessoa falar assim: “ah, eu não gosto daqui, a estrada é ruim, não tem um banco”. Gente a vida não é só isso não! A vida tem outras coisas que a gente pode estar convivendo e de forma tão prazerosa né? E você já conversou com a Lúcia Maria? Porque ela também, eu acho que ela pode te ajudar bastante nesse trabalho, ela sabe tudo da comunidade, ela sabe tudo que você perguntar ela. Além de saber, ela vive dentro da igreja, eu espero que eu possa tá contribuindo com alguma coisa pra tá te ajudando, sabe? Porque assim, o pouco que eu sei eu te passei, e se precisar de alguma coisa que estiver a meu alcance, pode tá me procurando, me ligando, não tem problema nenhum, tá? Fica com Deus.

Tuca fala do Inhaí como lugar de convivência *tão prazerosa* e propõe para mim, até então uma desconhecida, essa mesma convivência: se dispõe a ajudar na pesquisa com o que *estiver ao alcance*. Inhaí é para ela e por meio dela lugar de acolhimento.

Não é fácil estudar o conceito de lugar, a geografia abraça este tema, mas apresenta diferentes denominações. O lugar é físico? O lugar é visível? O lugar é sentido? O lugar é sentimento? O lugar é abstração? Mas o que é o lugar? Palavras se embaraçam umas nas outras, uma mistura de ideias que confundem a minha mente. O lugar pode ser o mesmo para diferentes pessoas? Acredito que não! O lugar pode deixar de existir? Dúvida cruel. Perguntas sem respostas. Mas que é lugar para você? Me pego pensando, qual o sentido disso? Qual o valor para isso? Qual seria o meu lugar? Não precisa ter sentido, ou talvez sim? Não precisa ter valor, ou será que sim? Mas temos um lugar, e que lugar é esse? Às vezes nem sabemos, ou sabemos

e ainda não descobrimos. O lugar pode ser uma pessoa? Reflitamos! O nosso primeiro lugar foi a nossa mãe? O seu útero? Como em teorias relacionadas à canção “Casa” de Vinicius de Moraes? Talvez o lugar seja pequeno, ou até mesmo grande. Ele tem cheiro, gosto e sabor, ele tem características que o damos.

Figura 12 – Praça do Largo do Inhaí.



Fonte: SILVA, Ihara.

Ingrid: *E daqui do Inhaí? Senhora gosta daqui?*

D. Alice: *Gosto. ADORO, NOSSA, minha terra, minha filha. SOU APAIXONADA. Hoje pra mim, Inhaí é cidade. Que no meu tempo, oh, era muito triste, tinha nada aqui minha filha, era tudo mato, e não tinha escola, boas escolas, dava [aula] era no salão de casa sabe? As casas que tinham as professoras mais velhas que tinha, aí elas faziam, tinha a casa delas e elas fazia um salão. Ali onde é a casa mesmo de Amélia, que mora aquele, com'ê que ela chama? É Cinara que mora lá né, acho que é. Não, é o que trabalha no cartório que morava ali, que morava naquela casa, ali era a casa da primeira professora Maria Amélia, ela tinha a casa, a casa dela era muito*

grande e tinha um salão de dar... Elas davam a aula em casa, era assim antigamente, né? Foi Maria Amélia depois a irmã dela, Daluz, depois foi Francisca, teve... e depois foi Ordália, essas professoras foi minhas professoras, só tinha terceira série. Mas era uma tristeza, não tinha nada menina, depois foi crescendo. Não tinha estrada pra gente ir pra Diamantina, era um sofrimento danado. Agora, hoje, pra mim, é uma cidade, que graças a Deus já tem quase tudo né? Tem um colégio muito bom, nossa escola é boa demais, tem até terceiro ano, não tinha, né? É, tem água, que a gente carregava água na cabeça (risos). Era nesse córrego aqui, aí buscava água, onde é esse beco, era uma lama que atolava a gente até aqui [sinal até os joelhos]. Passava era um na frente d'outro. Atrás era muito sofrido, hoje pra mim é uma maravilha, eu gosto muito do meu lugar. Vai crescendo devagarim, vai crescendo, né? Agora tá tudo ótimo, a gente tem esse posto aí que é muito bom, tem as enfermeiras, tem as agentes de saúde, tem dentista, tem o médico, tem tudo, graças a Deus. Já tem uma farmácia, agora a gente tem, foi dia de Sant'Anna que eles abriu aqui, dia 26. No meu tempo da minha mãe, ela contava que ali aonde é Dalva, perto do grupo, do clube, ali era uma farmácia, minha mãe me contava que ali tinha uma farmácia. Mas era assim, não é como hoje que é tudo, é, tem que ter o enfermeiro, o farmacêutico que sabe, tudo. Mas era aquelas pessoas que mais ou menos entendia dos remédios, é, que tinha lá. Às vezes era remédio até de planta, né? Coisas assim. Ela falava que aqui tinha um destacamento de polícia, ela até falava o nome da polícia que ficava aqui. Aqui no Inhaí eles vinha de cavalo, passando por São João da Chapada, eles passava de primeiro e vinha era pra cá. Eu não lembro não, é minha mãe que me contava, depois 'cabou, não tinha nada, aí depois foi crescendo. Da festa eu gosto muito da celebração com os fogos, antigamente eu ia com minha mãe, no finalzinho dos anos 90 que eu participei ajudando fazer a festa, essa que tem a fita. Agora todo mundo gosta, e tudo muda mesmo.

Podemos estabelecer conexão com determinados lugares a partir da experiência que compartilhamos com outras pessoas. O espaço se torna lugar no momento em que o dotamos de valor, ele só se transforma em lugar quando há sentimento, assim passamos a representar locais como nossos lares, ressignificamos pontos que um dia foram um espaço desconhecido.

Dona Alice apresenta dificuldades e transformações do Inhaí, deixando claro que a sua paixão pela comunidade é grande. Ela dá significados a certas experiências que vivenciou quando era jovem. As mudanças na vida comunitária são apresentadas como evolução positiva e o gosto pelos avanços é matizado pelo fato de antes ser muito sofrido vivenciar essas dimensões básicas da existência hoje garantidas pelo acesso facilitado à água, educação e saúde. E esse gosto se traduz na afirmação enfática de ser *APAIXONADA* por *minha terra* Inhaí, que para ela, hoje, *é cidade*. Seu forte sentido de pertencimento ao Inhaí exalta o desenvolvimento da comunidade ao longo do tempo.

Sua valorização pela configuração atual da comunidade de certo modo contrasta com a resposta ao ser questionada sobre se gosta da festa hoje em dia: “*eu? Mais ou menos, antigamente, eu achava melhor, hoje tá tudo diferente*”. Embora se inverta a direção do que é

valorizado em um outro caso, em ambos a estrutura que se apresenta é de comparação entre tempos vividos, de modo a explicitar o que há de bom. é interessante destacar que um dos momentos ditos por Dona Alice como importante na festa de Sant'Ana era a distribuição do doce, algo que não acontece mais na atualidade, mas ela de certa forma dá continuidade a esse momento:

***D. Alice:** Aqui [ela levanta da cadeira e pega bombons]: toma aqui pra cês. Eu tenho um monte de doce que fico na janela esperando os meninos passar da escola pra eu dar eles. Tem vez que eles até fica me esperando: “oh dona, cadê a bala?” Já acostumei.*

Talvez para ela seja somente um agrado para as crianças e jovens que passam pela sua janela. Uma ação sem ao menos perceber que faz parte da história da comunidade. E que eu pude notar em cada casa que passamos: sempre há uma vasilha com balas, doces ou bombons para as visitas. Uma forma de agrado, de promoção da hospitalidade que agrega: companheiro é quem partilha o pão. E se o compartilhado é um alimento doce, a alegria está garantida! É como se uma ação que era típica da festa tivesse entrado na vida cotidiana, forma de fortalecer vivências comunitárias que a festa promovia (seguirá promovendo?) Ou essa já era uma prática cotidiana que foi incorporada à festa e hoje perdura nas casas, mas não na celebração? Impossível saber, mas bem fácil sentir: o gosto bom na boca da visita é um convite a gostar do Inhaí e querer voltar.

No gesto simples de Dona Alice colhemos uma unidade entre modos de viver a festa e viver a vida cotidiana. Um modo que propõe o gosto bom de estar ali, que reafirma o gosto pela festa e que se mostrou presente também nas conversas com outros membros da comunidade, mesmo aqueles que não se detiveram muito nas elaborações sobre seu pertencer ou não ao Inhaí. Jandívison e Ihara, por exemplo, começaram seus depoimento afirmando:

***Jandívison:** A festa de Sant'Ana de Inhaí me traz muitas recordações doces da minha infância e adolescência! Nessa fase eu participava todo ano.*

***Ihara:** Eu participo de tudo, de algumas coisas que acontecem na comunidade, nos momentos que eu mais gosto de participar lá na comunidade é da festa de Sant'Ana.*

Perguntados sobre a festa, ambos começam falando sobre sua participação nela, sobre o gosto doce das recordações ou o gostar de vivenciá-la. Não falam da festa como algo externo, pois por muitos anos estiveram na festa como protagonistas, *participavam todo ano*: viver a

festa se mistura com suas biografias. Assim, a fala sobre a festa é uma fala em primeira pessoa. Isso fica claro também no início das conversas com Dona Mercês e Paula:

Ingrid: *Boa tarde, meu nome é Ingrid, eu sou de Diamantina estou aqui na comunidade pra realizar um trabalho sobre a festa de Sant'Anna. Gostaria de saber se a Senhora poderia conversar um pouquinho comigo sobre como é a festa, se a Senhora participa, se a Senhora gosta? Qual o nome da senhora mesmo?*

Dona Mercês: *Vem pra dentro. Meu nome é Mercês, eu gosto da festa de Sant'Anna, tem muito tempo que eu participo.*

Ingrid: *Eu queria saber como é a festa para você, as festas que já aconteceram, qual o seu envolvimento, como você começou a participar da festa de Sant'Ana, eu queria saber mais um pouco sobre isso.*

Paula: *Tá bom! Eu sou daqui do Inhaí, nasci aqui e moro aqui, né, há muito tempo. Então a festa de Sant'Ana para mim é um momento muito especial, porque é um momento que a nossa comunidade paroquial se reúne pra prestar homenagem e louvor para Sant'Ana.*

Com Dona Mercês me apresentei perguntando sobre a festa e ela se apresenta me chamando para dentro, dizendo que gosta e participa há muito tempo. Com Paula, pergunto sobre a festa e ela responde: *sou daqui do Inhaí*. Para poderem discorrer sobre a festa, ambas primeiro precisam se situar nela: Dona Mercês, que não nasceu no Inhaí, atesta ser partícipe há muitos anos. Paula, filha da terra, começa afirmando esse fato e completa com a informação que segue morando lá. Vai se delineando como participar da festa se enraíza no participar da comunidade, um certo modo de ser que convida para entrar a “menina” desconhecida que quer conversar sobre a celebração.

Em suma, nos trechos que destacamos das conversas com Lúcia Maria, Ihara, Tuca, Dona Alice, Jandívison, Dona Mercês e Paula – pessoas tão diferentes entre si, que vivenciam a festa de Sant'Ana do Inhaí a partir de perspectivas tão diversas – vemos de várias formas se reafirmar o sentido da festa como vivência de re-união. Na hospitalidade com que me receberam; no carinho com que recordam o tempo da festa; nas elaborações sobre as tensões entre o antigamente e o hoje, entre a rua e a igreja; no modo como a religiosidade é transmitida entre as gerações e afirmada como relacionamento pessoal com Sant'Ana... Nessas diferentes compreensões que diferentes miradas sobre a festa nos permitiram alcançar, colhemos um fio que perpassa, entrelaça, agrega: re-unir em festa é afirmar a comum-idade.

O tempo passa, as necessidades econômicas mudam e podem dispersar a população em busca de fontes de renda ou justificar o crescimento da festa de rua em detrimento da devoção

vivida dentro da igreja. As tensões se re-instalam e quem vive a centralidade da fé apoia modos de re-criar a festa em busca de suas origens. Partindo do interesse em conhecer os sentidos da festa para quem a vive, chegamos à compreensão de que em todos esses momentos e movimentos a festa é ocasião de agregar, reunir e, portanto, ação potente para re-afirmar o Inhai como comunidade.

PARTE II

2. Diálogos teóricos

Esta pesquisa busca compreender diferentes modalidades de sentidos da Festa de Sant'Ana do Inhaí para membros da comunidade a partir da análise fenomenológica de elaborações de moradores sobre a participação na festa que celebra a Santa. Por isso, busco referenciais na fenomenologia que auxiliem a compreender nuances das múltiplas vivências implicadas na festa enquanto fenômeno.

Neste capítulo apresento tais referenciais, iniciando por uma retomada dos pressupostos dessa corrente filosófica na qual a pesquisa se ancora. Para tanto, recorro à definição de fenomenologia a partir de Husserl (2002) e comentadores. Noções fundamentais para a pesquisa são conceituadas a partir de contribuições de fenomenólogos dentre os quais destaco a filósofa Edith Stein (2003, 2005), que aborda questões a respeito de comunidade e comunidade religiosa. Na obra do cientista da religião Mircea Eliade (1997, 2019) colho as suas discussões a respeito da temática de sagrado e profano. A filósofa Ales Bello (1998, 2004, 2019) contribui com suas análises sobre vivências religiosas e as relações entre culturas e religiões, explicitando como religião pode ser fator estruturante da cultura. A geógrafa cultural Zeny Rosendahl (2002) elenca questões sobre espaço e religião. O geógrafo Paul Claval (2014) com suas contribuições a respeito da temática de Festa e Festa religiosa.

Os demais autores são referenciados por dialogarem com o tema da pesquisa ao se debruçarem na temática de festas, festas populares e devoção.

2.1. A centralidade da experiência

Husserl (2002), ao idealizar a fenomenologia, propõe a volta às coisas mesmas, a estudar não puramente o ser, nem puramente a representação ou aparência do ser, mas o ser tal como se apresenta no próprio fenômeno. Para o filósofo, fenômeno é tudo aquilo de que podemos ter consciência, a fenomenologia é o estudo dos fenômenos puros (isto é, tomados em si mesmos). Em outras palavras, a tarefa da fenomenologia é estudar a significação das vivências da consciência.

Silva, Lopes e Diniz (2008, p. 255) afirmam que “o termo fenomenologia significa estudo dos fenômenos, daquilo que aparece à consciência, daquilo que é dado, buscando explorá-lo, a própria coisa que se percebe, em que se pensa, de que se fala, tanto sobre o laço que une o

fenômeno com o ser de que é fenômeno”. Para a fenomenologia, o mundo é o fenômeno, o que se mostra, embora precise ser desvelado, para chegar àquilo que a coisa é. Husserl (2002) discorre que quando algo se apresenta à consciência, captamos uma essência. Se ouvirmos diferentes sons, neles reconhecemos algo de comum: uma essência comum. As essências são as maneiras características do aparecer dos fenômenos, sendo importante destacar que é preciso fazer a variação e a redução.

A fenomenologia não realiza especulações, e nem monta estruturas para dar forma a algo que já está pensado, o fenômeno apenas se mostra, para que ocorra sua investigação. Ales Bello (1998, p. 12), elenca que a eficácia da fenomenologia está justamente em sua postura anti-especulativa, ou seja:

Ela não se fecha no interior de um pensamento que se pensa a si próprio, estabelecendo regras e de seu procedimento, mas sim, coloca-se diante de qualquer realidade com o objetivo de captar as suas estruturas, sem sobrepor algo de elaborado de forma puramente mental. Portanto a percepção do sentido é a motivação que orienta a investigação.

A fenomenologia não pode ser testada a não ser na pesquisa de campo e na análise concreta dos fenômenos que despertam a atenção (ALES BELLO, 1998). Para tanto, é preciso buscar o sentido da coisa ela mesma, realizando um processo de suspensão de todos os nossos preconceitos e concepções.

Ales Bello (1998) apresenta que o primeiro passo regressivo é constituído pela redução do mundo e da natureza à nossa experiência do mundo e da natureza. A experiência considerada nas suas estruturas universais garante a sua realidade e possibilidade como experiência de cada um em particular, mas ao mesmo tempo como experiência que envolve a todos os indivíduos. “A regressão, portanto, remete à dimensão que Husserl em outros contextos chama de esfera da consciência, com o seu fluir e, portanto com a sua temporalidade imanente na qual estão presentes os atos ou vivências (*Erlebnisse*)” (ALES BELLO, 1998).

Ales Bello (1998) acentua que às vivências que estão presentes em nossa consciência é mais fácil identificar a sua essência em comparação com a realidade do mundo físico, e no trabalho de identificar os instrumentos perceptivos há maior segurança que permite mostrar a estrutura da subjetividade que procede para a redução transcendental, assim podemos nos conscientizar de nossas práticas de sentidos, lembrar, pensar, perceber.

Ela ainda recorta que a análise daquilo que é extensional nos leva a reconhecer a permanência de uma coisa e suas variações. Ales Bello (1998) enfatiza que as mutações não destroem o que é permanente, a “destruição” permite identificar as suas partes como partes de

uma coisa unitária. A mudança das qualidades, não implica a mudança da forma. O que muda é compreensível com base naquilo que permanece, a mudança é um aspecto secundário captado pela percepção, ao passo que a permanência é fundamental.

Trazendo essa reflexão para o objeto da presente pesquisa, observo que a festa de Sant'Ana é um ato permanente dentro da comunidade do Inhaí, que com o passar dos anos, adquire variações. A devoção a Sant'Ana continua sendo um aspecto permanente, a fé e a crença da população do Inhaí fortalece esta questão. Sua imagem representa simplicidade, humildade, ensinamento e conhecimento. A festa em sua honra acontece há anos, mas com o passar dos tempos às mudanças são necessárias para que a população mais nova se sinta pertencente. A fé permanece, a estrutura da festa se modifica.

2.2. Reunir para festejar

Tendo como objetivo compreender os sentidos de uma festa em homenagem à padroeira local, é importante clarificar compreensões sobre o que são as festas populares e sua vinculação à devoção a santos. São vários os sentidos e modos que uma festa pode apresentar, neste caso, nossa intenção foi trabalhar com os sentidos de uma festa religiosa, mas especificamente, festa religiosa católica de Sant'Ana do Inhaí.

Segundo o filósofo alemão Josef Pieper (1974), em sua obra clássica *Uma teoria de la fiesta*, o dia festivo é sempre mais do que simplesmente um dia em que não se trabalha, pois celebrar implica sempre um estado contemplativo. Para haver uma festa, algo divino deve acontecer, pois é o aspecto divino que a torna possível. Assim, celebrar uma festa significa colocar-se na presença da divindade.

A essência da verdadeira festa, para o autor, está em sua riqueza existencial, no valorizar as coisas perdidas, a sua excepcionalidade, o afeto, a memória e a afirmação do mundo. A festa real está ancorada no amor, deste modo ligada à alegria e à sua forma mais tranquila. Ele discorre que os elementos da Festa: a organização, a alegria e a adoração não devem ser confundidas com a sua essência, que é a necessidade de se afirmar no mundo, a criação enquanto dom.

Mahfoud e Massimi (2009) defendem que festas religiosas são fenômenos que re-apresentam sentidos comunitários e se articulam ao dinamismo pessoal de modo

particularmente intenso na cultura barroca². Os autores explicitam como a cultura barroca difundida no Brasil é marcada por grande ênfase nos aspectos sensoriais como mobilizadores dos afetos e do entendimento. Se considerarmos que o culto a Sant'Ana foi instituído na região do Inhaí no período histórico marcado pela cultura barroca, é possível afirmar a importância da dimensão hilética, isto é, “a materialidade tomada através da ressonância que ela promove no sujeito” (p. 54), para a compreensão de como os membros da comunidade elaboram os sentidos de sua participação na festa.

Espectáculos, festas, cerimônias religiosas ou cívicas, pregações e procissões características da cultura barroca são representações que fazem apelo ao posicionamento do sujeito todo, ou seja, através de sentidos, afetos, razão e vontade. O empenho da re-apresentação – aos contemporâneos e às próximas gerações – dos significados e sua materialidade faz parte do envolvimento do sujeito com o mundo e explicita sua participação pessoal no corpo social e na história. Os recursos persuasivos barrocos proporcionam experiências que solicitam o movimento da pessoa e da comunidade. Cuidar da cultura local e re-apresentá-la é um desses movimentos. Assim, a cultura se realiza com vitalidades pessoais (MAHFOUD, MASSIMI, 2009, p. 56).

Também segundo Amaral (1998) é imprescindível tanto às cerimônias festivas quanto os ritos religiosos para reavivar os laços sociais, os quais sempre correm o risco de se desfazerem. Neste sentido, pode-se imaginar que, quanto mais festa um grupo social ou uma comunidade realiza, maiores são as forças para a sua resistência.

De acordo com Rosendahl (2002) no Brasil colonial, a participação das irmandades nas Igrejas e o predomínio do aspecto devocional dos fiéis, expresso através de romarias, das promessas, das procissões e das festas dedicadas aos santos, dão caráter eminentemente social e popular ao catolicismo brasileiro.

Essa força de coesão das festas populares é descrita por muitos autores desde Durkheim (1968), que apontava que as principais características de festa estão na superação das distâncias entre os indivíduos, a efervescência coletiva e as transgressões das normas coletivas. Festas subvertem o cotidiano, já que as pessoas se reúnem com um fluxo periódico, anualmente ou algumas poucas vezes no decorrer do ano. Como também afirma Rosendahl (2002), a prática religiosa implica na ida de pessoas em certas ocasiões para determinado lugar em dias de festividades.

Se tratando de comunidades rurais, devemos levar em consideração que muitas pessoas mudam em busca de melhores condições de vida, seja a trabalho ou estudo. Este fato é presente

² É importante destacar que existem diversas modalidades expressas na cultura barroca brasileira, em Minas Gerais podemos evidenciar as esculturas em pedra-sabão, entalhes em madeiras e nos altares das igrejas.

na comunidade do Inhaí. Várias famílias migraram em direção a um objetivo quase que comum: a melhora de vida. É possível observar que parte destas pessoas ainda cultivam as suas raízes, a festa de Sant’Ana é para eles uma razão de retornar ao seu lugar. Amaral (1998) destaca que o divertimento, um pressuposto de festa, é uma rápida fuga da monotonia cotidiana do trabalho pela sobrevivência, é uma “zona de respiro”.

Claval (2014) discorre que a festa quebra a continuidade quotidiana da existência, a atmosfera muda. As decorações, as pessoas, os cantos, tudo se mostra um espetáculo. A festa é acompanhada frequentemente por uma subversão, ou uma inversão, passageira da ordem social. Segundo o autor, a festa religiosa realiza uma quebra na vida de cada participante, as inquietações e as preocupações são esquecidas naquele momento: a dureza do tempo, os problemas familiares, os pais que envelhece, os vizinhos barulhentos. Por alguns dias, tudo é ignorado, as festas foram criadas para recuperação do fôlego. É um momento de descanso, de reencontro e de espera.

A festa é contemplação, a festa é um apelo aos sentidos. A festa é encontro, a festa é reencontro. A festa é uma pausa no tempo, a festa é uma zona de respiro, a festa é um momento para recuperar o fôlego. A festa é solidariedade e união, a festa é paz de espírito, é uma calma para a alma. Mas por que a festa existe?

2.3. Dois tempos

Perez et al. (2012) discorre que festa é uma presença constante em nossas vidas individual e coletiva, regulando-as no ritmo de sua incessante sucessão no calendário. Festas marcam os tempos fortes, os momentos culminantes, as alternâncias de ritmo e de intensidade da vida individual e coletiva. Segundo o autor, identificar um evento como festa, no sentido geral, não parece difícil, mas tudo se complica quando se trata de qualificar e de particularizar.

A comunidade do Inhaí se reúne anualmente com o objetivo de celebrar a Sant’Ana. Os meses de julho (mês de sua celebração) podem ser caracterizados como tempo forte segundo característica apresentada por Perez et al. (2012). E este tempo forte dita o funcionamento da comunidade e de sua população frente à organização e a celebração da festa.

O tempo é re-significado, é tempo de devoção, de fé, de respeito. É tempo para cultuar, para agradecer, para celebrar. A festa é um momento no tempo em que os fiéis se sentem mais próximos da divindade. O mês de julho no Inhaí é o mês do tempo de Sant’Ana, todos os

propósitos religiosos católicos estão voltados para a padroeira, a comunidade se solidariza e se reúne.

Eliade (2019) apresenta que o sagrado e o profano constituem duas modalidades de ser-no-mundo, duas situações existenciais assumidas pelo homem ao longo da sua história. Esses modos de ser-no-mundo, não interessam apenas à história das religiões ou à sociologia. Os modos sagrado e profano dependem das diferentes posições que o homem conquistou no Cosmo, e não interessam somente ao filósofo, mas a todo investigador que deseja conhecer as dimensões possíveis da existência humana.

O tempo para o homem religioso não é homogêneo e nem contínuo. Existem intervalos de tempo sagrados, que são o tempo das festas. E existe o tempo profano, com duração temporal ordinária na qual se inscrevem os atos privados de significado religioso. Entre essas duas modalidades de tempo existem uma solução de continuidade: por meio dos ritos o homem religioso pode passar sem perigo da duração temporal ordinária para o tempo sagrado (ELIADE, 2019).

Eliade (2019) apresenta que toda religião é um evento sagrado que se baseia no tempo mitológico, no qual os participantes se tornam contemporâneos do acontecimento mítico. Couto (2008) considera que é preciso cuidado com tal afirmação, pois, apesar dos festejos serem repetidos anualmente, não existe uma composição de estrutura fixa ou rígida. Este autor discorre que devoção, festas e ritos têm a função primordial de reatualizar o tempo mítico, reversível e recuperável. Ao participar desses eventos, o fiel evoca e recria o tempo inicial, desta forma as manifestações religiosas não significam apenas a comemoração de um acontecimento, mas a sua reatualização, uma forma de reviver o tempo original e promover a purificação.

Eliade (1997) discorre que na religião periodicidade significa a utilização indefinida de um tempo mítico tornado presente. Todos os rituais têm a propriedade de se passarem agora, neste instante. O tempo em que viu o acontecimento comemorado repetidas vezes pelo ritual é tornado presente, re-presentado. Os dias em comemoração a Sant'Ana sucedem aos olhos do fiel. Eliade destaca que um verdadeiro devoto deve sentir-se contemporâneo destes acontecimentos trans-históricos, visto que, ao se repetir, o tempo teofânico se torna presente.

É importante destacar que o tempo festivo é repetido, mas não é imóvel e nem imutável. Ele se revela especial e diferente do calendário profano, não se trata de um evento isolado, pois quebra o ritmo regular do cotidiano, promovendo a socialização, o sentimento de pertencimento e a identidade dentro da comunidade, além de estar relacionado também aos aspectos políticos e socioeconômicos (COUTO, 2008).

Na festa de Sant’Ana do Inhaí, é possível analisar que a estrutura devocional sofreu mudanças com o decorrer dos anos. As festas se repetem, porém, elas não acontecem de forma fixa e rígida com o passar dos anos.

2.4. Dois espaços

Tuan (2013) mostra que o lugar é construído a partir da experiência e dos sentidos, envolvendo sentimentos e entendimentos, num processo de envolvimento geográfico do corpo amalgamado com a cultura, a história, as relações sociais e a paisagem. O lugar é segurança e o espaço é liberdade: estamos ligados ao primeiro e desejando o segundo, não há lugar como o lar.

É importante destacar que não devemos ser “inocentes” em imaginar um lugar como perfeito, sem problemas. O lugar é complexo, denso e subjetivo. O lugar é paz, mas é também sofrimento. Os dois lados da moeda existem nos lugares.

O Inhaí foi um lugar escolhido para cultivar a Sant’Ana. Nos dias em que Santa é comemorada, a comunidade tem um objetivo principal, ela é re-significada e os espaços são demarcados. Em tempos de festa, o lugar é organizado de forma diferente do habitual. Cada ponto, cada momento possui um significado na organização: as casas dos festeiros, o ponto de partida da bandeira do mastro, o caminho por onde o cortejo passa, o ponto onde a festa de fogos se inicia e a posição da banda de música. Cada detalhe tem sua importância. Por isso a separação da festa em dois momentos é mais bem definida como distinção entre dois espaços/tempos: o espaço/tempo do sagrado e o espaço/tempo do profano.

Evidencio que o espaço aqui tratado não é somente um espaço físico de interação entre elementos naturais e culturais, o espaço vai para além da localidade.

Ales Bello (2019) mostra que o lugar escolhido para as vivências religiosas se torna sempre mais demarcado como lugar onde o sagrado vive. Rosendahl (2002) enfatiza que a comunidade religiosa recorda o espaço à sua maneira, de forma a constituir um ponto fixo em que ela se confina e reencontra suas lembranças. Isso porque, segundo a autora, o homem religioso experimenta a necessidade de viver num mundo organizado, num Cosmo, sejam quais forem às dimensões do espaço que lhe é familiar e no qual ele se sente situado, a sua casa, a sua cidade, a sua igreja. A comunicação com o outro mundo, o mundo transcendental é feita ritualmente nos santuários, o centro por excelência onde o espaço se torna sagrado.

Eliade (2019) discorre que a primeira definição que se pode dar ao sagrado é que ele se opõe ao profano. O homem toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta. Rosendahl (2002) complementa dizendo que os espaços são sagrados onde o sagrado se manifestou. Para o homem religioso essa manifestação pode estar contida num objeto, numa pessoa, em inúmeros lugares. A natureza não é exclusivamente natural ela está carregada de valores sagrados.

Eliade (2019) destaca que a fim de indicar o ato da manifestação do sagrado, foi proposto o termo hierofania. Ele classifica este termo como cômodo, pois não implica nenhuma precisão suplementar, exprime apenas o que está implicado no seu conteúdo etimológico, a saber: que algo de sagrado nos é revelado.

A história das religiões, deste as mais singelas até as mais elaboradas, é constituídas por um número considerável de hierofanias, pelas manifestações das realidades sagradas. O exemplo da manifestação do sagrado num objeto qualquer, uma pedra ou uma árvore, a existência da manifestação de algo de ordem diferente, de uma realidade que não pertence ao nosso mundo, em objetos que fazem parte de nosso mundo natural e profano (ELIADE, 2019).

Em suma, para o homem religioso, o espaço não é homogêneo, o espaço apresenta quebras. Há um espaço sagrado, e por consequência forte, significativo e há outros espaços não-sagrados, e por consequência sem estrutura nem consistência. Para o homem religioso essa não-homogeneidade espacial traduz-se pela experiência de uma oposição entre o espaço sagrado, único que é real, e todo o resto, a extensão informe, que o cerca (ELIADE, 2019).

Rosendahl (2002) escreve que toda religião tem sua história, ou seja, uma memória religiosa feita de tradição que remontam a acontecimentos distantes, frequentemente no passado, e que ocorrem em lugares determinados. Esse lugar é conhecido não porque se viu, mas porque se sabe que ele existe que se pode vê-lo e cuja existência é garantida por testemunho.

Os lugares que ficam marcados como ponto da manifestação do sagrado, são alvos de visitas dos fiéis. Rosendahl (2002) explica que essas visitas são feitas a um lugar sagrado e vêm acompanhadas do comportamento religioso de pedir graças ou de agradecimentos por graça obtida.

Tuan (1972) salienta que o sagrado é tudo que se destaca do lugar comum e da rotina, nem tudo que é excluído espacialmente é espaço sagrado. Em sua concepção o termo sagrado sugere sentido de ordem, totalidade e força. Os espaços sagrados são espaços onde houve manifestação de uma potência.

No Inhaí, a Igreja e talvez a Serra de Sant'Ana sejam os principais espaços considerados sagrados. A igreja é onde os fiéis vão encontrar a Santa. A Serra de Sant'Ana é o ponto onde,

para os moradores locais, a imagem apareceu. A festa de Sant'Ana está inserida num tempo considerado sagrado, o mês de Julho é o mês de comemoração a Santa, sendo assim, é um tempo sagrado. O momento em que acontece a festa de rua pode ser considerado como o momento do tempo profano, onde a devoção não se manifesta como sendo a principal.

Essa característica da realização das festas de rua com as barraquinhas e shows, é comum em grande parte das festas religiosas católicas realizadas em comunidades rurais. E o conflito muitas vezes é necessário para redefinições do principal motivo da existência das festas que nasceram da crença, da fé, da devoção.

2.5. O motivo da festa

Ales Bello (1998) mostra que o método fenomenológico possui capacidade de remontar até às origens dos fenômenos, não somente descrevê-los nas manifestações exteriores, mas evidenciar as fontes que os produziram. Quando se trata de vivência religiosa, buscamos através da experiência da pessoa compreender o modo como cada fenômeno se mostra dentro de determinada religião, as expressões, os modos e ritos são manifestações da pessoa, do sujeito, ou seja, ele é a fonte de produção do fenômeno, e o fenômeno este é a fé.

É o ser humano que deve ser investigado como produtor das manifestações que foram observadas e, portanto é necessário examinar as suas modalidades expressivas. De modo genial Husserl descobriu a origem das várias maneiras de pensar o mundo nas “vivências”, isto é, nas formas em que se configuram interiormente tais experiências. Não se trata por certo de uma produção do tipo idealista mas do estudo da forma em que a realidade é percebida (ALES BELLO, 1998, p. 12).

Enquanto Rosendahl (1995) destaca que a preocupação com a experiência religiosa de indivíduos e grupos sociais representa tópico central em várias ciências dedicadas ao estudo do homem, Mahfoud (2003) defende que Geraldus Van Der Leeuw (1964) propõe a Fenomenologia da Religião para superar o reducionismo operado por muitas dessas ciências. Com a atenção à experiência preconizada pela fenomenologia, procura-se iluminar as estruturas internas dos fenômenos religiosos, evitando teorias que pretendessem explicar a religião por algo que não fosse à religião mesma.

A experiência religiosa é então tomada como resposta do homem que se encontra frente ao mistério, que se depara com a Potência misteriosa (VAN DER LEEUW, 1964). À

fenomenologia da religião cabe descrever, compreender e interpretar estas ações e os relacionamentos que se formam entre o homem e a potência misteriosa (MAHFOUD, 2003).

Araújo e Mahfoud (2004) assinalam que a experiência religiosa caracteriza-se por ser um relacionamento com o mistério admitido e reconhecido dentro da vida presente numa figura que porta significado totalizante. A devoção à santa padroeira é caminho privilegiado de vivenciar esse relacionamento com o mistério.

A religião nunca é apenas metafísica, em todos os povos, as formas e objetos de culto são rodeados por uma aura de profunda seriedade moral. O lugar sagrado possui um sentido de obrigação intrínseca, ele encoraja e exige uma devoção, não apenas induz a aceitação intelectual como reforça o compromisso emocional do devoto (ROSEND AHL, 1995).

Rosendahl (2002) explica que a cultura local reflete o alto nível de sacralidade nas práticas de rezas, promessas e romarias. Estas práticas tomam a forma simbólico-religiosa centralizada nos santos. É em torno deles que gira todo o catolicismo popular. Há santos canonizados pela Igreja, santos locais e diversos outros.

Em comunidades rurais as festas religiosas em comemoração a santos locais são uma prática comum. Rosendahl (2002) enfatiza que as festividades religiosas marcam o tempo sagrado nas localidades em que se comemoram um santo. Ela destaca que cada cidade possui seu calendário religioso, com as festas dos seus padroeiros e que o culto popular nestes locais assume importância maior que as do ciclo litúrgico oficial.

Essas manifestações religiosas atraem uma diversidade de fiéis. Pessoas que acreditam e confiam no poder do milagre e na força da fé. Rosendahl (2002) pondera que a fé identifica o crente num sistema religioso e o investe de poderes que ele só adquire em sua experiência religiosa. A fé leva a crer que tudo seja possível para Deus e, desta forma, tudo pode ser possível para o homem. Neste contexto, a autora entende que a fé significa liberdade, uma liberdade que permite ao homem participar ontologicamente da existência de Deus, uma liberdade que encontra sua validade e seu apoio em Deus.

Pereira (2003) mostra que a linguagem comum entende por devoção o ato de dedicar-se ou consagrar-se a alguém ou à divindade, um sentimento religioso, o culto, prática religiosa, uma veneração. O autor ainda enfatiza que a devoção nasce de uma crença em determinados poderes sobrenaturais que o santo de devoção possa ter manifestado em um acontecimento extraordinário, como milagres ou algo do gênero, que a pessoa vivenciou ou que ouviu dizer que tenha ocorrido.

A lealdade ao santo manifesta-se, sobretudo, no exato cumprimento das promessas feitas. Na relação devocional, a promessa é algo fundamental e precisa ser cumprido, o devoto não

pode ficar em débito com o santo, pois a próxima vez que precisar, ele pode não ser atendido, ou até mesmo castigado (PEREIRA, 2003).

Pereira (2003) destaca que a devoção tem como característica a fidelidade, o pacto entre o santo e o devoto. A devoção propriamente dita pertenceu e pertence mais ao âmbito das camadas populares. Ela ajuda a manter acessa a chama da esperança diante das realidades de crise e sofrimento.

Ela ajuda também a manter as pessoas reunidas em torno de algo que as transcende. E qual a importância dessa re-união para a festa enquanto fenômeno? É preciso uma comunidade para que a festa aconteça? Mas o que é a comunidade?

2.6. Festejar para re-unir

Não é fácil estudar o conceito de comunidade, a geografia e a filosofia abraçam este tema, mas é importante destacar que ele apresenta diferentes denominações. A comunidade é sentida? É sentimento? Palavras se embarçam umas nas outras, uma mistura de ideias que confundem a minha mente. A comunidade pode ser a mesma para diferentes pessoas? Acredito que não! Perguntas sem respostas. O que é a comunidade? Para me auxiliar nesta reflexão trago autores que se baseiam na obra da Edith Stein.

De acordo com Araújo (2008) a compreensão do viver conscientemente, a pertença, refere-se ao fato objetivo de uma pessoa encontrar-se dentro de uma comunidade, receber dela uma formação e desempenhar determinadas funções.

A consciência do pertencer consiste na busca de uma apropriação daquela herança por parte do sujeito que a recebe, possibilitando uma participação e uma contribuição que revelem sua marca pessoal. Tal consciência do pertencer tem o seu início na responsabilidade com a comunidade em que o sujeito se encontra na medida em que, integrado a esta, em seus diversos âmbitos, se sente chamado a constitui-la. O seu valor incomparável não está na contribuição em si que dará à história, mas no fato de que responde a esse chamado (ARAÚJO, 2008).

Cruz (2018) destaca que a palavra comunidade pode, na língua portuguesa, gerar diversas interpretações, ela explica que não se trata somente de uma “comum unidade”, a palavra vem do latim, *communio*, que por sua vez vem do grego *Koinonia*, que significa um grupo de pessoas que vivem em comunhão, e a palavra comunhão significa participação, relação, estar-em, pertencer-em.

A vida em comunidade se dá pela construção de várias pessoas, cada qual com suas vivências individuais. É na convivência pessoal que se dá o processo de empatizar, que colabora para que a pessoa se forme cada vez mais plena, podendo desenvolver todas as suas potencialidades humanas e sociais (CRUZ, 2018).

Stein (2003) mostra que a comunidade é construída por pessoas e também por um organismo de membros de várias maneiras. Para a compreensão da comunidade, o que é a comunidade, a fenomenóloga ressalta que é necessário analisar a formação da pessoa, antes de tudo é preciso conhecer que é a pessoa, e então compreender como ela se forma para a comunidade e como a comunidade se forma para a pessoa.

Stein (2003) elenca que a pessoa humana é dotada de uma disposição humana comum e se relaciona por natureza com seus pares. Onde quer que o ser humano esteja junto, uma compreensão e uma comunhão de vida começam e nelas eles crescem juntos para certas formas sociais concretas que chamamos de comunidade. Concomitantemente, é importante destacar que as pessoas possuem uma peculiaridade única, a individualidade faz parte do ser e nunca se perde. Nas palavras de Stein (2003, p. 137):

A pessoa humana é dotada de uma disposição comum-humana e se relaciona por natureza com seus semelhantes, de modo que, onde os homens estão juntos, começa uma compreensão e uma comunhão de vida na qual crescem juntos em direção ao certo e concreto com formas sociais que chamamos de comunidades. Mas, acima de tudo, os homens são dotados de uma disposição individual, uma peculiaridade única, contra a qual a comunidade de sentir, pensar e agir encontra um limite. A comunidade é um corpo com muitos membros e a multiplicidade de individualidades corresponde à multiplicidade de funções no grande corpo.

Para Cruz (2018) uma comunidade verdadeira não é apenas um agrupamento de pessoas, e sim uma fundamentação através da comunhão que se alegra quando está alicerçada nos valores que a constituem. Valores que não nascem e nem morrem, pois são eternos, e quando vividos em profundidade, fazem com que cada pessoa se torne melhor. Assim, os valores mesmos se traduzem na expressão da vida pessoal e comunitária.

Coelho Júnior e Mahfoud (2006) discorrem que a comunidade participa desde o início do processo de formação da pessoa, inicialmente através da comunidade da família, na qual as primeiras necessidades físicas e espirituais são respondidas e as condições de desenvolvimento são garantidas. Eles destacam que aos poucos a pessoa vai se introduzindo em outras comunidades e vendo despertar em si uma série de aptidões que ainda poderiam permanecer adormecidas.

A comunidade pode ser identificada objetivamente como uma forma de agrupamento social como são as famílias, os povos, as comunidades científicas, religiosas, entre outros. A definição do tipo de agrupamento social que está sendo observado somente pode ser identificada através da análise do tipo de vivências das pessoas em relação umas com as outras (COELHO JÚNIOR E MAHFOUD, 2006). Portanto, a forma como as vivências são compartilhadas, acolhidas, manipuladas, definirá um caráter típico do agrupamento social identificado como comunidade, sociedade³ ou massa⁴.

Pensando na estrutura da experiência da comunidade, Stein (2005) narra o exemplo de uma tropa do exército que sofre pela perda de seu comandante. Temos uma pluralidade de eus individuais, sendo verdade que o eu individual está cheio de sentimentos de luto, mas este eu não se encontra sozinho nesta tristeza. Existe um sentido de “nossa” dor pelo fato de que há outras pessoas que partilham da mesma situação: o meu eu também participa como membro de uma comunidade, todas são afetados pela perda do comandante. Em suma, é o nós que tem o sentimento de luto, a vivência é em nome de todo o grupo e de todos os que pertencem a ele: o grupo é o sujeito da experiência da comunidade e neste sentido a experiência comunitária acontece.

A pessoa vive, sente, atua como um membro da comunidade, e na medida em que o faz, a comunidade vive, sente e age nele e por meio dele, mas quando ele se torna ciente de experimentar ou refletir sobre isso, então não é a comunidade que está ciente do que ela vivência, mas o indivíduo tem ciência do que a comunidade vivência nele (STEIN, 2005, p 353).

É importante destacar que o assunto da comunidade de que estamos falando não deve ser compreendido como ‘eu puro’, idêntico ao eu individual (...). A experiência comunitária não brota do sujeito comunitário da mesma forma que a experiência individual brota do eu individual, que, em sua individualidade, se caracteriza como lugar de origem suprema. As experiências da comunidade, como as individuais, têm sua origem, em última instância, nos indivíduos que pertencem à comunidade. (STEIN, 2005, p. 348).

Stein (2003, 2005) destaca que na comunidade a pessoa aceita outrem como sujeito, está diante dele, como também vive com ele e é determinada por seus movimentos vitais. A pessoa não é absorvida na vida da comunidade, sua particularidade não só é preservada na vida da comunidade, mas é necessária para a configuração da personalidade e do caráter próprio desta

³ A sociedade pode ser identificada pela sua estrutura, onde as pessoas se relacionam em função de um objetivo comum e definido. As reuniões de associações pode ser um exemplo de sociedade.

⁴ A massa pode ser entendida por uma conexão de pessoas que não possuem vínculos entre si, mas se comportam de maneira semelhante em geral em virtude de contágio psíquico e/ou pela influência de um líder.

última. Mesmo identificados traços tipicamente comunitários na pessoa, traços de caráter semelhantes aos demais membros, ainda assim ela pode preservar sua peculiaridade individual. É isto que nos permite afirmar que alguns tipos específicos de vivências podem ser considerados simultaneamente como individuais e comunitários. Individual porque é um eu quem vivencia segundo sua coloração específica, e comunitária devido ao correlato significativo comum.

Rosa (2018) discorre que no mundo encontramos comunidades reais se que configuram de diversas maneiras, como as famílias e povos. Nas relações comunitárias, o homem contribui e recebe influências de outros indivíduos, existe uma troca espiritual, não somente para a formação pessoal, como também para a formação da própria comunidade. É na comunidade que o indivíduo estabelece e desenvolve suas potencialidades.

A comunidade não é observada no seu aspecto objetivo como forma social, mas é olhada por dentro a partir daqueles aspectos constitutivos formados pelas experiências de seus membros. Realizando uma análise das vivências de uma pessoa, verificamos que existem algumas vivências que são consideradas como “individuais”, que se referem apenas a um significado pessoal e que não entram na constituição das vivências comunitárias; e outras vivências consideradas como “supraindividuais” que se referem àqueles tipos de vivências que entram na constituição das vivências propriamente comunitárias. (COELHO JÚNIOR; MAHFOUD, 2006, p. 10).

De acordo com Stein (2005) a comunidade é estruturada por meio das pessoas, estas a enriquecem e também são enriquecidas, mas somente em uma comunidade genuína a pessoa poderá alcançar uma verdadeira formação.

Também sabemos que a comunidade possui uma energia vital da qual nutre sua experiência; que as pessoas contribuem e são nutridas por essa fonte de energia, mas não precisam viver como membros da comunidade com todas as energias disponíveis. Na experiência da comunidade, abre-se para ela um mundo dotado de sentido. Mais uma vez, são as pessoas que, com a sua ação espiritual, constituem o mundo da comunidade e, ao mesmo tempo, nem tudo o que pertence ao seu mundo espiritual entra no mundo da comunidade. (STEIN, 2005, p. 407).

Rosa (2018) discorre que não há energia vital da comunidade, mas uma energia vital de seus elementos que distribui qualitativamente de diversas maneiras, proporcionando à comunidade impulsos poderosos. Stein (2005) evidencia que as pessoas não contribuem total e indivisivelmente com sua energia para a comunidade, mas são consideradas apenas como fontes de energia, cada uma retém para sua vida certo “depósito”.

Stein (2005) mostra que cada pessoa pertence a uma série de comunidades, nas quais distribui suas energias, e que elas podem eventualmente reclamar tais energias em uma extensão muito diversa. A fenomenóloga cita o exemplo: é possível que alguém, em seu círculo de

amigos, seja a “alma do grupo”, o elemento animador, eventualmente sem ser o líder espiritual determinando as diretrizes da vida comunitária.

Com efeito, devemos ter presente que toda a vida da comunidade se alimenta do abastecimento comum de energia, e é possível que alguém realize atos a serviço da comunidade, que não podem ser sustentados pelas energias que faz fluir pessoalmente, para a comunidade. Além disso, é até concebível que uma pessoa use para sua própria vida individual as energias que fluem para ela da comunidade, retirando-as assim da própria comunidade. Isso nos leva a uma questão da maior importância para a transmissão de energia de uma pessoa para outro e para o fato de que a causalidade psíquica supera a vida individual. (STEIN, 2005, p. 414).

Podemos analisar que cada comunidade possui, dentre seus membros, pessoas que com a sua peculiaridade e subjetividade tornam-se elementos essenciais para a sua constituição, a sua forma orgânica depende disso. Esta é a definição do núcleo da comunidade. Coelho Júnior e Mahfoud (2006) afirmam que apesar de identificarmos as variações na forma como as pessoas vivenciam esse núcleo, estas vivências remetem sempre a um eixo de significado comum resguardado sua tipicamente comunitária.

Uma comunidade pode se estruturar em torno de vivências religiosas. Em muitos casos, a crença é apresentada desde a infância, ou seja, pela primeira comunidade que é a família, e a pessoa que segue seus pressupostos passa a fazer parte de uma comunidade religiosa. Coelho Júnior (2006) esclarece que a vivência religiosa pode ser uma vivência pessoal, mas também pode constituir-se enquanto uma vivência comunitária. Ele destaca que o fato de uma pessoa estar vivenciando um conteúdo sagrado ao lado de outra não é o suficiente para definirmos uma vivência religiosa como comunitária, não se trata de apenas estar próximo. Sendo assim ele questiona: como a vivência religiosa individual pode se constituir como uma vivência religiosa comunitária? Quais são os elementos que permitem identificar uma vivência religiosa enquanto vivência comunitária?

Buscando respostas a tais questionamentos nas análises fenomenológicas de Stein, Coelho Júnior (2006) explica que, para reconhecer como a vivência religiosa individual passa a constituir-se como vivência religiosa comunitária, é preciso referir-se à origem da vivência religiosa, ou seja, como a vivência religiosa é despertada em cada pessoa.

Outro modo de reconhecer a origem de uma vivência religiosa comunitária está ligado a situações onde a pessoa sente-se surpreendida com a graça que lhe vem ao encontro, mesmo que esta pessoa não tenha se dedicado ou se esforçado em atos que expressassem um pedido. Isso acontece quando outra pessoa coloca-se como mediadora do pedido e realiza orações na

intenção da graça ser atendida. São questões que escapam da compreensão lógica e que só podem ser entendidas por meio da fé (COELHO JÚNIOR, 2006, p.104).

De acordo com Coelho Júnior (2006) na vivência religiosa que nasce deste encontro com a graça que vem como resposta a orações de outra pessoa, e a primeira pessoa acolhe esta graça, a experiência passa a não ser única. É uma experiência que conecta pessoas numa comunidade espiritual que se relaciona a uma mesma fonte de graça, desta forma, temos uma experiência envolta de comunhão e solidariedade, caracterizando assim uma vivência propriamente comunitária.

O distrito do Inhaí é definido pela sua população e reconhecido por nós como comunidade. É fato que, no Brasil, muitas vezes essa definição é banalizada na linguagem cotidiana, de modo são denominados como comunidades quaisquer povoamentos rurais ou núcleos urbanos em situação de vulnerabilidade social. Superando essa definição da atitude natural, identificamos que no Inhaí, a comunidade é entendida por eles como modo de viver tranquilamente e em paz, pois lá existe a possibilidade de “todo mundo conhecer todo mundo”. Em nossas análises, vimos como a festa se estrutura como ação que afirma e reafirma a re-união comunitária, seja ao propiciar reencontros, reunir muita gente, convidar a estar juntos em louvor. Mesmo com as divergências e colorações pessoais nos modos de relatar o que é a festa, as vivências que a estruturam são tipicamente comunitárias pois referem-se a dinâmicas de agregação e continuidade.

Como afirmam Coelho Júnior e Mahfoud (2006), as vivências propriamente comunitárias agem na direção de possibilitar a apreensão de significados e valores compartilhados, suscitar propósitos que motivarão as ações concretas da pessoa e de seu posicionamento diante dos outros. Nesse processo, podem ser criadas coletivamente obras culturais que fortalecem a vida da comunidade, as quais, por sua vez influenciarão de modo mais efetivo os processos de formação pessoal.

A festa de Sant’Ana pode ser entendida como uma obra cultural que fortalece a comunidade e é fortalecida por ela. As mudanças que vêm ocorrendo traduzem visões distintas sobre o que pode favorecer mais aquela vivência originária da celebração como re-união. Nesse sentido, entendemos que hoje, dentro da comunidade em geral, destaca-se a comunidade paroquial, ou seja, a comunidade religiosa na qual eles partilham do mesmo objetivo que é a devoção a Sant’Ana.

A experiência de fé e devoção a Sant’Ana do Inhaí pode ser caracterizada como sendo uma vivência comunitária por fazer parte de uma experiência de nós. Como destacado por Coelho Júnior (2006), a vivência comunitária implica um reconhecimento de uma experiência

de “nós”, uma experiência de pertença. No Inhaí, a população se sente pertencente ao grupo que cultua fé a uma santa, padroeira local. Juntos eles compartilham orações e pedidos, alcançam graças e agradecem. Alguns não se dizem devotos, mas reconhecem no culto à Sant’Ana esse movimento agregador da comunidade. Quase todos enfatizam que antigamente a devoção era maior, um sinal que pode indicar que possa estar ameaçada a renovação do núcleo de pessoas que sustentam a vivência comunitária religiosa.

Nas comunidades religiosas há todo um comprometimento de pessoas que, a partir de sua experiência de fé, envolvem outras pessoas com seus testemunhos. Na comunidade do Inhaí, acontece exatamente assim, a crença religiosa por Sant’Ana é aprendida desde pequenos nas famílias católicas, os mais velhos ensinam aos mais novos a importância da devoção à Santa Mestra. Os pais rezam pelos filhos, alcançam graças e compartilha tal experiência de graça atendida, a qual é aceita pelos filhos que passam a orar juntos desenvolvendo a fé.

A devoção pode ter diferentes graus de intensidade e ainda ser uma devoção. No Inhaí a devoção seguirá ou poderá ser resgatada como ponto maior? Se o espaço/tempo profano sufocar o sagrado, os encontros e reencontros nos momentos de festa ainda serão capazes de manter a comunidade unida? A dúvida que inquieta até mesmo os membros que não se reconhecem devotos lança um desafio que somente eles, enquanto comunidade, poderão responder. Identificamos sinais de resistência das vivências comunitárias de agregação na oferta do doce que foi retirada da festa, mas sobrevive nas casas; no querer voltar todo ano e se alegrar à distância com seu crescimento; na tentativa de resgatar modos antigos de celebrar.

3. O caminho trilhado rumo à experiência-tipo

Buscando um mergulho profundo em minha experiência, percebo o quão difícil é falar sobre a minha vivência como pesquisadora. A festa de Sant'Ana do Inhaí é algo que fez parte de uma fase da minha vida, a minha infância. À qual eu retornei em minha vida adulta com outros olhares. A escolha por trabalhar com algo que eu vivenciei e pude sentir foi inteiramente intencional e emocional. Foi por sentir, pelo arrepio e pelo misto de emoções que moviam o meu corpo.

A Festa de Sant'Ana me aparece como tema de modo inesperado. Gostaria de vivenciar mais sobre aquilo ali e assim teve início o trabalho de campo, no qual busquei estar atenta às contribuições de Brandão (2007) para compreender a dinâmica social da comunidade. Conversar com as pessoas e ser acolhida da forma que fui, era um prazer enorme. Confesso que tenho medo de passar por pontes e que tinha pavor de passar pela ponte da Amizade, na verdade muito pavor, fechava os olhos para não ver nada, mas o frio na barriga e uma sensação de ficar gelada tomava conta do meu corpo. Era um desafio passar por ali, mas eu também sabia da importância daquela ponte.

Mesmo já conhecendo o Inhaí, eu era uma intrusa. Muitas pessoas me olhavam, eu seguia sozinha com uma pequena bolsa no ônibus onde todos conheciam todos, menos eu. A hospitalidade das pessoas é um fato a ser destacado. Fiquei com vergonha nos primeiros minutos, mas depois me sentia como alguém de lá. Entrei em várias cozinhas, em muitos quintais e comi em todas as casas. Nesse clima de intimidade, tentei sempre seguir o modo de elaboração das pessoas com quem conversava, respeitando o encadeamento de assuntos tal como proposto por elas (BARREIRA; RANIERI, 2013). Sempre que permitido, as conversas foram gravadas para serem depois analisadas. A autorização foi formalizada na assinatura dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido.

A Pandemia chegou e me tirou o direito de poder voltar ao Inhaí em segurança, principalmente para as famílias que lá estão. Não é o momento para o que eles gostam de fazer, levar as pessoas desconhecidas (no meu caso) para dentro de casa, não é o momento para eu sair e colocar vidas em risco, não é o momento de fazer o que eles mais gostam em relação à festa, se reunir.

Os dias são outros, as redes sociais são uma resposta para estarmos mais próximos. Guiada por minha amiga Ihara, pude completar a amostragem intencional de participantes (GIL, 2008) tendo como critério privilegiar a diversidade de perspectivas sobre a festa. À distância, da mesma forma as pessoas foram acolhedoras, se mostraram dispostas a conversar, como disse

a Tuca, com gente que se interessa pelo que eles têm para apresentar. Assim colhi relatos de forma remota, sempre com autorização para utilizá-los na pesquisa.

Pude aprender nestes anos muitas coisas. Aprendi a ser mais paciente, aprendi a deixar meu coração falar e não atropelar meus sentimentos aprendi a ouvir, a principalmente a ouvir. As pessoas gostam quando nos interessamos por um assunto que elas vivenciam, as pessoas gostam de falar, mas tudo em seu momento. Tudo com respeito. As pausas, os suspiros, o “deixa pra lá”, não quero, não gostaria. As pessoas se abrem e se emocionam quando sabemos nos aproximar.

Eu me perdi, muitas vezes, em toda a trajetória. Pensei em desistir, mas persisti. Nunca havia transcrito relatos, palavras por palavras. Foi árduo, cansativo e até mesmo estressante. Mas ouvir as pessoas falarem, e ouvir mais uma vez e outra vez, me instigava. Às vezes uma coisa importante passava despercebida, mas na segunda vez eu já podia notar. Depois de tudo transcrito, muita coisa aparecia entre linhas. Dava pra ler com a voz da pessoa.

E lendo e relendo os relatos foram emergindo os sentidos essenciais da festa para a comunidade. O caminho para identifica-los se baseou na obra de Van Der Leeuw (1964), que enumera diretrizes que devem ser levadas em consideração para a apreensão as essência dos fenômenos. A primeira dessas diretrizes é a Nomeação, isto é, dar nomes para reagrupar os fenômenos. Concomitantemente se faz a Inserção: inserir a própria vida na experiência vivida de outrem, pois é preciso viver aquilo que se mostra. Outra diretriz é que essa Inserção seja entre parênteses (*epochè*), para o pesquisador não se perder no objeto de investigação e nem no ego. Assim é possível chegar à Elucidação: clarificar o que se olha, buscar conexões. Todos esses passos levam à Compreensão: quando o fato se torna dado e emerge a experiência-tipo. E devem ser acompanhados pela Retificação contínua, que significa estar pronto para revisar os documentos e os fatos, acolhendo sugestões para aprimorar a compreensão do fenômeno. Por fim, a diretriz da Reconstrução, chama atenção à importância de falar o que foi compreendido de certo modo que seja fiel ao fenômeno que se revelou a nós.

Buscando seguir as diretrizes de van der Leeuw (1964) foi se delineando uma forma de organizar essas compreensões que preservasse a vitalidade das experiências. Assim, a primeira parte do trabalho traz experiências relatadas pelas pessoas que abriram espaço em suas vidas para compartilhar algo comigo. É a análise dos sentidos da festa para elas somada à minha experiência enquanto ouvinte, observadora e estrangeira junto da vida deles. Como dito na Introdução, essa forma de organizar a dissertação começando pelos resultados é uma forma de enfatizar a centralidade da experiência inspirada nas obras de Mahfoud (2003) e Leite (2016).

Na primeira seção *“Menina! Você é filha de quem?”*, faço o exercício de transcrever as minhas sensações e indagações com o auxílio do meu caderno de campo. Ele foi essencial para me remeter àquele momento novamente na hora da escrita da dissertação.

No caminho até o Inhaí pude observar muitas coisas, as pessoas acomodadas em suas poltronas num “converseiro só”. A pergunta direcionada a mim, diz muita coisa em relação à vida em lugares pequenos. Você é filha de quem? É uma forma de me identificar como pessoa, como identificar a quem eu possa pertencer, de qual família eu sou. No Inhaí posso ser identificada como a menina que ficou na casa de Ivani, Ingrid de Ivani. Em Diamantina sou Ingrid neta de Vera.

Nas cidades grandes mal sabemos quem são nossos vizinhos, em lugares pequenos buscamos conhecer todo mundo. Eu sou nascida em cidade grande, sou de Belo Horizonte (somente de nascença) e quando tinha dez anos de idade fui para uma cidade “grande” junto de minha mãe: mudei de Diamantina para Sete Lagoas. Mas a minha alma pertence ao lugar que eu possa ser filha de Eliana, daquele pessoal de Vera.

Na seção *“Um momento muito especial, a melhor época do ano”*, transcrevo os relatos das pessoas em relação ao momento em que chega a Festa de Sant’Ana, a época mais esperada do ano. Um momento de grande importância para as famílias católicas daquele lugar.

Lembro-me exatamente de três grandes momentos de fé que carrego. Talvez seja algo aprendido com a minha família, mas que eu sinto a necessidade de viver aquele momento e a ansiedade pela sua chegada: a Semana Santa, o dia de Nossa Senhora Aparecida e o Natal. Do mesmo modo que para algumas pessoas do Inhaí, estes momentos são ansiados o ano inteiro por mim. E depois de adulta criei o meu sentido para comemorar estas datas.

No ano de 2019, em que participei da Festa de Sant’Ana do Inhaí, tive sensações parecidas com o sentimento que signifiquei para os meus momentos de fé. A festa me despertou emoções inexplicáveis com a elaboração da Potência e do sagrado vindo até a mim. Como relatado por Ales Bello (1998), o ser humano tem a necessidade de vivenciar algo sagrado para significar a vida, e a fé é uma manifestação da crença naquele que identificamos como sagrado.

Em *“Hoje em dia o pessoal vem pra festa com o intuito de aproveitar a rua”*, os momentos em que as pessoas podem parar e criar uma pausa, um momento de descanso são geralmente os feriados religiosos. A devoção é um ponto de grande importância para a realização da festa, como dito por Josef Pieper (1974) celebrar uma festa, significa colocar-se na presença da divindade. E as pessoas re-significam tais momentos, a festa cresce e toma grandes proporções e outros sentidos surgem, como é o caso da Festa de Sant’Ana do Inhaí.

Em “*A devoção como ponto maior*”, percebo o movimento de resistência em relação ao sentido de fé que a festa deve manter. Sant’Ana é o motivo da festa, então coloca-se a questão crucial: a devoção, a fé e a crença devem permanecer como pontos essenciais?

Já na seção “*Um ponto de encontros e reencontros*”, observo os novos significados que a festa cria. Outras necessidades que são postas como importantes também. O encontro de pessoas, o reencontro da família, a re-união da comunidade para celebrar.

Em “*Eu gosto muito do meu lugar*”, analisamos o sentido de estar em união, em comunidade para algumas pessoas do Inhaí, a importância de coisas simples do dia-a-dia, as coisas do mundo-da-vida. O poder de tranquilidade e paz, e conhecer todo mundo.

A organização dos relatos nessas diferentes seções busca apresentar os diferentes sentidos apreendidos, ao mesmo tempo em queremos explicitar a centralidade da experiência das pessoas da comunidade do Inhaí. O reunir para festejar com seus vários sentidos de festa, religiosa, ou não. A divisão em dois tempos e dois espaços, o sagrado e o profano, o real motivo da festa, a festa como união, re-união, como encontro, re-encontro, como fé, como devoção, como aprendizado, como igreja, como rua, como a vida em devoção, como um momento ansiado, como um momento econômico, como só descanso. É a festa, é a festa como um todo, é a Festa de Sant’Ana do Inhaí.

E a festa, com toda sua complexidade, afirma a comunidade também em sua complexidade. A vida da comunidade é difícil, é luta, mas também é feliz, é acolhedora, é saudável. Ser de comunidade é conhecer todo mundo, sentir o cheiro do café sendo torrado, é lutar por avanços políticos, econômicos, culturais e sociais. Ser comunidade é ser força, ser luta, buscar reconhecimento, é mostrar suas belezas e cultura. Ser comunidade é um ato político e de resistência. A festa de Sant’Ana é também um ato de resistência!

4. Discussões: outros espaços, outros momentos

Grande parte da população brasileira tem por religião o catolicismo. Existem diversos santuários e basílicas espalhadas por todo o nosso país. A religião pode ser uma “herança” aprendida em casa, com a família e pode ser também resistência e luta. Apresento aqui a minha experiência com outras festas religiosas de comunidades e também de cidades, as minhas impressões sobre semelhanças e diferenças com a Festa de Sant’Ana do Inhaí, posteriormente busco um diálogo com alguns autores que discutem esta temática.

Em comunidades rurais brasileiras é bastante comum ter uma igreja com um santo padroeiro local. Em Minas Gerais a celebração do dia do padroeiro é algo corriqueiro, são festas pequenas e também festas enormes que acolhem centenas e até milhares de fies.

Para a igreja católica, a Santa Padroeira do Brasil é a Nossa Senhora da Aparecida, que possui toda uma história desde o seu aparecimento para pescadores até a realização de grandes milagres. Sua celebração acontece em todo o território brasileiro no mês de outubro. Assim como a cidade de Aparecida do Norte em São Paulo, muitas outras cidades e também comunidades reservam este mês para festejar e cultivar a padroeira do país.

Na cidade de Diamantina, o Santo padroeiro é o Santo Antônio, santo casamenteiro e conhecido também por ser o santo dos pobres. O mês de junho é reservado para as celebrações devocionais e também para as festas em sua intenção, acontecem barraquinhas, shows, a famosa festa junina, que abrange grande parte da população diamantinense envolvendo algumas escolas da cidade.

Buscando autores que pudessem fazer parte desta discussão encontro o trabalho de Lopes e Gonçalves (2013) “Múltiplas representações da fé do Romeiro da Festa de Nossa Senhora Aparecida em João Pinheiro (MG) na formação da identidade local”. Eles discorrem que a festa de Nossa Senhora Aparecida é uma das mais importantes do calendário católico local, marcando o tempo forte, onde congrega milhares de romeiros em uma peregrinação até a Igrejinha dedicada a Santa.

Como todas as cidades do interior mineiro, mais pontualmente no Noroeste de Minas, em João Pinheiro a sociedade se formou sob os auspícios da religião católica e, ainda hoje, mantém os seus ritos e festas. Durante o ano são celebradas as festas em homenagem aos santos devocionais, destacando-se, dentre eles, a festa em homenagem a Nossa Senhora Aparecida realizada anualmente no dia da padroeira (12/10). (LOPES; GONÇALVES, 2013, p. 6).

São realizadas novenas que antecedem o dia da padroeira em preparação para a celebração da festa, a religião é vista como uma forma de dar sentidos às coisas, o símbolo é

inerente à sociedade, tem significado e significação, e pode ser usado para designar várias coisas ao mesmo tempo (LOPES; GONÇALVES, 2013).

Diferentemente do que acontece no Inhaí, na Festa de Sant'Ana não há peregrinações, a festa concentra centenas de pessoas, que em um certo momento em anos passados, já foram realizadas cavalgadas de fies em direção a Igreja. Assim como em João Pinheiro, a época da Festa é uma das mais importantes para o calendário católico local.

Lopes e Gonçalves (2013) descrevem que as longas distâncias dos grandes centros urbanos, a cidade manteve características da ruralidade no tocante aos costumes e tradições. Ainda em conformidade com os autores, João Pinheiro nasce em decorrência das viagens interioranas na busca pelo ouro, é uma região marcada pela transição dos bandeirantes.

Muitas cidades mineiras nasceram em decorrência da exploração de pedras preciosas, em Diamantina não foi diferente, a cidade se desenvolve através da exploração do ouro e diamantes, seus distritos também ficaram marcados pela exploração do garimpo.

A imagem de Nossa Senhora da Aparecida foi encontrada quebrada em um rio por pescadores, e eles associaram tal fato como um aviso do céu para acontecimentos de milagres. A imagem de Sant'Ana do Inhaí coincidentemente, segundo relatos da população, também foi encontrada por garimpeiros em uma Serra.

Um dos sentidos destacados sobre a Festa de Sant'Ana é o de re-união, estar reunidos em comemoração e adorações, Lopes e Gonçalves (2013) mostram que a crença em Nossa Senhora Aparecida é um fator de identidade que reúne pessoas das mais diferentes faixas etárias, classes sociais e escolaridade.

Outro aspecto interessante que Lopes e Gonçalves (2013) evidenciam é que a religiosidade brasileira é bastante mítica e heterogênea, há uma tendência do povo brasileiro em envolver-se com o sagrado e o profano. Durante essa festividade de comemoração a Nossa Senhora em São Pinheiro, as pessoas se envolvem no mundo do Sagrado, nas celebrações que envolvem a igreja, mas estas se envolvem também no mundo do Profano, o que seria as festividades que acontecem separadas a igreja, no caso as barraquinhas.

Lopes e Gonçalves (2013) elencam que a relação com os mais novos também são pontos em especiais para serem analisados, pois, estes incorporam novidades à festa, mas a força da religiosidade e devoção continua presente, sendo um fato que levaram aos autores a refletir sobre a importância da memória na formação da identidade destes devotos.

Outro aspecto semelhante apresentado por Lopes e Gonçalves (2013) em relação com a Festa de Sant'Ana do Inhaí é o fato de que ela é caracterizada por ser um momento de pausa

nos afazeres e conseqüentemente de grande sociabilidade entre os moradores para a organização e a execução dos festejos.

O trabalho de Silva (2020) “A festa em louvor à Nossa Senhora da Abadia, em Romaria, Minas Gerais: entre o sagrado e o profano (2017-2019)” discorre que os motivos religiosos, e as trocas comerciais deixam a cidade de Romaria Minas Gerais, lotada de pessoas, com interesses diferentes daqueles voltados aos agradecimentos por uma graça alcançada. Uma cidade tão pequena, mas que em alguns dias se transformava muito radicalmente, para receber milhares de pessoas.

Silva (2020) destaca que o sagrado e o profano constituem dois lados de uma mesma situação, com o homem tendo seus ritos e crenças voltados para suas divindades em seus lugares sagrados, derivando do mundo tradicional, extirpando o espaço profano em que habita e convive, nesses momentos em que se entrega à adoração para que cada vez mais esteja perto do sagrado.

Da mesma forma que ocorre na festa de Sant’Ana, Silva (2020) destaca que é possível observar que há dois mundos envolvidos que ocupam o mesmo espaço, do sagrado e do profano na festa da Abadia em Romaria. De um lado, os fiéis, que realizam procissões, missas, pagam promessas através da peregrinação, de outro, as pessoas que auxiliam os romeiros, com doação de água, frutas, em nome da fé, pela devoção à imagem de um santo, representando assim o sagrado.

Silva (2020) destacada a existências de conflitos em relação com os momentos da festa, o sagrado e o profano, ela cita que dentro da estrutura da Igreja católica, a organização das festas religiosas é realizada como uma forma de homenagear o santo padroeiro ou outro que tivesse a devoção. Se por um lado essas festas demonstrava a fé das pessoas na religião católica, do outro algumas pessoas da igreja e fora dela não aprovavam, pois acreditava que tais festas misturavam o sagrado e o profano.

O trabalho de Santos e Kinn (2009), “Festas: Tradições reinventadas nos espaços rurais dos cerrados de Minas Gerais” aborda Festa como uma manifestação cultural privilegiada ao modo de vida rural do vale do Rio Araguari, na região do Triângulo Mineiro.

Santos e Kinn (2009) discorrem que por iniciativa das comunidades, as capelas eram erguidas e nelas se iniciaram os encontros religiosos e as comemorações dos dias dos santos católicos, principalmente dos padroeiros das comunidades. As capelas recebiam o nome do santo padroeiro e se tornaram o lugar de práticas religiosas e por consequência um lugar de encontro e de reencontro de pessoas.

A festa aparece como uma junção do sagrado e do profano, dando a religiosidade das pessoas um aspecto popular. A partir das festas, é possível analisar as estratégias e os arranjos comunitários, fundamentados em experiências vividas individuais e em comunidade (SANTOS; KINN, 2009).

As festas surgem como um acontecimento marcado pelo encontro, criação e fortalecimento de uma teia de relações sociais, elas são manifestações da comunidade pela necessidade de busca de sentidos, tendo nos santos padroeiros seus principais mediadores (SANTOS; KINN, 2009).

Assim como no Inhaí, Santos e Kinn (2020) em seu trabalho enumeram questões presentes em ambos espaços. A questão da devoção, da importância da inclusão dos mais jovens nos momentos festivos, as diferenças entre o tempo de antigamente e o tempo de hoje, e o momento de re-união.

Neste diálogo entre o que aprendemos no Inhaí e o que outros pesquisadores tematizam sobre festas religiosas católicas em várias regiões de Minas Gerais, reafirma-se o poder de união e de reunião das festas para um propósito, seja devocional ou talvez não. O significado maior de festa é a união de pessoas para celebrar algo. As festas religiosas têm essa característica muito marcada, especialmente em comunidades rurais, pelo fato de poder voltar a sua terra, poder criar uma pausa e descansar, estar ali e seguir com a tradição devocional da família.

A festa de Sant'Ana pode ser re-união de pessoas, a Festa de Nossa Senhora da Aparecida também. A Festa de Santa Rita de Cássia pode ser marcada pela devoção, a Festa de São Geraldo também. As festas possuem muitos sentidos.

5. Novas aberturas, outras possibilidades

Lembro-me de quando iniciei a minha vida acadêmica na Fenomenologia. Mal sabia que poderia ser o que quisesse, e que poderia estudar o que alimentasse a minha alma. A fenomenologia me proporciona muitas coisas e uma delas é deixar a emoção e meus sentimentos florirem.

Neste momento, com o choro engasgado, escrevo meus sentimentos com este trabalho. Foram dias difíceis e alguns poucos dias fáceis demais para a minha imaginação. A decisão pela mudança no tema a ser tratado me criava um ânimo inexplicável e do mesmo modo, o medo vinha junto.

A minha experiência na festa como pesquisadora foi rápida, aproveitei o máximo em 2019, voltei para conversar e conhecer as pessoas com calma e muita paciência. Eu acreditava que tinha tempo, sem saber que em 2020 não voltaria ao lugar fisicamente. Mas voltei várias vezes nas conversas pelas redes sociais, pelas transmissões ao vivo.

A festa de Sant'Ana para mim, é um momento especial, um momento de graças e adorações. Eu, como uma pessoa vinda de família católica, percebo e sinto a importância desta celebração, o que se sente não é possível descrever. É um arrepio e uma força maior que toma conta do meu corpo e do espírito. Mesmo assim quis me atrever a entender mais a festa, a partir da perspectiva das pessoas da comunidade.

E o que tive como resposta?

E o Inhai é comunidade. Todo mundo conhece todo mundo. *“É uma coisa gostosa viver em comunidade, viver em família, o calor humano, todo mundo preocupa com todo mundo”*. O Inhai é um lugar, tem pertencimento, *“eu defendo muito, minha comunidade... O Inhai é maravilhoso”*. *“Gosto. Adoro, nossa, minha terra... sou apaixonada”*.

A festa de Sant'Ana é fé, é crença, é devoção. *“A devoção é o ponto maior”*. *“É um momento de profunda devoção”*. *“A gente gosta, pra abençoar a gente”*. A festa de Sant'Ana também é um momento de pausa, é um momento para encontrar e reencontrar, é união e reunião, é desavenças e conflitos. A festa de Sant'Ana é momento para gerar renda. A festa de Sant'Ana é a igreja, a festa de Sant'Ana é a rua. A festa de Sant'Ana é tradição.

Para além de todas as celebrações religiosas a festa é também um movimento de luta, daqueles que estão ali, em comunidades que nem sempre são lembradas. A festa é um momento de sociabilidade e também de circulação de renda. A festa é resistência.

A festa de Sant'Ana apresentou em seus vários anos muitas mudanças e adaptações. Ela era pequena, cresceu, tomou proporções inesperadas, criou polêmicas e divisões. Tem a

possibilidade de retornar a ser mais simples, menor, atendendo ao gosto de uns, e gerando desgosto em outros. Assim também é a vida, num momento buscamos mudar, nos adaptarmos, crescemos, às vezes caímos, nos levantamos e seguimos em frente com o propósito de viver dia após dia. A festa busca se reinventar ano após ano, para se manter viva.

Eu desejo que a festa possa continuar, para serem repassadas às novas gerações sua história, sua importância, o seu significado e os seus diversos sentidos.

Este trabalho é apenas o começo para novas aberturas e novas possibilidades de estudo que podem ser desenvolvidas num Doutorado.

Agradeço a comunidade do Inhaí, a todas as pessoas que compartilharam experiências comigo, a todas as famílias. Agradeço pelo teto, pela comida, pelo apoio de vocês, Lúcia Maria, Paula, Ihara, Dona Alice, Tuca, Dona Mercês, Jandívison, Dona Jaci, Ivani, Ivania, Léia e Ana Tereza. Sou grata a toda a comunidade do Inhaí.

REFERÊNCIAS

- ALES BELLO, Angela. **Culturas e religiões**: uma leitura fenomenológica. Tradução de A. Angonese. Bauru: Edusc, 1998.
- ALES BELLO, Angela. **Fenomenologia e ciências humanas**: psicologia, história e religião. Bauru: Edusc, 2004.
- ALES BELLO, Angela. **O sentido do sagrado**: da arcaicidade à dessacralização. São Paulo: Paulus, 2019.
- AMARAL, Rita de Cássia de Mello Peixoto. **Festa à brasileira**: significados do festejar no país que não é sério. São Paulo. 1998. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.
- ARAÚJO, Renata Amaral. **Uma tradição viva raízes para a alma**: uma análise fenomenológica de experiência de pertencer em uma comunidade rural de Minas Gerais. São Paulo. 2008. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- ARAÚJO, Renata Amaral; MAHFOUD, Miguel. A devoção a Nossa Senhora de Nazareth a partir da elaboração da experiência ontológica de moradores de uma comunidade tradicional. **Memorandum**, vol. 6, p. 25-54, 2004. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6786>>. Acesso em 16 fev. 2021.
- BARREIRA, Cristiano Roque Antunes; RANIERI, Leandro. Aplicação de contribuições de Edith Stein à sistematização de pesquisa fenomenológica em psicologia: a entrevista como fonte de acesso às vivências. In: MAHFOUD, M.; MASSIMI, M. (Org.s). **Edith Stein e a psicologia**: teoria e pesquisa. Belo Horizonte: Artesã, 2013, p. 449-466.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Reflexões sobre como fazer trabalho de campo. **Sociedade e Cultura: Revista de Ciências Sociais**, v. 10, n. 1, p. 11-27, 2007.
- CLAVAL, Paul. A festa religiosa. **Ateliê Geográfico**, vol. 8, n.1. p. 06-29, 2014. Disponível em <<https://www.revistas.ufg.br/atelie/article/view/29952/16526>> Acesso em 01 nov. 2020.
- COELHO JÚNIOR, Achilles Gonçalves. **As especificidades da comunidade religiosa**: Pessoa e comunidade na Obra de Edith Stein. 2006. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.
- COELHO JÚNIOR, Achilles Gonçalves; MAHFOUD, Miguel. A relação pessoa-comunidade na obra de Edith Stein. **Memorandum**, vol. 11, p. 08-27, 2006. Disponível em

<<https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6717>>. Acesso em 15 mai. 2020.

COUTO, Edilece Souza. Devoções, Festas e ritos: algumas considerações. **Revista Brasileira de História das Religiões**, vol. 1, n.1, p. 1-10, 2008. Disponível em <<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/article/view/26618>> Acesso em 01 nov. 2020.

CRUZ, Manuele Porto. **Pessoa, comunidade e empatia em Edith Stein**. 2018. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

DURKHEIM, Emile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Paulinas, 1968.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. São Paulo, Martins Fontes, 2019.

ELIADE, Mircea. **Tratado de história das religiões**. 3ª ed. Lisboa: SA, 1997.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HUSSERL, Edmund. **A crise da humanidade europeia e a filosofia**. 2ª ed. Introdução e tradução de Urbano Zilles. Porto Alegre: Edipucrs, 2002.

LEITE, Roberta Vasconcelos. **Pesquisa Fenomenológica de um encontro intercultural: a experiência de crianças da comunidade tradicional de Morro Vermelho**. Curitiba: Appris, 2016.

LOPES, José Ivan. GONÇALVES, Maria Célia da Silva. Múltiplas representações da fé do Romeiro da festa de Nossa Senhora Aparecida em João Pinheiro (MG) na formação da identidade local. *In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA ORAL, POLÍTICA ÉTICA E CONHECIMENTO XII*. 2014. Teresina. **Anais**. Teresina: Associação Brasileira de História Oral, 2014. p. 01-13. Disponível em <https://www.encontro2014.historiaoral.org.br/resources/anais/8/1398884964_ARQUIVO_MariaCeliaeJoseIvan.pdf>. Acesso em 21 fev. 2021.

MAHFOUD, Miguel. **Folia de Reis, festa raiz: psicologia e experiência religiosa na Estação Ecológica Juréia-Itatins**. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2003

MAHFOUD, Miguel; MASSIMI, Marina. Cultural dynamics in a Brazilian community: representation and re-elaboration of meaning in Morro Vermelho. *In: BASTOS, Ana Cecília Souza; RABINOVICH, Elaine Pedreira (Orgs.). Living in poverty: developmental poetics of cultural realities*. Charlotte: Information Age Publishing, 2009. p. 49-67.

MAHFOUD, Miguel; RIBEIRO, Simone. Experiência religiosa e enraizamento social: festa e devoção de emigrados em visita à comunidade rural de origem. **Videtur**, vol. 6, n. 1, p. 65-72, 1999.

- PÁDUA, Letícia Carolina. **De olho no tempo: as possibilidades de leitura do céu.** Diamantina. 2016. Projeto de pesquisa (Programa Institucional de Iniciação Científica e Tecnológica) – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Diamantina, 2016.
- PEREIRA, José Carlos. A linguagem do corpo na devoção popular do catolicismo. **Revista de Estudos da Religião**, vol. 1, n. 3, p. 67-98, 2003. Disponível em <https://www.pucsp.br/rever/rv3_2003/p_pereira.pdf> Acesso em 15 out. 2020.
- PEREZ, Léa; AMARAL, Leila; MESQUITA, Wania. **Festa:** como perspectiva e em perspectiva. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.
- PIEPER, Josef. **Uma teoria de la fiesta.** Madrid: Rialp, 1974.
- ROSA, Gabriel Mauro da Silva. A estrutura da comunidade: contribuições de Edith Stein em Indivíduo e Comunidade. **Revista Crátilo**, v. 11, n. 2, p. 01-14. 2018. Disponível em <<https://revistas.unipam.edu.br/index.php/cratilo/article/view/757>> Acesso em 10 out. 2020.
- ROSENDAHL, Zeny. **Espaço e religião:** uma abordagem geográfica. 2ª ed. Rio de Janeiro. UERJ, 2002.
- ROSENDAHL, Zeny. Geografia e religião: Uma proposta. **Espaço e Cultura**, vol.1, p. 45-74, 1995. Disponível em <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/3481/2411>> Acesso em 10 mar. 2021.
- SANTOS, Rosselvelt José. KINN, Marli Graniel. Festas: tradições reinventadas nos espaços rurais dos cerrados de Minas Gerais. **Espaço e Cultura**, vol. 26, p. 58-71, 2009.
- SILVA, Jovânia Marques de Oliveira; LOPES, Regina Lúcia Mendonça; DINIZ, Normélia Maria Freire. Fenomenologia. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 61, n. 2, p. 254-257, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v61n2/a18v61n2.pdf>>. Acesso em: 26 set. 2018.
- SILVA, Vanessa Ramos. **A festa em louvor à Nossa Senhora da Abadia, em Romaria, Minas Gerais:** entre o sagrado e o profano (2017-2019). Monografia (Licenciatura em História) – Universidade Federa de Uberlândia. Uberlândia, 2020.
- STEIN, Edith. Fundamentos teóricos de la labor social de formación. In: STEIN, Edith. **Obras completas IV:** escritos antropológicos y pedagógicos – magisterio de vida cristiana, 1926-1933. Vitoria: El Carmen, 2003. p. 127-148.
- STEIN, Edith. Individuo y comunidade. In: STEIN, Edith. **Obras completas II:** escritos filosóficos – etapa fenomenológica, 1915-1920. Burgos: Monte Carmelo, 2005. p. 343-522.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar:** a perspectiva da experiência. Tradução de Livia de Oliveira. Rio Claro: Difel, 2013.

TUAN, Yi-Fu. Sacred Space: exploration of an Idea. In: BUTZER, K. (Org.). **Dimension of Human Geography**. Chicago: University of Chicago, 1972.

VAN DER LEEUW, Gerardus. **Fenomenología de la religión**. Tradução de E. de la Pena. México: Fondo de Cultura Económica, 1964.